Herculano

I

Livrarias Aillaud e Bertrand

LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

HERCULANO

I

VOLUMES PUBLICADOS:

BERNARDES, 1.º vol. *(Nova Floresta).*
BERNARDES, 2.º vol. *(Nova Floresta,* etc.)
FREI LUÍS DE SOUSA, 1.º vol. *(Vida do Arcebispo).*

VOLUMES NO PRELO OU EM PREPARAÇÃO:

LUCENA.
FERNÃO LOPES.
JOÃO DE BARROS.
CAMÕES LÍRICO.
ANTERO DE FIGUEIREDO, etc.

Antologia Portuguesa

organizada por

Agostinho de Campos

HERCULANO

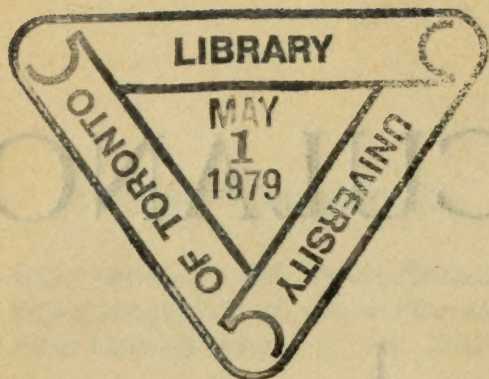
I

Quadros literários da história medieval, peninsular e portuguesa

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON
PORTO

Livraria FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1919

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

Antiga tip: de José Bastos — 100, R. da Alegria — LISBOA

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

I

Plano desta Antologia

POR fins do ano de 1918 convidou-me o sr. Júlio Monteiro Aillaud, chefe da antiqùíssima casa editora a quem pertence a propriedade das obras de Alexandre Herculano, a organizar um volume de *páginas escolhidas* dêste grande escritor português, e outro de trechos selectos dos livros do sr. Antero de Figueiredo, editados todos, ou quási todos, pela mesma acreditada e activa emprêsa de livraria.

Foi dêste duplo convite que veio a germinar e a amadurecer o plano mais largo de uma *Antologia Portuguesa,* onde coubessem extractados não só os escritores contemporâneos vivos ou mortos, mas também, e agora principalmente, os clássicos de maior valor e aprêço na literatura nacional.

Quando chegou o momento de realizar a idea inicial e vaga das *páginas escolhidas* de Alexandre Herculano, pareceu-me que da vasta obra do historiador, novelista e exemplar cidadão, havia não apenas uma, mas duas antologias a tirar: um volume de modelos da sua prosa de reconstrutor artístico do passado, e uma colecção de documentos do seu rígido carácter cívico, onde também avultasse, para não ficar incompleta, outro interessantíssimo aspe-

cto: o de crente liberal, e revoltado contra os modernos dogmas católicos.

Herculano não foi apenas cidadão e novelista; foi principalmente historiador e foi também poeta. Mas o historiador não precisa nem deve retalhar-se, porque os que queiram e possam apreciá-lo como tal teem de ler as suas grandes obras históricas inteiriças e os trabalhos menores que nos *Opúsculos* aparecem como derivações ou complementos daquelas. Quanto ao versificador, não precisa de ser extractado, porque a sua obra métrica (mais métrica do que poética, e menos poética, pela beleza formal, do que muita da sua prosa novelística) está concentrada, tão pouca é, num só e magro volume.

*

* *

¿ Como concebemos e organizámos a antologia literária de Herculano? O presente volume falará por si; mas algumas palavras serão necessárias para justificar perante o leitor o plano adoptado.

Tresentas páginas de texto, escolhidas do *Monasticon*, d'*O Bobo* e das *Lendas e Narrativas*, constituem repositório suficiente para se apreciar o temperamento e o estilo do novelista. Pelo que respeita ao seu talento de composição, à arquitectura dos seus romances, é necessário lê-los inteiros, para se poderem apreciar; e foi por isso que, tendo de recortar alguns trechos do *Eurico*, do *Monge de Cister* e do *Bobo*, nos pareceu bem fazê-lo de modo que cada uma dessas transcrições constituísse um todo, um quadro com unidade em si próprio e com aparente integridade ou independência da intriga geral.

Das novelas mais curtas, incorporadas nos dois volumes das *Lendas e Narrativas*, apresentamos duas, e ambas integralmente: *A dama Pé de Cabra* e o *Alcaide de Santarêm*.

A primeira escolhemo-la não só por ser, para nosso gôsto, uma das obras primas do escritor, senão também porque, talhada com diferente corte e escrita em prosa sacudida, entrecortada, rara ou excepcional na obra de Herculano, oferece por isso mesmo interêsse especial a quem queira estudar o seu estilo.

Para justificar a inclusão de *O Alcaide de Santarêm* precisamos de mais longo discurso; mas da mesma assentada chamaremos a atenção para outro aspecto, não menos importante, da presente *Antologia*.

Alexandre Herculano historiador nasceu de Alexandre Herculano novelista. Foi do novelista romântico da nossa Idade-Média peninsular que veio a sair, lógica e cronològicamente, o historiador profundo e exacto da Idade-Média portuguesa. E assim acontece que êste prosador, êste romancista, é ao mesmo tempo, e sobretudo para aqueles que não tenham fôlego capaz de mergulhar na sua obra histórica, um atraente e luminoso professor de história.

Veja-se o que êle próprio afirma na nota a p. 39 do *Bobo*: «Fique dito por uma vez que todos os nomes que empregamos, scenas que descrevemos, costumes que pintamos, são rigorosamente históricos. Fácil nos fôra sumir êste romance em um pélago de citações; mas falece-nos a fúria da erudição».

Rejeitando os termos exagerados dêste último

assêrto, devemos antes dizer que a fada ou a musa da Erudição nunca abandonou Herculano desde o seu nascimento até o seu suicídio literário; e que a ela devemos e temos de agradecer a *História de Portugal*, produto dos dois amores bem-casados da Verdade e da Pátria, sempre vivos no homem que dizia: «Sejam as memórias da pátria que tivemos o anjo de Deus que nos revoque à energia social e aos santos afectos da nacionalidade. Que todos aqueles a quem o engenho e o estudo habilitou para os graves e profundos trabalhos da história se dediquem a ela... E a arte? Que a arte em tôdas as suas formas externas represente êste nobre pensamento; que o drama, o poema, o romance, sejam sempre um eco das eras poéticas da nossa terra» (1).

Esta é a doutrina excessiva, natural no romântico entusiástico, e contra cujo exagêro ou degeneração reagiu mais tarde a revolta igualmente excessiva do Realismo, que foi míope para tôda a verdade existente além do seu minuto ou do seu pátio, e cego para a visão das raízes que tinha no passado e no sobrenatural, na tradição e no sentimento, no infinito e no invisível, a Natureza que êle pretendeu ver tôda através de um microscópio talvez afinado ou poderoso, mas cujo campo óptico era necessàriamente estreito e limitado.

O que, porêm, é certo — e que aos educadores da mocidade cumpre aproveitar — é que Herculano se tornou, pela sua obra e com o seu exclusivismo literário, o guia mais profundo, mais exacto, mais sincero e ao mesmo tempo mais atraente e sugestivo,

---

(1) V. p. 220 dêste volume.

que poderiamos desejar e encontrar para nos conduzir através de um longo período da nossa história, e do período exactamente menos fácil de estudar, de compreender, de *ver* e de abranger, na sua confusa efervescência de movimento e de transformação.

Tanto ou mais do que Júlio Dinis, a mocidade e a própria infância portuguesa lêem Herculano. Mas lêem-no galgando, na ânsia de seguirem o fio eléctrico da intriga comovente, as suas páginas mais ensinadoras. E assim se perde a lição admirável que lhes pode e deve dar da nossa Idade-Média o escritor português que a conheceu melhor, que mais vivamente a pintou e como nenhum outro soube, porque a principal faceta do seu carácter de diamante era o civismo, deitar sôbre a verdade histórica o sal do mais são amor da pátria : daquele que entusiasma sem mentir.

Pensando nisto, achámos que a antologia literária podia e devia ser, ao mesmo tempo, um compêndio ameno de história ; e foi assim que a organizámos em *quadros literários da história medieval, peninsular e portuguesa,* dispondo-a cronológicamente em trechos que vão do século VIII ao XIV, da inundação árabe da Península até o advento da burguesia ao govêrno com D. João I.

Com ou sem guia do pai ou do mestre, conforme a idade, as crianças portuguesas poderão dêste modo compreender, agradadas, como os árabes de Tárique venceram os gôdos de Ruderico (Capítulo *Os Visigodos) ;* como as duas raças se encontraram e combateram *(Junto do Críssus) ;* como e porque foram vencidos os Visigodos *(Traição de Juliano e Opas, Vitória dos Árabes) ;* como do rescaldo daquele grande incêndio, onde se reduziram a cinzas as nações cristãs

da Ibéria, ficou latente uma brasa que fêz arder mais tarde todo o império muçulmano *(Covadonga, Aurora da redenção)*. Já dois séculos depois, no *Alcaide de Santarêm*, verão os nossos filhos o Moiro triunfante carcomendo de ambições e de intrigas políticas os alicerces da sua imensa construção e cavando-lhe assim a ruína futura. Em seguida, com *A Dama Pé de Cabra*, vem a Idade-Média peninsular, semi-cristã e semi-muçulmana, a Idade-Média dos bruxedos e superstições, com o seu drama psíquico dos encantamentos e endemoninhados, a sua tragédia doméstica das côrtes e dos câstelos, a sua alegria de caçadas, onde se divertem e ensaiam, brutais e astutos, os barões que irão mais tarde precipitar de todo no seu ocaso de África o crescente decrépito e formar pátrias livres numa nova alvorada da Cruz.

E eis-nos chegados assim ao século XII, para vermos *como nasceu e como perdurará Portugal*, — como nasceu, em parte, de uma dessas tragédias de côrte mediévica, passada já no nosso conhecido *Castelo de Guimarães*, mas, em parte maior, do instinto de nacionalidade e da ânsia de autonomia de um povo que se sente suficientemente forte e diferenciado para fazer vida própria na Espanha e que encontra em Afonso Henriques, barão brutal e astuto, o braço executor do seu ideal de independência.

Mas êsse povo, sem o qual não se teriam formado as monarquias cristãs da Península, e a nossa entre elas, era nos séculos XII e XIII um rebanho obediente aos pastores-guerreiros, coroados ou mitrados, que o guardavam do lobo moirisco, leonês ou castelhano, e lautamente se pagavam do serviço feito, usando e abusando da carne ou do sangue do seu gado. Impo-

tente ainda para se revoltar, porque o lôbo andava perto e era forte, o povo gemia, apenas, contra a prepotência e o abuso dos grandes, e tinha até de mascarar êsse tímido gemido sob o riso amarelo do truão, seu primeiro deputado (*Papel dos bobos nas côrtes medievais*).

Rodou, porêm, um século. Rodaram dois. O lôbo de Tárique e de Almansor é agora um manso cão doméstico; e para resistir a Castela, Portugal tem já uma grande capital fortificada *Lisboa no tempo de D. João I*) onde formiga uma população de mesteirais e de mercantes, saídos do antigo rebanho popular, mas já educados e robustecidos socialmente por influência da própria indústria e do próprio trabalho. Formou-se assim uma classe nova, mais patriótica ainda, e portanto mais forte, do que a antiga nobreza, condutora das guerras de outrora; uma classe que começava a destronar o próprio clero, transformando num carnaval seu (*Procissão de Corpus*) a religião dura e áspera que aquele lho ensinara. D. João I e João das Regras apoiam-se nos burgueses contra os fidalgos, para lançarem as bases da futura monarquia absoluta do Príncipe Perfeito (*Nobreza, burguesia e povo*)...

Tal é o passeio de seis séculos de história que se pode fazer pela mão de Herculano, lendo o texto do presente livro. E como na História não há só política e guerras, intrigas de ministros ou príncipes e esplendores ou misérias de classes — cousas que nascem e morrem; como na História se vê tambêm nascer, mas para durar nos seus vestígios eternos, a Arte — flor que murcha ganhando em perfume — descansemos do passeio mediévico na leitura de *Um*

sarau nos paços de S. Martinho, repositório condensado e luminoso da indumentária, da ornamentação e da arquitectura de estilo gótico.

*

* *

Termina aqui a já bem longa exposição do nosso plano de trabalho, e resta agora apenas explicar ao Leitor duas particularidades.

De acôrdo com o propósito geral, fizemos transportar os textos à grafia nova, mantendo quási sempre, apesar de não simpatizarmos com ela, a pontuação um tanto arrevesada de Herculano.

Quanto à ortografia dos nomes árabes, que pululam naturalmente em mais de metade do volume, seguimos a lição do erudito professor David Lopes, a quem aqui agradecemos o auxílio sábio e benévolo que neste ponto se dignou prestar-nos.

II

Vida de Herculano

In a stupid nation the man of genius becomes a god: everybody worships him, and nobody does his will.

(BERNARD SHAW, *Man and Superman*).

ALEXANDRE Herculano de Carvalho e Araújo nasceu em Lisboa, a 28 de Março de 1810, no local onde ainda se encontra o pátio do Gil (1), e foi filho de Teodoro Cândido de Araújo, recebedor da antiga Junta dos Juros, e de D. Maria do Carmo de S. Boaventura. O apelido de Carvalho, que o escritor adoptou, pertencia à família de sua mãe, filha de José Rodrigues de Carvalho, mestre de obras da Casa Rial.

A' data do nascimento de Alexandre Herculano tinha Garrett onze anos de idade e Castilho dez.

Na casa oratoriana das Necessidades recebeu o moço Herculano boas lições de estudos humanísti-

---

(1) Rua de S. Bento, n.º 458. Êste é o número de polícia que se vê sôbre o grande portal de uma casa que não é aquela em que Herculano nasceu e onde foi criado. Essa ficava mais a dentro do pátio e foi destruída quando se fêz aquela. (Rodrigues Cordeiro, *Almanaque de Lembranças para 1879*).

cos, em que eram fortes os congregados de S. Filipe Néri, e que êle não pôde prosseguir regularmente, para matricular-se em algum curso superior, porque a sua família caíu por essa altura em dificuldades materiais, provenientes da cegueira do pai e de negócios infelizes do avô materno.

Estudioso e inteligente, Herculano tratou como pôde de continuar a sua instrução, cultivando as línguas francesa, inglêsa e alemã, entrando como aluno para a Aula de Comércio e frequentando em 1830 o curso de Paleografia ou Diplomática, professado ao tempo na Tôrre do Tombo.

Dois anos antes, em 1828, tivera Herculano, por motivos políticos, discussão, seguida de vias de facto, com um oficial de marinha que depois foi seu companheiro de emigração e seu íntimo amigo. Daqui lhe proveio a cicatriz que tinha na face.

O cultivo das línguas modernas e a freqüência das disciplinas comerciais (aritmética, pesos e medidas, câmbios, seguros, escrituração) parecem denunciar no estudante a intenção de seguir uma carreira prática, intenção aliás desmentida pelo estudo da paleografia. O caráter contraditório dêstes estudos mostra que aos vinte anos de idade o futuro escritor não tinha ainda encontrado o rumo da sua vida, ou que estava sofrendo as conseqüências dos desastres materiais da sua família. Não se sabe a que leituras êle se entregava de preferência, ao mesmo tempo que seguia os cursos oficiais de comércio e de diplomática. Mas sabe-se, embora não se tenha ainda conseguido explicar concretamente como se deu êste facto, que por essa mesma época o moço estudioso, mas plebeu e pobre, travou relações pessoais e literárias bastante íntimas com uma grande dama da aristocracia por-

tuguesa, que nos salões do seu palácio de Bemfica (1) reùnia habitualmente um numeroso círculo de sábios, de poetas e de escritores. Poetiza ela própria, a marqueza de Alorna era entre nós, como Madame de Stael em França, apaixonada da nova literatura alemã e diz Herculano — chamava para ela a atenção da mocidade.

A influência da marquesa de Alorna foi decisiva, como êle mesmo confessa, na vida de Alexandre Herculano: «Áquela mulher extraordinária, a quem só faltou outra pátria, que não fôsse esta pobre e esquecida terra de Portugal, para ser uma das mais brilhantes provas contra as vãs pretensões de superioridade excessiva do nosso sexo, *é que eu devi incitamento e protecção literária*, *quando ainda no verdor dos anos dava os primeiros passos na estrada das letras*. Apraz-me confessá-lo aqui, como outros muitos o fariam, se a ocasião se lhes oferecesse; *porque o menor vislumbre de engenho, a menor tentativa de arte ou de sciência achavam nela tal favor que ainda os mais apoucados e tímidos se alentavam; e disso eu próprio sou bem claro argumento.* (2).»

Em 1825 aparecia o *Camões* de Garrett. Herculano tinha então 15 anos e começou a fazer versos — poemas de carácter acentuadamente religioso, seguindo assim por educação, por temperamento, por influência da época, e da marquesa de Alorna,

(1) O palácio dos marqueses de Fronteira e Alorna, situado perto do antigo convento de S. Domingos de Bemfica, onde jaz enterrado Frei Luís de Sousa, é uma das grandes curiosidades artísticas e históricas de Lisboa.

(2) V. *Opúsculos*, tomo IX *(Literatura)*, p. 277.

que o iniciara no aprêço da literatura alemã, a nova corrente literária romântica.

«Êste primeiro característico da poesia de Herculano (diz o ilustre crítico Sr. Fidelino de Figueiredo) é acentuadamente romântico, na primeira forma que o romantismo revestiu, religioso e conservador. Era mesmo uma das ideas defendidas na sua teoria literária por Chateaubriand, que bem pode dizer-se o escritor doutrinário do romantismo» (1).

Outra característica do romantismo nascente era o aproveitamento da tradição e da história nacional como fontes de inspiração e de assunto. ¿Seria êste aspecto da nova corrente literária que levou Herculano a matricular-se na aula de paleografia e diplomática? E' de crer que sim; é de crer que o moço literato se estivesse preparando ao mesmo tempo com estudos práticos, que lhe permitissem grangear no comércio os meios materiais para ir vivendo, e com estudos técnicos e literários, gratos às verdadeiras tendências do seu espírito, mas pouco remuneradores na nossa terra e naquele tempo.

Nesta altura da sua vida, em 1831, sobreveio um facto brutal e decisivo. Herculano tinha 21 anos e achou-se implicado numa revolta militar malograda, sendo obrigado a exilar-se. Uma simples revisão cronológica do história portuguesa nesta época mostrará o estado da sociedade em que Herculano nascera e foi crescendo até atingir a maioridade.

Em 1810, ano do nascimento do escritor, dava-se a invasão francesa de Massena e a retirada dos

(1) V. *História da literatura romântica portuguesa*, 1913, p. 93.

Anglo-portugueses sôbre Tôrres-Vedras. Em 1811 eram definitivamente expulsos os Franceses. Em 1816 falecia D. Maria I e ascendia ao trono seu filho D. João VI, ausente no Brasil. O ano de 1817 viu a conspiração de Gomes Freire contra a ocupação inglêsa e a execução do patriota e dos seus companheiros. Em 1820 dava-se a revolução liberal do Pôrto e de Lisboa, o estabelecimento do govêrno provisório, a deposição da Regência, a proclamação da constituïção de Cádiz, a reünião do congresso constituinte. Em 1821 regressa D. João VI a Portugal e logo no ano imediato proclama-se independente a grande colónia do Brasil. Em 1823 há a contra-revolução absolutista da *Vilafrancada* e é suprimida a constituïção liberal. No ano seguinte, 1824, começa o *miguelismo,* mas D. Miguel é desterrado, depois de violências, prisões e perseguições exercidas contra os moderados. Em 1826 expira D. João VI e a crise política dinástica vem enxertar-se na crise política civil. D. Pedro IV, imperador do Brasil, é reconhecido como rei de Portugal; sufoca-se uma sedição militar absolutista, e o novo rei abdica em favor de sua filha, D. Maria II. Em 1827 é D. Miguel nomeado lugar-tenente da rainha de Portugal e depois aclamado rei. Os liberais revoltam-se no no Pôrto, mas são vencidos pela reacção A rainha, que vinha em viagem do Brasil para Lisboa, é forçada pela usurpação da sua coroa a dirigir-se para Inglaterra, de onde no ano seguinte regressa ao Brasil, ao mesmo tempo que na ilha Terceira se refugia e organiza a resistência liberal.

Em 1831 Alexandre Herculano tem vinte e um anos de idade. ¿O que faz êle, em-quanto D. Pedro IV abdica no filho da coroa imperial e parte para

a Europa com a filha, para sustentar contra o irmão usurpador os direitos desta? ¿O que faz êle, em-quanto as fôrças políticas da revolução preparam nos Açôres já conquistados, o ataque às fôrças políticas da tradição? Herculano faz versos religiosos, estuda paleografia, recebe os incitamentos da marquesa de Alorna, parecendo que a literatura o ocupa mais do que a política.

Apesar disso, encontra-se, não se sabe bem como, envolvido na revolta de infantaria 4, declarada em Lisboa a 21 de Agôsto de 1831. ¿Não se sabe bem como? Sabe-se agora, pelo fim da vida literária e política do grande escritor e grande cidadão, que os seus vinte anos eram já o ovo do futuro destino: o amor das Letras inseparável sempre do amor da Pátria; a sciência e a arte consideradas como instrumentos de civismo; a revolução literária associada à revolução política; e a desilusão política acarretando ao cabo, num desespêro total, a abdicação ou deserção literária.

Suspeito, comprometido, refugiou-se em casa do capelão da colónia alemã e de aí embarca num navio inglês que sai do Tejo com rumo a Inglaterra, mas arriba a Granville. Chegado à terra francesa, Herculano dirige-se para Rennes, mas gasta mais tempo a ler os livros e manuscritos que encontra na Biblioteca da velha cidade bretã, do que a falar de política com os outros emigrados portugueses, seus companheiros de exílio.

Apesar de amenizado pelo estudo, êste exílio pesa sôbre êle, com todo o pêso da nostalgia. Por intermédio das ondas, das estrêlas e das andorinhas migradoras, o poeta corresponde-se com a pátria distante e manda-lhe os seus recados de filho extre-

moso (1). E em Fevereiro de 1832, meio ano escasso depois da sua fuga de Lisboa, o emigrado embarca em companhia de outros para os Açôres, entrando em 9 de Julho seguinte no Pôrto com o exército libertador. Soldado n.º 35 da 3.ª companhia, bateu-se Herculano bricsamente no cêrco do Pôrto e nos reconhecimentos de Valongo e de Braga a Bouro assim como no combate de Ponte Ferreira. Ao fim de uns oito meses de campanha, em 22 de Fevereiro de 1833, deixou o serviço militar para trabalhar como ajudante do bibliotecário do Paço Episcopal do Pôrto; e em Julho seguinte foi nomeado 2.º bibliotecário da Biblioteca Municipal da mesma cidade. Como a luz atrai a borboleta, assim os livros e os arquivos chamam a si constantemente esta organização robusta de estudioso e de erudito. Pode dizer-se que desde que entrou pela primeira vez na Tôrre do Tombo, para seguir as lições de paleografia, Herculano marcou para todo o sempre o seu destino na vida e na imortalidade. Em Rennes, mal refeito da caminhada de Granville até ali, corre aos *in-folios* e aos documentos; e no Pôrto o soldado valente de 23 anos não aspira ao bastão de marechal: como prémio dos serviços prestados ao seu partido triunfante, pede que lhe deixem mexer nos livros do Bispo e da Cidade.

Mas o grande leitor e investigador era tambêm um grande carácter. *Amici libri, sed magis amica veritas,* foi em certo modo o seu lema na vida. Três anos e dois meses depois de nomeado bibliotecário municipal do Pôrto, em 17 de Setembro de 1836,

(1) V. «Tristezas do destêrro» nas *Poesias*, 8.ª ed., p. 169-170.

Herculano deixou bruscamente os livros que tanto amava, porque êsse sacrifício lhe pareceu inevitável em defesa e honra da verdade, que amava ainda mais. Em 1833 fizeram-no jurar, para entrar na Biblioteca, fidelidade à Carta Constitucional; em 1836 era-lhe exigido, para lá ficar, que jurasse fidelidade à revolução de Setembro, que abolira a Carta e ia instaurar outra constituição. E Herculano saíu, por entender que na Carta é que estava a verdade política e no juramento já dado a verdade moral.

Saíu e vingou-se, com vantagem grande das letras pátrias: impedido de viver no meio dos livros já feitos, começou êle próprio a fazer livros novos. Assim nasceu, primeiro *A Voz do Profeta,* panfleto político, psalmódia em estilo bíblico, profecia de desgraças fulminada contra o Setembrismo, epopeia negativa de um pessimista que via para muito breve o naufrágio da Pátria na tempestade da anarquia. Lida hoje, essa obra deixa supor que o exemplar cidadão se deixara cegar, não própriamente pelo zêlo partidário, mas por aquela sabida ilusão de óptica psicológica, que a muitos nos faz ver na perda do nosso emprêgo a ruína geral da humanidade e do universo. Herculano, porêm, era sincero então, como foi sempre, o que nos não impedirá de dizer que, se *A Voz do Profeta* tivesse sido realmente profética, a Comuna ao modo russo estaria estabelecida em Portugal desde 1838 e seria a esta hora, com certeza e saùdavel tranqùilidade das almas tímidas, uma fera decrépita.

Em 1837, menos de um ano depois da sua saída da Biblioteca do Pôrto, foi Herculano encarregado de dirigir o *Panorama,* revista de literatura e de história fundada pela Sociedade Promotora dos

Conhecimentos Úteis, e onde o escritor colaborou sete anos. Passado pouco tempo surge a desforra do bibliotecário e continua a revelar-se a predestinação do erudito: D. Fernando, o rei-consorte, nomeia Herculano director da biblioteca da Ajuda, com residência própria e 600$000 réis de estipêndio anual. Êste cargo, que aliás era do Paço e não do Estado, foi a única fonte de rendimento fixo, mais ou menos oficial, que o escritor usufruíu, desde que regressou do Pôrto a Lisboa até que em 1867 se retirou para Vale de Lôbos. Sem aumento de gratificação prontificou-se Herculano a organizar também a biblioteca rial das Necessidades.

A fundação do *Panorama* em 1837 é um marco miliário, não só na vida de Herculano, senão também na história das letras nacionais. Ali começa êle a ensaiar os seus romances históricos, que constituem o início eficaz da reforma romântica. O *Camões*, publicado em 1825, fôra apenas um prenúncio, e só em 1838 é que Almeida Garrett, onze anos mais velho que Herculano, inicia os seus dramas históricos.

Eleito em 1840 deputado pelo Pôrto, tomou assento na câmara, mas não se deu bem na atmosfera parlamentar. A êste respeito corre mundo a anedota do àparte de José Estêvão «*¡Ó senhor, largue a sebenta!*» proferido a meio de um longo discurso em que Herculano se guiava por apontamentos escritos; assim como a da resposta dada por êste mais tarde a um amigo que o convidara a entrar no edifício das Côrtes «*Não freqùento casas de má nota*».

Com a fundação do *Panorama* e a retirada do Parlamento começa a grande actividade produtiva do romancista e historiador, actividade que se man-

têm ininterrupta e assídua ao longo de quási vinte anos, durante os quais Herculano revela a fôrça gigantesca da sua vontade criadora, maravilhosamente servida por uma excepcional aptidão de trabalho.

Em 1840 sai *O monge de Cister* na sua primeira forma, alterada mais tarde. Em 1842 aparece na *Revista Universal Lisbonense* a primeira das cinco *Cartas sôbre a história de Portugal* que, com serem o marco inicial da sua carreira de historiador, nem por isso deixam de revelar nêle um historiador já feito, na plena posse das fontes, da comprehensão dos factos e da rigorosa crítica dêles. *O Bobo* e os *Apontamentos para a história dos bens da Coroa e dos forais* publicam-se no *Panorama* logo no ano seguinte, de 1843 — o mesmo em que Almeida Garrett vem a público cem o seu *Frei Luís de Sousa* e o seu *Romanceiro*. Em 1843 sai o *Eurico*, e Herculano é eleito sócio correspondente da Academia Rial das Sciências. Depois, uns atrás dos outros, aparecem os três volumes da *História de Portugal:* o primeiro em 1846, o segundo em 1847, o terceiro em 1849.

Entretanto agita-se o país nos sobressaltos e convulsões políticas. Em 1842 é restaurada a *Carta* e começa o Cabralismo, contra o qual se levanta em 1846 a revolta popular da *Maria da Fonte,* logo abafada. Nos quatro ou cinco anos seguintes prepara-se a *Regeneração,* que triunfa em 1851, com o seu programa de *ordem e fomento.*

«Herculano (diz Oliveira Martins) ao mesmo tempo que iniciava os seus trabalhos históricos, acompanhava a agitação dos partidos... Demitiu-se em 37 para não jurar a constituição de 20; mas, dois anos

depois, apaziguada a procela, retirado Passos, restaurada a *ordem*, reconhece a constituição de 38 e abraça a fusão. Em 40 vai deputado às câmaras, confiado em que o liberalismo, tal como êle o concebia, ia afinal enraizar-se; mas breve se desenganou e sumiu-se. Foi então que o rei D. Fernando o convidou para bibliotecário da Ajuda; e daí, afastado, vivendo com os documentos da história, entregue aos seus estudos com uma energia ardente, conquistava a passo e passo o primeiro lugar entre os escritores nacionais do nosso século, ao mesmo tempo que lá por fora seguia, desorientada e ferina, a procissão das revoltas e o desvario dos governos. Em tal estado o veio encontrar Saldanha, convidando-o a prestar a autoridade do seu nome e do seu conselho à emprêsa em que ia lançar-se. Herculano, como todos os que lidam mais com ideas do que com homens, era infantilmente ingénuo, ... e o seu patriotismo viu chegado o momento da paz, da ordem, da organização definitiva do liberalismo. Entregou se todo, de corpo e alma, e abriu as portas da sua casa da Ajuda às reüniões dos conjurados... Herculano exigia que tudo se fizesse com gente *nova*, excluindo os velhos, «de outra forma seria o mesmo que de antes», exigindo para si que o não fizessem ministro. Trabalharia, ajudaria com o seu conselho, mas, para governar, «não tinha queda». Saldanha, provávelmente sincero, aplaudia, entusiasmava-se, obedecia, prometia. (1)»

Prometia, mas não cumpriu, nem podia cumprir. O plano sincero e ingénuo de Herculano foi pôsto

(1) *Portugal Contemporâneo*, II, 288 e ss.

de parte, para dar lugar ao plano prático e político de Rodrigo da Fonseca e de Fontes. «Chegara o dia da vitória do scepticismo antigo e do utilitarismo moderno», diz Martins; e «o excêntrico, sem ambições, voltou aos seus estudos», mas não sem ter gritado, nos artigos do *País*, a sua desilusão:

«A história política é uma série de desconchavos, de torpezas, de inépcias, de incoerências, ligadas por um pensamento constante — o de se enriquecerem os chefes dos partidos. Ideas, não se encontram em tôda essa história, senão as que êsses homens beberam nos livros franceses mais vulgares e banais. Hoje achá-los heis progressistas, àmanhã reaccionários; hoje conservadores, amanhã reformadores: olhai porêm com atenção e encontrá-los heis sempre nulos». Assim se expressava sôbre a política e os políticos, no seu jornal *O País* (1), que fundara com o marquês de Niza logo a seguir à entrada de Rodrigo da Fonseca no govêrno, o romântico impenitente, o cidadão visionário, o desgraçado patriota que considerava a nação como um aluno educável, e queria fazer da administração pública uma moral activa ou uma pedagogia sincera e eficaz. Se tivesse nascido sessenta anos mais tarde, encontraria para o mesmo claro sonho o mesmo triste despertar.

E o *excêntrico* voltou aos seus estudos, publicando ainda em 1851 as *Lendas e Narrativas*, numa das quais — *O Pároco da aldeia* genialmente indica, sem embargo do seu amor à história e ao passado, o caminho futuro da novela de actualidade. Nesse mesmo ano de 1851 é Herculano encarregado pela

---

(1) *O País* de 29 de outubro de 1851.

Academia das Sciências de percorrer os arquivos e bibliotecas do país para procurar e reùnir os monumentos históricos nacionais anteriores ao século XIV — os *Portugaliae Monumenta Historica*; e em menos de dois anos — 1853-1854 — ajudado por um único amanuense, percorre o norte de Portugal e de lá traz notas da existência de mais de doze mil monumentos de tôda a espécie, respectivos aos cinco séculos de VIII a XIII *inclusive*. Naquele mesmo ano de 1853 publica ainda Herculano, que em 1852 fôra elevado a sócio efectivo da Academia, ¡o quarto volume da *História de Portugal!*

Em-quanto o trabalhador formidável assim mergulhava na velha história, segue o seu rumo a história contemporânea. A *regeneração* continua a firmar na *ordem* e no *trabalho* a vitória do scepticismo político. Em 1853 morre D. Maria II e o seu viúvo D. Fernando começa a regência na menoridade de Pedro V. Pouco depois a política de *ordem e trabalho* irá lançar a desordem na vida do maior trabalhador, tirando-lhe das mãos a ferramenta.

Em 1855 começa a reinar D. Pedro V; Herculano é feito sócio de mérito da Academia e publica os dois primeiros volumes da *História da Inquisição em Portugal*. Êste livro é um desfôrço e representa, sob a sua côr de história, uma das muitas obras primas de Herculano polemista — do melhor Herculano, segundo alguns e entre estes Oliveira Martins.

«Pessoas certamente animadas de boas intenções, confundindo os verdadeiros títulos de glória nacional com lendas injustificadas, e, o que foi pior, ligando a dignidade augusta da fé cristã a tradições sem carácter de autenticidade, exprobaram a Herculano que reduzisse a proporções vulgares a batalha

de Ourique e não consignasse a memória da pretendida aparição de Jesus Cristo a D. Afonso Henriques. Não primavam os adversários de Herculano pela riqueza de erudição, nem pela solidez dos argumentos, nem pela elevação da forma, nem ainda pela lialdade dos processos que alguns empregaram» (1).

Em Braga e no resto do país foi Herculano atacado nos púlpitos por ter dito sinceramente o que supunha ser a verdade, e sentiu com profunda amargura essa atitude da classe que sempre defendera contra os atropelos do seu próprio partido liberal. Daqui nasceram os opúsculos de polémica *Eu e o Clero, Solemnia Verba, Considerações Pacíficas.* E o seu talento de polemista revelou-se em muitas outras ocasiões, como a propósito da Concordata em 1857; das irmãs da caridade, dos lazaristas e do ensino feminino, em 1858; do casamento civil, em 1866. No mesmo sentido de desfôrço, característico da sua *História da Inquisição,* remodela Herculano pela mesma época *O monge de Cister,* e assim o declara francamente no prefácio da nova edição.

E a sua actividade própriamente literária, novelística, cessou. Mas a lição do mestre tem já frutificado a êsse tempo: *Agostinho de Ceuta,* de Camilo, em 1847; *Última corrida de Touros,* de Rebêlo da Silva, em 1848; *Os Tripeiros,* de Coelho Lousada, em 1857; *Um motim há cem anos,* de Arnaldo Gama, em 1861, etc.

O ano de 1856 é decisivo na vida de Herculano. O homem tem só 46 anos de idade, mas o cidadão

(1) Fortunato de Almeida, *Alexandre Herculano historiador,* Coimbra 1910, pág. 18.

está velho de desilusões e o trabalhador cansado, não tanto porventura de trabalhos, como de injustiças e desgostos. Sôbre mais de trinta anos de contínua e seriíssima actividade, incidiram êsses cinco últimos, de 1851 a 1856, em que o infatigável operário de letras se excedeu a si próprio. E é nesta altura que a Política, com as suas alianças clericais de ocasião e a cumplicidade da nação inteira, sempre incapaz de compreender e merecer os seus grandes homens, lhe vibra pelas costas, dobradas para o trabalho patriótico, a fria e infame navalhada. A Academia, cujo presidente é Herculano, suspendera por castigo um funcionário incorrigível, manchado de suspeitas desonrosas; o govêrno nomeia-o logo para guarda-mor, quer dizer: director da Tôrre do Tombo. Fale a acta da Assemblea geral da Academia, de 31 de março de 1856:

«O sr. A. Herculano disse que era já sabido de todos que o Govêrno acabava de nomear Guarda-mor da Torre do Tombo ao sr. Macedo, secretário perpétuo da Academia, e que em vista desta nomeação, êle, sr. vice-presidente (Herculano) ficava inabilitado de poder freqùentar, como até agora, o Arquivo Nacional, onde pelo decurso de tantos anos havia entrado, para seguir as suas investigações históricas...» (1).

Herculano manteve a sua resolução de deixar os trabalhos académicos, como *um dêsses ásperos sacrifícios que nas épocas de grande devassidão ao homem de bem cumpre fazer*. «Para mim a carreira

(1) *Dicionário Bibliográfico Português*, Tômo XXI (14.º do Suplemento) pág. 7.

de historiador cessou, e o mais provável é que cessasse difinitivamente... O acesso dos arquivos do Reino só pode ser franqueado ou pela benevolência e confiança do seu chefe responsável, ou por ordem expressa do govêrno... Como homem particular nem tão insignificante mercê receberia dos homens que nos regem. Do actual Chefe do Arquivo, dêsse é claro que não posso desejar nem a confiança nem a benevolência... Debaixo da afronta colectiva senti a afronta individual contra o adversário político... Hoje a falta de um Tibério não incomoda os Sejanos modernos: ser-lhes-ia inútil o velho de Capreia. Teem horror ao sangue: são tolerantes, espiritualistas, delicados, subtís. Ou corrompem, ou assassinam o espírito...» (1)

Malsinado pela imprensa governamental a propósito desta sua atitude, Herculano pregunta, na carta publicada no *Jornal do Comércio* com data de 31 de dezembro de 1856: «¿Quem sabe se o meu nome não é um dos que envergonham moralmente esta terra?». E como a sua indignação fôsse atribuída pelos amigos do Govêrno ao despeito de não ser nomeado êle próprio guarda-mor da Tôrre do Tombo, recorda como nunca aceitara da Regeneração mercê alguma, ainda de carácter honorífico e gratuito, e como obtivera do regente D. Fernando a promessa de rejeitar sempre qualquer proposta que os seus ministros lhe apresentassem para o condecorarem ou beneficiarem, a êle, Herculano de qualquer modo. E termina assim êsse último desabafo público

(1) V. *Carta à Academia*, nos *Opúsculos*, vol. II, *Questões Públicas*, tômo II.

«Permita-se-me, todavia, que eu recorde em resumo o que se está passando em roda de nós; que, actor neste drama estranho, me coloque fora dêle para o contemplar. Há ali o que quer que seja profundamente triste. É ver o indivíduo que há quinze anos dedicou a existência a revocar o que o passado do seu país tem verdadeiramente grande, a repetir as lições que a liberdade antiga dá à liberdade moderna, e a restaurar o sentimento da nacionalidade, que deve um dia salvar-nos, privado, por uma dessas vinganças sem nome, dos meios de prosseguir na sua laboriosa tarefa; ver êsse homem que, curvado sôbre o trabalho, nunca pensou em recompensas, ou, se pensou, não as quis, nem as quere, não as solicita, nem as aceita; para quem nunca dos poderes públicos houve sequer uma palavra de animação e que a não pede; ver êsse indivíduo, a quem se nega o direito do trabalho, se não o comprar pela humilhação e descrédito, insultado e caluniado porque não bebeu em silêncio o cális da perseguição e da injúria; porque lhe escapou um gemido ao assassinarem-no na sua vida intelectual...».

Em 1857 foi aposentado o guarda-mor Costa de Macedo e assim pôde Herculano voltar à Tôrre do Tombo e prosseguir, como sócio da Academia, na compilação dos *Portugaliae Monumenta Historica*. Mas o antigo entusiasmo estava quebrado. «O amor (escrevia o historiador em 1858), a religião ardente, com que cultivava a sciência da história perdi-os no campo da batalha ... No horizonte das minhas ambições, e Deus sabe se falo sincero, só vejo o dia em que possa depor a pena, e sumir-me em completa obscuridade. Será êsse o melhor da minha vida».

No em-tanto, ainda nesse mesmo ano de 1858 mos-

trou Herculano estar no propósito de prosseguir a *História de Portugal,* anunciando, como parte do 5.º volume, um estudo acêrca do tributo, da renda e do serviço público nos séculos XII e XIII.

Um ano depois, em 1859, aparece o 3.º volume da *História do Estabelecimento da Inquisição.* Em 1861 morre D. Pedro V — outra punhalada moral vibrada a Herculano, que dizia: «¡Se eu tivesse um filho e me morresse, não me custava mais a morte dêle do que me custou a daquele pobre rapaz!».

Foi nesse mesmo ano que o escritor rejeitou o pariato e a grã-cruz de S. Tiago.

No ano seguinte, 1862, ao prefaciar a 3.ª edição do tômo I da *História de Portugal,* dizia: «Inibido de prosseguir sem o sacrifício completo da dignidade e sem risco certo da honra, na colecção de materiais para a vasta edificação que empreendera, tive afinal de ceder e de fechar a bem curta distância os limites da imprudente emprêsa».

Em 1866 publicou Herculano ainda os seus *Estudos sôbre o casamento civil* e em 1867, tendo contraído matrimónio com D. Mariana Hermínia Meira, retirou-se para Val-de-Lôbos, perto de Santarêm, onde, com o produto da venda dos seus livros, adquiriu uma propriedade rústica. O homem que atacara o celibato sacerdotal praticou o celibato durante todo o seu sacerdócio de civismo e casou-se tarde, ao mesmo tempo que abdicava da religião militante das letras, do culto sincero da história pátria, da crença inteiriça na quimera da honestidade política . .

Desde muito novo revelara Herculano esta tendência para a vida rural e o bom hábito de temperar o trabalho caseiro e sedentário das letras com o

exercicio da jardinagem ao ar livre. Já aos dezoito anos (testemunhou Castilho) êle ocupava os seus ócios literários *a cavar e a jardinar*. Bibliotecário da Ajuda, com residência numa casa que tinha seu quintal, alugou no em-tanto uma grande horta na calçada do Galvão. Quando em 1856 se viu virtualmente expulso da Tôrre do Tombo com a nomeação de Macedo para guarda-mor, logo arrendou ao duque de Palmela a quinta do Calhariz (Cezimbra) e ali foi, por sinal, atacado de impaludismo.

Agora, refugiado de todo em Val-de-Lobos, definitivamente se entregou à lavoura, durante o dia, lendo e escrevendo pela noite adiante até de madrugada. «Uma vez entregue à vida agrícola, foi grande, foi profundo. Estudou alguns problemas de economia agrícola, delineou uma *Caixa* de socorros agrícolas, fabricou o melhor azeite do seu tempo, transformou a herdade de Val-de-Lobos (1).»

Por carta de 1 de Abril de 1873 despediu-se da direcção e publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica*; mas continuou a trabalhar nos seus escritos próprios: vol. V da *História;* revisão e compilação dos *Opúsculos;* estudos para a *História do Feudalismo em Portugal* e sôbre a *Conversão dos Gôdos ao Cristianismo.*

O imperador do Brasil, D. Pedro II, cultor das letras e grande admirador de Herculano, insistira, quando de uma das suas passagens por Lisboa, em ir visitar Herculano ao seu retiro. Êste, para lhe pagar a visita, veio à Capital em 1 de Setembro de

(1) F. de Figueiredo, *Hist. da Lit. Romântica*, Lisboa, 1913, p. 82.

1877, apesar de se não sentir bem de saúde. As febres intermitentes adquiridas no Calhariz nunca mais o haviam deixado e a sua bronquite crónica agravava-se com a idade.

Na volta de Lisboa a Vale de Lobos acamou e, poucos dias depois, a 13 de Setembro, morria de pneumonia dupla, dizendo: *Abram as janelas. Quero ver as árvores*, ou pedindo *Luz, mais luz,* como Goethe moribundo.

O corpo foi encomendado modestíssimamente na igreja de Azóia, a 15 de Setembro pelas 2 horas da tarde. Uma velha eça coberta com uns farrapos pretos (diz um jornal do tempo); um rapaz do campo, descalço, em mangas de camisa, agitando o turíbulo, uns camponeses vestidos com opas muito desbotadas, e o pároco da Póvoa de Galegos, com mais dois sacerdotes, a rezarem as orações do ritual... De Lisboa vieram assistir ao entêrro o ministro da Justiça António Augusto de Aguiar, Martens Ferrão, o marquês de Sabugosa, o conde de Casal Ribeiro, o jornalista Eduardo Coelho. Os rapazitos da localidade iam à quinta de Val-de-Lobos apanhar ramos de oliveira com que enfeitavam o féretro e que depois foram vendidos como relíquias. No túmulo do general Gorjão ficaram guardados os despojos mortais de Herculano até que em 28 de Junho de 1888 os trasladaram solenemente para o sarcófago construído de mármore, em estilo manuelino, por iniciativa benemérita de vários cidadãos, numa capela adjacente ao esplêndido claustro dos Jerónimos.

Ali teem ido e vão contínuamente todos os Portugueses que se prezam e a quem uma justa impossibilidade não impede o cumprimento dessa romagem cívica, rezar ou pelo menos concentrar-se perante o

túmulo daquele que foi, por mercê de Deus e pela graça da sua própria vontade heróica, um grande cidadão; daquele que foi também um mártir, porque o seu carácter o deixou só e abandonado no deserto de uma época e de uma sociedade sem carácter; daquele que foi um santo, embora tivesse fugido aos homens para morrer no ermo, como bem notou quem tam bem soube estudar a sua vida e morte com a inteligência de um coração cristão:

«O estoicismo bastaria para infundir na alma de Herculano uma robustez inviolável; mas não teria sido suficiente para lhe facultar um contentamento indefectível e povoar de alegria a soledade. E' que o estóico comungara no amor de Cristo, e êsse anuncia desgraça a quem se encontrar sózinho. Mandava-lhe amar a Deus sôbre tôdas as cousas e êsse bem o encontrava no ermo; mandava-lhe porêm simultâneamente amar o próximo como a êle mesmo se amava, e êsse preceito não dispensava a presença constante dos homens, desvairados ou santos que êles fôssem, para lhes minorar a desgraça ou para lhes seguir o exemplo; em todo o caso para correr seu destino e o partilhar...» (1).

* * *

Alexandre Herculano viveu como estóico e morreu, literária e políticamente, de mal romântico incurável — de inadaptabilidade orgânica ao terreno moral onde surgira. Tem sido contestada a autenticidade da sua frase *Isto dá vontade de morrer*, ou, mais engenho-

(1) Jaime de Magalhães Lima, *Alexandre Herculano*.

samente, do sentido com que êle a proferiu. Saber se com efeito a disse amargamente, ou se com ela comentou sorrindo a passagem de um colorido entêrro de criança por um dia de sol português — nada tira nem põe ao valor que tais palavras teem como síntese da sua figura trágica de cidadão desiludido e desesperado. Figura trágica e, portanto, simples. Tão simples, que a alguns apeteceu complicá-la, para melhor a *explicarem* depois. E houve quem visse nêle um cérebro atacado do delírio da perseguição ([1]). E houve quem lhe ralhasse por ter sido mimalho ([2]). E houve até quem lhe apoucasse a memória, chamando *teatrais* às suas atitudes e *calculados* aos seus silêncios ([3]).

É necessário ter do mundo e dos homens uma opinião malévolamente baixa, para não admitir que possa ter havido e haver sempre entre êles algum discordante sincero e incorruptível da sua estupidez e da sua baixeza. Herculano foi um dêsses: deu mais na vista porque era grande, e morreu sem se diminuir. Não o diminuamos nós outros depois de morto, porque da sua morte para cá o mundo não melhorou, e a lição que dêle herdámos é hoje mais oportuna do que nunca.

Mais do que nunca é necessário saber-se e sentir-se que por entre as multidões possessas de materialismo feroz andam em pena, menos raras do que se pensa, nobres almas idealistas onde se guarda a semente das futuras searas de Verdade, de Beleza e de Justiça.

([1]) Caldas Cordeiro, *Alexandre Herculano*.
([2]) Ramalho Ortigão, *As Farpas* 2.ª edição. Tomo III, p. 5 e ss.
([3]) Teófilo Braga, *As modernas ideas na literatura portuguesa*. Pôrto, 1892, p. 43 e ss.

III

Carácter literário e estilo de Herculano

À MEDIDA que os estudos literários superiores forem progredindo em Portugal, e ganhando em intensidade e profundeza, ir-se há certamente desenhando cada vez melhor a figura literária de Herculano, ao menos no seu aspecto restrito de novelista, que aqui especialmente provoca a nossa atenção. Então possuiremos trabalhos monográficos serenos e completos sôbre as fontes dos seus romances, a sua língua e o seu estilo, a sua construção novelística, os tipos femininos que criou, as tendências e intuitos de tôdas e cada uma das suas obras de fantasia, a sua maneira de conceber e interpretar o Romantismo, a feição política e educativa dos seus trabalhos literários, as suas ideas estéticas, o confronto da sua obra com a similar de Garrett, a influência que exerceu na nossa literatura, etc., etc., etc.

Já agora, principalmente depois que em 1910 se comemorou o 1.° centenário do nascimento do escritor, a bibliografia histórica ou crítica acêrca de Herculano se apresenta numerosa, pôsto não seja ainda esgotante ou concludente. Sem a pretensão de citar tôdas, mencionaremos as publicações meramente anedóticas, bio- ou bibliográficas (Bulhão Pato, *Sob os ciprestes, Os últimos dias de Alexandre Herculano;* Alberto Pimentel, *Vinte anos de vida literária;* Castilho, *Vivos* e *Mortos;* Liberato Bettencourt, *Psicologia de Alexandre Herculano;* Agostinho Fortes, *Ale-*

xandre Herculano; Brito Aranha e Gomes de Brito, *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo XXI (14.º do *Suplemento*); Gomes de Brito, *Páginas íntimas;* Rodrigues Cordeiro, *Almanaque de Lembranças para 1879;* Caldas Cordeiro, *Alexandre Herculano*); os livros ou revistas em que ilustres pensadores e publicistas portugueses estudaram a figura literária, política, filosófica, pedagógica, do grande homem, como as *Memórias de literatura contemporânea,* de A. P. Lopes de Mendonça; *As Farpas* de 1871 e 1877 (Ramalho Ortigão); a *Revista de Portugal* de 1889 (Moniz Barreto); o *Portugal Contemporâneo* (Oliveira Martins); a *Geração Nova* (J. P. Sampaio Bruno); *A crise em seus aspectos morais* (Silva Cordeiro); *Alexandre Herculano e o seu tempo* (António de Serpa); *Alexandre Herculano e o ensino público* Adolfo Coelho); *Apreciações literárias* (Rebelo da Silva; *Alexandre Herculano* (Jaime de Magalhães Lima). Mencionaremos os estudos de carácter especial, como *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano,* de David Lopes, *Alexandre Herculano sob o ponto de vista antropológico,* de Costa Ferreira; *Alexandre Herculano, Trechos que revelam a sua crença,* de Eduardo Moreira; as publicações comemorativas, discursos académicos e elogios históricos por Doelinger, em 1878 (Trad. port. 1910); por Manuel Pinheiro Chagas em 1890; por Consiglieri Pedroso, Teixeira de Queiroz e Cristovam Aires, em 1910; pelos professores de história Diogo Rosa Machado, Fortunato de Almeida e Ginestal Machado e pelo professor de Sciências Baltasar Osório, 1910; o *Arquivo Histórico Português,* o *Boletim da Rial Associação dos Arqueólogos Portugueses* e o *Portugal Agrícola,* números do Centenário; os trabalhos dos críticos e historiadores da

nossa literatura, Srs. Teófilo Braga (*História do Romantismo, As modernas ideas na literatura portuguesa*) e Fidelino de Figueiredo (*História da literatura Romântica Portuguesa, A crítica literária em Portugal, Herculano julgado pela bibliografia do seu centenário*, etc.); e ainda os *Ensaios e estudos de filosofia e crítica*, de Tobias Barreto; e *Alexandre Herculano*, de Ariosto Silva.

* * *

Transcreveremos em seguida, nas proporções e limites que nos imp e a índole desta publicação, vários trechos de algumas das obras anteriormente citadas, onde o leitor melhor possa avaliar o que se tem dito acêrca da feição literária de Herculano e do seu estilo de prosador.

«A influência literária de Alexandre Herculano (diz A. de Serpa Pimentel) veio mais do seu talento de prosador que do de poeta. A valentia inexcedível do seu estilo, amplo e majestoso, sem afectação nem ênfase, como que esculpia em mármore ou em bronze os pensamentos que queria transmitir ao leitor . Literáriamente, Alexandre Herculano foi um romântico na mais genuína e completa acepção da palavra. Reacção espiritualista e cristã contra a filosofia materialista do século passado ; as tradições nacionais e a história da Idade-Média consideradas como fonte de inspiração e de poesia, de preferência à história antiga; insurreição contra o dogmatismo da literatura clássica; aliança da liberdade com a crença religiosa — tudo isso, que é o principal cariz de quási todos

os poetas românticos, tudo isto é o que se vê nas obras literárias de Alexandre Herculano e até o que êle ensina não só com o exemplo mas com o preceito A sua influência é innegável e extraordinária na língua. Para o reconhecer basta comparar os escritos de hoje (1881) em qualquer género literário, com os de há meio século. A língua enriqueceu, não diremos já com vocábulos, mas com frases e modos de dizer elegantes.. Herculano, pelos seus estudos históricos e a leitura assídua dos velhos monumentos, ressuscitou frases e vocábulos expressivos, da época em que a língua começava a formar-se e a ter uma índole própria .. O estilo é que faz o escritor. Pode haver mais de uma opinião sôbre o mérito intrínseco dos romances de Herculano; mas, em todo o caso, e ainda que outras obras êle não tivesse deixado, havia de ser sempre, como escritor, considerado de primeira ordem. Os períodos amplos e majestosos dão à sua prosa uma nobreza onde se revelam as qualidades e a beleza da língua. E no travado harmónico da frase parece às vezes ver-se o desenho da fachada da Batalha ou do claustro de Santa Maria de Belêm (1)».

«Na aurora do Romantismo (diz MONIZ BARRETO) há em Portugal, como em tôdas as nações europeias, um movimento de regressão às fontes nacionais, Dois grandes homens estão à frente dêsse movimento: Garrett e Herculano. O primeiro, dotado de uma intuïção superior, descobriu num relance tudo o que havia de essencialmente português no nosso

(1) A. de Serpa Pimentel, *Alexandre Herculano e o seu tempo*, Lisboa, 1881, p. 37, 40 e 57.

génio e na nossa história e fêz disso a inspiração das suas criações realizadas ou projectadas. Herculano, menos inteligente e mais erudito, foi buscar os seus motivos artísticos a um passado em que a nação não existia ou estava ainda a constituir-se... Se o que define Garrett é o temperamento artístico, o que distingue Herculano é a energia do carácter. Uma vida austera e vazada no molde inflexível da Regra, uma capacidade rara para o trabalho enfadonho... Importada para a produção literária, esta forma de espírito determina um lirismo vigoroso e limitado, inspirado pelas ideas de um Deus forte e justo e de um *eu* livre e responsável; romances que são odes narradas; um drama lírico comparável a um libreto de ópera... Garrett foi um artista, Herculano um poeta (¹).»

Moniz Barreto, que a morte nos arrebatou tão precocemente, era uma das mais robustas e completas organizações de crítico literário que a nossa raça tem produzido. Seja-nos todavia permitido observar que não parece justo atribuir a *menos inteligência* artística de Herculano o ter êste ido buscar os seus motivos a um passado em que a Nação não existia ou estava ainda a constituir-se. A moda, a escola, atraíram-no à Idade-Média; a seriedade e profundeza do seu carácter literário fizeram que não mais saísse dela. Da conjugação dêste carácter com aquelas circunstâncias germinou e floriu a história do Portugal mediévico — a *História de Portugal* que não tínhamos e que talvez ainda hoje não tivéssemos, se não fôsse

(¹) *Revista de Portugal*, n.º 1, 1889, artigo sôbre «A litteratura portuguesa contemporânea».

* * * *

isto, e se não fôsse êle. ¿Será justo que nós agradeçamos tal presente, atribuindo-o à pouca inteligência de quem no-lo deu?

*
* *

SILVA CORDEIRO, o ilustre e saùdoso professor de Filosofia, pouco diz da figura e do valor literário de Herculano, embora tivesse tratado dêle largamente num livro de psicologia política:

«Não há *representativos* numa terra onde indivíduos e classes se manteem intelectualmente separados à distância de períodos quási extremos na evolução; há porêm casos, se não há símbolos, e o de Herculano é típico, tanto pelo contraste como pelas afinidades com o seu tempo. A geração romântica, que nêle venerava o primeiro dos seus pontífices, não soube desentranhar do filão riquíssimo da nossa poesia popular os materiais que convinha, para soldar os novos costumes liberais na continuìdade histórica do sentimento nacional. Se abrirmos uma pequena excepção para algumas das *Lendas e Narrativas* e para Garrett no *Frei Luís de Sousa* (sugestão profunda e em tudo verdadeira do carácter nacional), no mais, fôrça é dizê-lo com Oliveira Martins e com o Sr. Teófilo Braga, os românticos, destruindo muito, nada reconstruíram que pudesse erguer a geração liberal à consciência da sua unidade com as anteriores (1)».

Para JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO (2) é Herculano *uma*

(1) *A crise em seus aspectos morais*, Coimbra, 1896, p. 19.
(2) *A Geração Nova* Pôrto, 1886, p. 14 e ss.

natureza mesclada de pensador e de artista, com tôda a audácia de estilo dum Francês e com tôda a serenidade de intuitos dum romântico alemão; e a sua obra novelística procede de um *plano* estabelecido prèviamente:

«Havendo contribuído, de espingarda ao ombro, para fundar uma nova ordem de instituìções políticas, de que pobremente fiou o rejuvenescimento da pátria, compreendeu que cumpria avivar a tradição nacional apagada na memória do povo, fôrça sendo pôr diante dos olhos da geração sua contemporânea a grandeza heróica do velho Portugal, vínculo de solidariedade cívica e estímulo de cometimentos ulteriores. O seu plano foi o de essa ligação entre o escritor e o povo, cuja separação inicial, continuando, se radica — fenómeno particular e interessante, a contar do século XVI... — separação esta que se cava no século XVII e chega no século XVIII ao eliminamento da imaginação no povo, vivendo sem intuito e não compreendendo a pátria. Pareceu a Herculano que o processo mais idóneo, a fim de conduzir a todos os entendimentos aquela sua compreensão, seria a do avocamento do passado por meio da novela; e, desta arte, lançou-se à obra com êsse ímpeto que procede da consciência de uma grande idea. Daí essa série, onde o conceito da tese moral igualmente se manifesta no *Eurico, Monge de Cister, Abóbada, Arras por fôro de Espanha, Bobo*, etc... Todavia, estas obras não produziram o efeito previsto. Dois motivos deram origem a êste desastre. O primeiro refere-se, quanto a nós, à execução literária. Livros de imitação, no fim de tudo, os autores, com uma curiosidade vaidosa de eruditos, buscam para os seus quadros épocas tão afasta-

das cronológica e psicológicamente dos tempos modernos, que os seus personagens não podem instilar-se no condicionalismo moral dos leitores; êles são espectros que maravilham, não são homens que interessem outros homens; a sua linguagem quási exige um glossário explicativo; as suas ideas espantam; os seus sentimentos chocam pelo imprevisto. Depois, os escritores, filhos do romantismo pelo estilo, procedem do classicismo português pela gramática; a sua linguagem é nobre mas hirta; nada elástica, dificulta-lhe os movimentos a armadura de ferro dos seus heróis. A outra razão, íntima, essencial, profunda, é que na nova sociedade portuguesa, emergindo de uma tirania atroz precisamente assente no passado, tôda a idea de tradição deveria ser recebida como uma hostilidade, mais ou menos subtilmente venenosa... Na tarefa, pois, que os nossos românticos tentaram, urgia proceder com uma prudente discreção que os escritores não só não tiveram (principalmente Herculano, cujo rígido pensamento, severo e triste, não podia seduzir um efémero arremêdo de mocidade como o que por então fazia fremer Portugal) mas chegaram mesmo a violar, com o dobre de suas melancolias pelo que se extinguira, com o longo soluçar de suas saùdades do que morrera, como se o porque se morderam os cartuchos da guerra civil não consistisse exactamente na negação e no repudiamento dêsse passado, que à vista de todos estrebuchara a sua agonia hedionda num lago de sangue e lágrimas».

Ao passo que em Portugal a maré política assim se encontrava com a oposta maré literária e tendia a fazê-la refluir e a anulá-la por fim, como fêz dentro em breve, as condições do meio político eram lá

fora (segundo José Sampaio) favoráveis a esta: «A França, desanimada da Revolução e arrependida do Terror, confugia para o bom tempo antigo; na Alemanha, onde uma mocidade entusiástica arrancara das espadas contra o bandoleiro alucinado (Napoleão) concorriam circunstâncias similares; quanto à Itália, essa encontrava naturalmente na sua existência histórica a razão da sua resistência ao estranjeiro.»

Esta contradição entre a moda literária e a moda política deu-se com efeito em Portugal mais acentuadamente que na França; o estilo de Herculano padece, sem dúvida, daquela falta de maleabilidade que José Sampaio nêle acusa; mas as ideas dêste crítico brigam algum tanto, quando atribuem o malôgro do Romantismo português à antipatia dos liberais pelo passado que acabavam de abolir a tiro e que a literatura aureolava de poesia. De tal resultado não deverão culpar-se criações literárias onde avultavam personagens espectrais, *que não podiam instilar-se no condicionamento moral dos leitores.* Se o não podiam, eram tão impróprias a irradiar simpatia como a provocar repulsão. E o malôgro do nosso Romantismo, se malôgro houve, tem causas mais antigas e mais profundas, que não são bem conhecidas porque ainda não foram estudadas.

*

* *

Oliveira Martins não se nos impõe como crítico literário, mas possuía um esperto e certeiro temperamento de artista, cujo voto não é de desprezar. Encarando Herculano na sua face de estilista, Oliveira

Martins prefere a prosa do polemista à do historiador e do escritor novelístico:

«Obras de três naturezas diversas nos revelam pelo estilo três fisionomias distintas. A primeira, oficial e grave, são os seus trabalhos históricos, onde o período redondo e clássico, mas sem afectação quinhentista, se desenvolve alimentado pelos *caldos de Vieira* que nos receitava, a nós os moços, para educar a mão. A segunda são os seus romances e escritos humorísticos, onde, mal ataviado o período jesuítico, às vezes combinado com formas e *tours* estranjeirados, transparece sempre o *goût du terroir*, o cunho de portuguesismo duro e pesado, mais agressivo do que engraçado. Na terceira, finalmente, em nossa opinião a mais bela — nos escritos de polemista — a frase rotunda é quente, a agressão é viva, as palavras teem calor e a dureza do génio lusitano acha nos sentimentos expressos em orações uma convicção, uma independência, que a ennobrecem. Ouve-se a voz do estóico, e há uma harmonia perfeita entre o pensamento profundo, grave e forte, e o estilo redondo, sóbrio e nobre (1)».

Teixeira de Queiroz formula apenas — infelizmente — um dos problemas mais interessantes dos muitos que a obra literária de Herculano pode fornecer ao crítico e ao psicólogo: o das personagens femininas criadas por Herculano com o seu temperamento de estóico, de asceta, de moralista, de poeta apaixonado da Idade-Média:

(1) *Portugal Contemporâneo*, I, p. 318.

«Falta no *Monge,* livro por tantos títulos superior, um vulto simpático de mulher que ennobreça e dulcifique as muitas scenas de paixões ruins dos homens .. De modo que êste romance, em que tão violentos ódios se desencadeiam, motivados pela vileza de alguns homens e pela perfídia de uma mulher, é pobre no estudo dos corações femininos que nêle perpassam. Já o mesmo poderíamos ter notado a respeito de Hermengarda, cuja imagem ideal adivinhamos, mormente pelas queixas lamentosas do presbítero de Carteia. Não assim no *Bobo,* pois que Dulce, figura de encanto pela virtude, abnegação, heroismo, até o desejo da morte, vive connosco em todo o livro».

No em-tanto, para Teixeira de Queiroz, Dulce é ainda, não uma mulher, mas uma estilização do Feminino, idealização e símbolo, nada mais — ou nada menos:

«O cavaleiro gentil, trovista e esforçado na lide das armas, Egas Moniz Coelho, o apaixonado de Dulce . . , órfã e descendente da ilustre casa de Bravais de Riba-Douro, é a poesia, irreprimível fundo da nossa alma; e a própria donzela *significa a terra da pátria, que o guerreiro defende até à vitória ou até à morte* (1)».

Para o sr. CRISTOVAM AIRES a vida de Herculano é comparàvel «à dêsses santos da Idade-Média, que começavam por amar, por batalhar, por sofrer - e iam terminar os seus cansados dias no recolhimen-

(1) *Herculano, o Romancista,* Lisboa, Academia Rial das Sciências, 1910.

to e na meditação .. Se tivesse nascido naquela época que genialmente cantou nos seus livros, teria envergado o burel de monge e debaixo dêle traria um arnez de combate .. A sua voz reboa no espaço infinito como a voz do órgão sob as abóbadas de uma catedral gótica, ressonantes e majestosas... Espírito medievo, queria-lhe (à *Carta*) como à sua dama, por quem se batera nos prélios mais sangrentos, qual cavaleiro da Távola Redonda ou da Ala dos Namorados .. (1)

É evidente que as criações femininas dêste poeta gótico, dêste monge guerreiro exilado no século XIX, não podiam ter a *humanidade* e a vida palpitante das mulheres que criou o génio de Garrett, grande artista mundano e namorador.

Lisboa, 20 de Novembro de 1919.

A. DE C.

(1) *Herculano (o Poeta)*, Academia Rial das Sciências, Lisboa 1910.

SÉCULO VIII

OS VISIGODOS

A RAÇA dos Visigodos, conquistadora das Espanhas, subjugara tôda a Península havia mais de um século. Nenhuma das tríbus germânicas que, dividindo entre si as províncias do império dos césares, tinham tentado vestir sua bárbara nudez com os trajos despedaçados, mas esplêndidos, da civilização romana soubera como os godos ajuntar êsses fragmentos de púrpura e ouro, para se compor a exemplo de povo civilizado. Leuvigildo expulsara da Espanha quási que os derradeiros soldados dos imperadores gregos, reprimira a audácia dos Francos, que em suas correrias assolavam as províncias visigóticas dalêm dos Pireneus, acabara com a espécie de monarquia que os suevos tinham instituído na Galécia e expirara em Toletum, depois de ter estabelecido leis políticas e civis e a paz e ordem públicas nos seus vastos domínios, que se

estendiam de mar a mar e, ainda, transpondo as montanhas da Vascónia, abrangiam grande porção da antiga Gália narbonense.

Desde essa época, a distinção das duas raças, a conquistadora ou goda e a romana ou conquistada, quási desaparecera, e os homens do norte haviam-se confundido jurídicamente com os do meio-dia em uma só nação, para cuja grandeza contribuíra aquela com as virtudes ásperas da Germânia, esta com as tradições da cultura e polícia romanas. As leis dos césares, pelas quais se regiam os vencidos, misturaram-se com as singelas e rudes instituìções visigóticas, e já um código único, escrito na língua latina, regulava os direitos e deveres comuns, quando o arianismo, que os Gôdos tinham abraçado abraçando o evangelho, se declarou vencido pelo catolicismo, a que pertencia a raça romana. Esta conversão dos vencedores à crença dos subjugados foi o complemento da fusão social dos dous povos. A civilização, porêm, que suavizou a rudeza dos bárbaros era uma civilização velha e corrupta. Por alguns bens que produziu para aqueles homens primitivos, trouxe-lhes o pior dos males, a perversão mo-

ral. A monarquia visigótica procurou imitar o luxo do império que morrera e que ela substituíra. Toletum quis ser a imagem de Roma ou de Constantinopla. Esta causa principal, ajudada por muitas outras, nascidas em grande parte da mesma origem, gerou a dissolução política por via da dissolução moral.

Debalde muitos homens de génio revestidos da autoridade suprema tentaram evitar a ruína que viam no futuro: debalde o clero espanhol, incomparávelmente o mais alumiado da Europa naquelas eras tenebrosas e cuja influência nos negócios públicos era maior que a de tôdas as outras classes juntas, procurou nas severas leis dos concílios, que eram ao mesmo tempo verdadeiros parlamentos políticos, reter a nação que se despenhava. A podridão tinha chegado ao âmago da árvore, e ela devia secar. O próprio clero se corrompeu por fim. O vício e a degeneração corriam sôltamente, rôta a última barreira.

Foi então que o célebre Ruderico se apossou da coroa. Os filhos do seu predecessor Vitiza, os mancebos Sisebuto e Ebas, disputaram-lha largo tempo; mas, segundo parece dos escassos monumentos históricos

dessa escura época, cederam por fim, não à usurpação, porque o trono gótico não era legalmente hereditário, mas à fortuna e ousadia do ambicioso soldado, que os deixou viver em paz na própria côrte e os revestiu de dignidades militares. Daí, se dermos crédito a antigos historiadores, lhe veio a última ruína na batalha do rio Críssus ou Guadalete, em que o império gótico foi aniquilado.

No meio, porêm, da decadência dos godos, algumas almas conservavam ainda a têmpera robusta dos antigos homens da Germânia. Da civilização romana elas não haviam aceitado senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo. As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os Gôdos logo que, assentando o seu domínio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos o campo agricultado, o lar doméstico, o templo da oração e o cemitério do repouso e da saùdade. Nestes corações, onde reinavam afectos ao mesmo tempo ardentes e profundos, porque nêles a índole meridional se misturava com o carácter tenaz dos povos do norte, a moral evangélica revestia êsses afectos de uma poesia divina, e a civiliza-

ção ornava-os de uma expressão suave, que lhes realçava a poesia. Mas no fim do século sétimo eram já bem raros aqueles em quem as tradições da cultura romana não haviam subjugado os instintos generosos da barbaria germânica e a quem o cristianismo fazia ainda escutar o seu verbo íntimo, esquecido no meio do luxo profano do clero e da pompa insensata do culto exterior. Uma longa paz com as outras nações tinha convertido a antiga energia dos Gôdos em alimento das dissenções intestinas, e a guerra civil, gastando essa energia, havia pôsto em lugar dela o hábito das traições covardes, das vinganças mesquinhas, dos enredos infames e das abjecções ambiciosas. O povo, esmagado debaixo do pêso dos tributos, dilacerado pelas lutas dos bandos civis, prostituído às paixões dos poderosos, esquecera completamente as virtudes guerreiras de seus avós. As leis de Vamba e as expressões de Ervig no duodécimo concílio de Toletum revelam quão fundo ia nesta parte o cancro da degeneração moral das Espanhas. No meio de tantos e tão cruéis vexames e padecimentos, o mais custoso e aborrecido de todos êles para os afeminados descendentes dos soldados de Theoderik, de

Thorsmund, de Theudes e de Leuvigildo era o vestir as armas em defensão daquela mesma pátria que os heróis visigodos tinham conquistado para a legarem a seus filhos, e a maioria do povo preferia a infâmia que a lei impunha aos que recusavam defender a terra natal aos riscos gloriosos dos combates e à vida fadigosa da guerra.

Tal era, em resumo, o estado político e moral da Espanha na época em que aconteceram os sucessos que vamos narrar.

(*Eurico,* Cap. I.)

JUNTO DO CRÍSSUS

Poucos dias haviam passado depois que Teodomiro duque de Córduba recebera a última carta do infeliz Eurico. Á «frente das suas tiufadias (1) êle se encaminhara para Híspalis, seguindo as margens do Bétis. Ao chegar à antiga Rómula, o bispo Opas (2) recebeu-o com demonstrações de alegria tais, que as suspeitas de Teodemiro, suscitadas, mau grado seu, pelas revelações do presbítero, quási se desvaneceram. Na linguagem do sacerdote parecia reverberar se indignação profunda contra o conde de Septum (2) e contra os demais gôdos que tentavam, unidos com os bárbaros, assolar a terra natal. O metropo-

---

(1) Divisão do exército gôdo, constituída por mil soldados.

(2) Traidor denunciado a Teodemiro pelo presbítero Eurico.

lita, segundo os costumes daquela época, tinha deposto o báculo de pastor para cingir a espada de guerreiro, e aos paços episcopais de Híspalis viam-se chegar todos os dias os parentes de Opas e, por isso, de Vitiza, cujo irmão êste era. Os nobres que tinham seguido o bando dos mancebos Sisebuto e Ebas e que, pela maior parte, viviam longe da côrte, ajuntavam os seus servos e clientes à hoste do bispo guerreiro, que prometia acompanhar o rei gôdo com um esquadrão mais lustroso que o de seus sobrinhos, a quem Ruderico dera de feito o mando supremo de uma das alas do exército que congregara em Toletum.

Em Híspalis, como por todos os ângulos da Espanha, os martelos dos fundidores e armeiros retumbavam nas bigornas com ruído incessante: açacalavam-se (1) as armas, puliam-se e provavam-se as armaduras; e os corcéis rápidos e robustos da Bética e da Lusitânia, impacientes nas tendas alevantadas em roda dos muros da cidade, mordiam os freios brilhantes e pareciam adivinhar que estava próximo um dia de

(1) bruniam-se.

combate. Os servos e os libertos, em competência com os homens livres e nobres, corriam a rodear os pendões da independência da pátria, e o sangue generoso dos Gôdos como que se despertava mais ardente e cheio de vigor ao grito da guerra santa, depois de uma sonolência secular, em que a sua antiga ousadia só dera sinais de vida nas lutas sem glória das dissensões intestinas.

E tôda esta energia, todo êste recordar-se da rica herança de esfôrço, legada pelos conquistadores setentrionais a seus netos da Ibéria, dir-se-ia que eram suscitados pela Providência para salvar a monarquia gótica, porque de tudo isso ela carecia para resistir aos invasores. Desde que o exército dêstes, semelhante a serpe monstruosa, tinha cingido estreitamente a montanha do Calpe, não se passara um único dia em que não se fortalecesse e engrossasse. As encostas do Ábila e os despenhadeiros do Atlas, os vales da Mauritânia e os areais de Saara e de Barca, de contínuo arrojavam para a Europa, através do Estreito, os seus filhos tostados ao sol fervente de África. Sem perícia militar, estes bárbaros são todavia temerosos nas pelejas, porque

os capitães experimentados da Arábia os dirigem e movem como lhes apraz, e porque, sectários de uma religião nova, crédulos mártires do inferno, buscam os embusteiros e torpes deleites que, alêm da morte, lhes prometeu o profeta de Iatribe (1), arremessando-se com um valor que se creria de desesperados diante do ferro dos seus contrários e contentando-se de acabar, contanto que sôbre os seus cadáveres se hasteie vitorioso o estandarte do Islame.

A esta gente bruta e indomável, cujo esfôrço vem das crenças da outra vida, se ajuntam os esquadrões de cavaleiros sarracenos que vagueiam pelas solidões da Arábia, pelas planícies do Egipto e pelos vales da Síria, e que, montados nas suas éguas ligeiras, podem rir-se do pesado franquisque (2) dos Gôdos, acometendo e fugindo para acometerem de novo, rápidos como o pensamento, volteando ao redor dos seus inimigos, falsando-lhes as armas pela juntura

---

(1) Cidade da Arábia onde viveu Mafoma, depois crismada por êle próprio em Medina-Arabi, i. e.: *Cidade do Profeta.*

(2) Arma de guerra, espécie de machado de dois gumes.

das peças, cerceando-lhes os membros desguarnecidos, quási sem serem vistos, e apesar da sua incrível destreza, pelejando, quando cumpre, frente a frente, descarregando tremendos golpes de espada, topando em cheio com a lança no riste, como os guerreiros da Europa, e assaz robustos para, muitas vezes, os fazerem voar da sela nestes recontros violentos: homens, enfim, que sem orgulho se podem crer os primeiros do mundo num campo de batalha, pelo valor e pela sciência da guerra. É esta cavalaria irresistível que constitui o nervo da hoste dos muçulmanos e em que funda todas as suas esperaças o impetuoso Tárique (1).

Pouco depois da chegada de Teodemiro a Hispalis, um dia ao romper do sol, viu-se ao longe para a banda das serranias ao norte do Bétis resplandecerem as cúmiadas das montanhas, como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais antigos que povoavam as quebradas das serras. Era a hoste do rei dos Gôdos, que, saindo de Oretum, se encaminhava por Ilipa

---

(1) General que invadiu a Península em 711.

e Itálica, seguindo a margem direita do rio, para a antiga capital da Bética. Daqui, engrossado com as tiufadias de Teodemiro e com os que seguiam o pendão de Opas, o exército de Ruderico devia marchar para acometer os Árabes e entregar à sorte das batalhas os futuros destinos da Espanha.

Era já tempo. A torrente dos inimigos descera, enfim, do Calpe ou Gebal Tárique (1), cujo nome de muitos séculos o capitão árabe tinha apagado, para escrever o próprio nome no colar servil das muralhas que lhe lançara. O estandarte do profeta de Meca já flutuava nos campos da Bética, e a sua passagem era assinalada com ruínas, sangue e incêndios. Por onde quer que os muçulmanos tinham atravessado ficavam assentados o silêncio do sepulcro e a assolação do aniquilamento. Tárique era o anjo exterminador mandado por Deus às Espanhas, e a sua espada o raio despedido do céu para fulminar o império dos Gôdos.

(1) A montanha do Calpe, fortificada pelos Árabes, que aí esperaram o resto do exército que passava de África. A montanha recebeu então o nome de Gebal Tárique, isto é: Monte de Tárique. De Gebal Tárique veio o nome actual de Gibraltar.

Saindo do seu ninho de águia, contruído no promontório do Estreito, os invasores internavam-se no coração da província. Depois de haverem transposto as montanhas que se alteiam desde as ribas setentrionais do Belon até Lastígi, onde as serranias se enlaçam com as alturas de Nescânia, tinham-se assenhoreado sem resistência da cidade episcopal de Asido e, descendo dali para os vales que serpeiam de Gades a Segôncia, haviam assentado campo nas margens do Críssus. Tárique esperava lá o recontro dos Gôdos. Desde que partira do Calpe, todos os dias, quási tôdas as horas, se viam chegar à hoste do Islame (1) cristãos vindos do lado de Híspalis, conduzidos pelos caudilhos dos almogaures ou corredores africanos. Apenas estes homens desconhecidos eram levados ante o capitão árabe, êle enviava um dos seus cavaleiros ao lugar onde tremulava o pendão de Juliano, e o conde de Septum não tardava a vir ajuntar-se com Tárique. Por vezes, à sombra de carvalho frondoso, no meio dos bosques cer-

(1) Palavra árabe, que significa *resignação, resignação em Deus*. É o nome que se dá à religião muçulmana.

rados das montanhas, ou debaixo do pavilhão alevantado à hora da sesta em campina abrasada do sol, demoravam-se os dous, por largo espaço, a sós com êsses homens, em cujo aspecto era fácil ler estampada a traição e a vileza. Depois, os desconhecidos partiam sem que ninguêm ousasse atalhar-lhes os passos; e, quando Juliano voltava para a pequena ala dos soldados da província transfretana, via-se-lhe o rosto, não radiante do contentamento que ressumbra de um coração puro quando folga, mas como sulcado por um raio de alegria feroz, do criminoso que vê chegar o momento do crime há muito meditado e previsto.

Havia dous dias que nenhum incógnito atravessava o Críssus para falar a sós com Juliano e Tárique. Estes passavam horas inteiras vagueando nas alturas vizinhas do acampamento pelo lado do meio-dia e do oriente. Dali olhavam para a montanha em cujo cimo campeava a antiga povoação de Asta; e, depois de a examinarem por largo espaço, voltavam ao campo ou corriam às atalaias, que se multiplicavam contínuamente. Depois, tudo recaía no silêncio e na escuridão; porque as almenaras ou fogueiras nocturnas, que eram de uso entre os

Árabes, haviam inteiramente cessado desde a primeira noite em que estes assentaram as tendas perto da beira do rio.

Ia em meio a terceira noite após aquela em que os crentes do Islame tinham parado nas faldas setentrionais das cordilheiras de Asido. Eram profundas as trevas que se dilatavam pela face da terra, mas os raios scintilantes das estrêlas rareavam o manto negro da atmosfera. Esta luz incerta reverberava trémula e fugitiva nas pontas das lanças dos atalaias, que, apinhados na coroa dos outeirinhos ou embrenhados entre as sebes dos valados, observavam os picos agudos que ao longe, para o norte, negrejavam como recortados nas profundezas do céu. O Críssus murmurava lá em baixo, e a esteira da corrente faiscava, tambêm, com o reverberar da luz dos astros, enquanto o vento, passando pelas ramas dalgumas árvores solitárias, respondia ao seu murmurar com o gemer da folhagem movediça.

Súbitamente, no meio dêste silêncio, alguns esculcas (1) e vigias lançados alêm do rio, na margem direita, creram perceber um

(1) Rondas ou sentinelas nocturnas dos arraiais.

ruído longínquo, que menos excitados ouvidos não saberiam distinguir do remoto e quási imperceptível despenhar de torrente. Então êles se debruçaram no chão e, unindo a face à terra, escutaram por alguns momentos. Depois, erguendo-se a um tempo, ouviu-se entre êles uma voz sumida que dizia: — ¡Os Romanos! — e a turba repetiu — ¡Os Romanos! (1).

E unindo-se numa fileira, encurvaram os arcos e ficaram imóveis.

Pouco a pouco aquele ruído, mal sentido a princípio, cresceu e tornou-se mais distinto. Brevemente, fácil foi de perceber o tropear de milhares de cavalos e o bater confuso dos pés de milhares de homens. Os esculcas árabes conservavam-se unidos e em silêncio.

De repente o grito de: —*¡Allah!*— retumbou dalêm do Crissus: seguiu-se um estridor de poucas frechas, e num instante os atalaias do campo viram alvejar fitas de escuma que se estendiam através do rio para a margem esquerda. Eram os esculcas que

---

(1) Os Árabes chamavam *arrumi,* isto é: *romano* em geral a qualquer Europeu.

o cruzavam a nado, tendo empregado na dianteira dos Gôdos os seus primeiros tiros.

Uma nuvem de setas respondeu ao sibilar das dos esculcas árabes; algumas das fitas de escuma ondearam, derivaram pela corrente e desvaneceram-se no dorso escuro e scintilante das águas. O Críssus recolhia os primeiros despojos de um terrível combate.

Na principal atalaia dos muçulmanos soou então uma trombeta; centenares delas responderam por todos os ângulos do campo a êste convocar para a morte. Os esquadrões uniam-se com a rapidez do relâmpago e, abandonando o recinto das tendas, arrojavam-se para as margens do rio.

Os Gôdos, porêm, tinham a vantagem de caminharem ordenados e, por isso, haviam topado com a corrente antes que os seus contrários começassem a atravessar a planície fronteira. As frechas caíam sôbre os Árabes, que se aproximavam, como saraiva espessa; largas e sólidas jangadas, trazidas em carros puxados por mulas possantes da Lusitânia, baqueavam sôbre a água e, desdobrando-se com engenhosa arte, cresciam até entestar com a margem oposta. Então, os melhores cavaleiros gôdos, curvando-se

para diante, com o franquisque erguido, corriam para as pontes, vergadas debaixo do pêso dos cavalos e dos homens cobertos de armaduras, e vinham bater em cheio nos corredores árabes, que, no meio das trevas, não podiam esquivar-se aos golpes do ferro inimigo. Já, nas bôcas dalgumas dessas estradas movediças, os cadáveres amontoados começavam a embargar os passos dos vivos; mas por outras, onde os Árabes ainda mal ordenados e menos numerosos não tinham podido resistir ao ímpeto dos Gôdos, golfavam torrentes de guerreiros, que, marchando unidos para uma e outra parte, acometiam de lado os Árabes, os quais, feridos pela frente e pelas costas, vacilavam e retrocediam. Debalde a voz retumbante de Tárique sobrelevava por cima dos gritos de furor e de agonia de muçulmanos e cristãos. O número dez vezes maior dos Gôdos tornava impossível a resistência, e a passagem do exército de Ruderico para a margem esquerda do Críssus só Deus a poderia impedir.

Era quási manhã quando o capitão árabe se desenganou da utilidade de se opor por mais tempo à passagem dos inimigos. As tiufadias godas achavam-se pela maior parte

na campina onde se deviam resolver os destinos da Espanha, e bem que a êste tempo todo o exército de Islame estivesse já em ordem de pelejar, a noite dava grande vantagem aos Gôdos, cuja cavalaria, coberta de armas defensivas mais sólidas que as dos Árabes, resistia fácilmente aos cavaleiros do deserto, para quem a maior ligeireza e o mais destro modo de acometer eram baldados no meio das trevas. A um sinal das trombetas os esquadrões muçulmanos começaram a recuar e, alongando-se pela frente do acampamento, esperaram o romper do dia, enquanto o exército gôdo acabava de transpor o rio e vibrava milhares de frechas perdidas para o lado onde os capilhares (1) alvíssimos dos Árabes branquejavam à luz duvidosa do céu recamado de estrêlas.

Quando o sol, rompendo detrás dos outeiros de Segôncia, veio com o seu clarão avermelhado inundar as veigas do Críssus, o espectáculo que elas ofereciam era variado e sublime. De um lado as tendas dos Árabes, derramadas pelas raízes dos montes e pelos

(1) Albornozes.

cimos dos outeiros, podiam comparar-se ao acampamento das tríbus do deserto, que, emprazadas à voz do profeta, se houvessem ajuntado num ponto único das solidões onde vagueiam. Diante desta cidade imensa e movediça, os esquadrões dos muçulmanos, divididos por familias e raças, estavam firmes e cerrados em frente dos seus pendões, que os alférezes, montados em ginetes possantes, sustinham erguidos na rectaguarda de cada tríbu. Os raios matutinos faziam alvejar os turbantes e scintilavam nos ferros das lanças que os cavaleiros tinham em punho, e os leves escudos orbiculares, que os compridos saios de malha pareciam tornar inúteis, embraçados já para o combate, brilhavam com as suas côres vivas e variadas, à claridade serena do romper do dia.

Os esquadrões árabes eram a flor do exército de Tárique; mas a catadura selvagem dos africanos seus aliados, neófitos do Islamismo, produzia, porventura, mais temor do que o aspecto dêles. Torvos e ferozes eram o gesto e os meneios dêstes homens sem disciplina, cujas paixões se lhes pintavam nos rostos tostados e rugosos, nos olhos banhados de fel e orlados de sangue,

e de cuja bruteza e miséria davam testemunho os mangoais que lhes serviam de armas (armas terríveis, com que abolavam os elmos mais reforçados) e a hediondez dos seus albornozes pardos, imundos e despedaçados. Tudo, enfim, nêles contrastava com as armas brilhantes, com os ricos trajos e com os vultos majestosos dos cavaleiros do oriente, que, conservando-se em silêncio e imóveis, pareciam desprezar as tríbus berberes de Zeneta, de Mazmuda, de Sanhaga, de Quetama e de Houara (1), que formavam as alas e que, brandindo as rudes armas, com gritos medonhos se apelidavam para a batalha.

Tal era o espectáculo que oferecia o exército dos muçulmanos. Defronte dêle, a hoste goda apresentava os maciços profundos dos seus soldados, cobrindo, como grossa muralha de metal reluzente, a margem esquerda do rio. Rodeado dos mais ilustres guerreiros, Ruderico estava no centro das tiufadias formadas pelos espadaúdos soldados da Lusitânia setentrional e da Galécia,

(1) Zeneta, Mazmuda, Sanhaga, Quetama, Houara — designações de várias tríbus berberes do norte da África.

em cujas feições se divisava ainda que descendiam dos indomáveis Suevos. Unidos com êles sob os pendões riais, estavam os guerreiros veteranos da Narbonense, habituados a cruzar diáriamente as espadas com os orgulhosos Francos, que estanciavam pelas Gálias, alêm das fronteiras do Império. A ala direita, dividida em dous esquadrões capitaneados pelos dous filhos de Vitiza, Sisebuto e Ebas, continha a flor dos cavaleiros da Cartaginense. Com estes estava o corpo que o metropolitano de Hispalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada desde que Ruderico subira ao trono e que a cingiam de novo nesta guerra de independência. A ala esquerda, mais pequena que as outras duas, não parecia por isso menos de temer para os Árabes. O duque de Córduba, Teodemiro, era o capitão dessa ala, em que estavam todos os veteranos que o tinham ajudado a repelir as primeiras tentativas dos moametanos e que já conheciam por experiência o modo de pelejar dêles. Estes velhos soldados deviam levar ao combate os mancebos que, à voz de Teodemiro, tinham corrido às armas de todos os lados da Bética e em cujos corações o afamado guer-

reiro soubera despertar o sentimento da glória e do amor da pátria. Com êle militavam, enfim, as relíquias dos soldados tingitanos que não tinham querido associar-se à traição do conde de Septum.

*

* *

Como os Árabes, os Gôdos tinham no meio de si uma nuvem de peões armados, não menos bárbaros e ferozes que os filhos da Mauritânia. Os montanheses do Herminio na Lusitânia, aborígenes, talvez, daquele país, os quais, na época das invasões germânicas, bem como já na da conquista romana, a custo haviam submetido o colo ao jugo de estranhos, e os vascónios, habitadores selvagens das cordilheiras dos Pirenéus, constituìam com os servos um grosso de gente a que hoje chamarìamos a infantaria do exército. As suas armas ofensivas eram a cateia teutónica, espécie de dardo, a funda, a clava ferrada e o arco e a seta. Requeimados pelo sol ardente do estio ou pelo vento gelado dos invernos rigorosos das serranias, incapazes de conhecerem a vantagem da ordem e da disciplina, estes

homens rudes combatiam meio nus e desprezavam tôdas as precauções de guerra. O seu grito de acometer era um rugido de tigre. Vencidos, nunca se lhes ouvia pedir compaixão; porque, vencedores, não havia a esperar dêles misericórdia. Tais eram os soldados que a Espanha opunha à mourisma que circundava os Árabes.

Por algum tempo os dous exércitos conservaram-se em distância um do outro, como dous antigos gladiadores, observando-se mútuamente antes de começarem uma luta que para algum dêles tinha de ser, forçosamente, a última. A consciência da terribilidade do drama que ia representar-se penetrou, por fim, até nos corações dos bárbaros dum e doutro campo; as vozearias que sussurravam ao longe foram pouco a pouco esmorecendo, até caírem num silêncio tremendo, só cortado pelo respirar comprimido de tantos homens ou pelo relinchar dos cavalos, que, impacientes, escarvavam a terra...

(*Eurico,* Cap. IX.)

TRAIÇÃO DO CONDE JULIANO E DO BISPO OPAS

O SOL ia já em alto quando o grito de *¡ Allah-hu-Acbar !* (1) soou no centro dos esquadrões do Islame. Era a voz sonora e retumbante de Tárique. Repetido por milhares de bôcas, êste grito restrugiu e ecoou, como o estourar de trovoada distante pelos pendores das serras, e murmurou e perdeu-se pelos desfiladeiros e vales. A cavalaria árabe, enristando as lanças, arremessou-se pela planície e desapareceu num turbilhão de pó.

«¡Cristo e avante!» — bradaram os Gôdos: e os esquadrões de Ruderico precipitaram-se ao encontro dos muçulmanos. São como dous bulcões ennovelados, que, em vez de

---

(1) *¡ Deus é grande !* era para os Árabes a voz de acometer, como *¡ Santiago !* o foi depois para os Cristãos.

correrem pela atmosfera nas asas da procela, rolam na terra, que parece tremer e vergar debaixo do pêso daquela tempestade de homens. O ruído abafado e bem distinto do mover dos dous exércitos vai-se gradualmente confundindo num som único, ao passo que o chão intermédio se embebe debaixo dos pés dos cavalos. ¡ Essa distância entre as duas muralhas de ferro estreita-se, estreita-se! ¡ É apenas uma faixa tortuosa lançada entre as duas nuvens de pó. ¡ Desapareceu! Como o estourar do rôlo de mar encapelado, tombando de súbito sôbre os alcantis de extensas ribas, as lanças cruzadas ferem quási a um tempo nos escudos, nos arneses, nos capacetes. Um longo gemido, assonância horrenda de mil gemidos, sobreleva ao som cavo que tiram as armaduras batendo na terra. Baralham-se as extensas fileiras: cruzam-nas espantados os ginetes sem donos, nitrindo de terror e de cólera, com as crinas eriçadas e respirando um alento fumegante. Não se distingue naquele oceano agitado mais que o afuzilar trémulo das espadas, o relampaguear rápido dos franquisques, o scintilar passageiro dos elmos de bronze; não se ouve senão o tinir do ferro no ferro e um concêrto diabólico

de blasfêmias, de pragas, de injúrias em romano e em árabe, intelegíveis para aqueles a quem são dirigidas, não pelos sons articulados, mas pelos gestos de ódio e desesperação dos que as proferem. De vez em quando, um brado retumba por cima do estrupido: são os capitães que buscam ordenar as batalhas. ¡Debalde! As fileiras tem rareado: o combate converteu-se num duelo imenso ou, antes, em milhares de duelos. Cada cavaleiro árabe travou-se com um cavaleiro gôdo, e os dous contendores esquecem-se de tudo quanto os rodeia: são dous inimigos, cujo ódio nasceu e encaneceu num momento, e num momento êsse rancor é intenso quanto o fôra, se por largos dias se acumulara sem poder resfolegar. Firmes, os guerreiros cristãos vibram a pesada acha de armas que tomaram dos Francos, ou jogam a espada curta e larga dos antigos Romanos; porque as lanças voaram em rachas tanto das mãos dos Gôdos, como das dos Árabes. Estes, curvados sôbre os colos dos cavalos e cobertos com os leves escudos, volteiam em roda dos adversários, e, quási ao mesmo tempo, os acometem por um e por outro lado, tão rápido é o seu perpassar. Nesta luta da fôrça e da destreza, ora o

duro neto dos Visigodos, deslumbrado pelo incessante dos golpes, esvaído pelas muitas feridas, sufocado pelo pêso da armadura, vacila e cai como o pinheiro gigante; ora o ligeiro Agareno vê coriscar em alto o franquisque e logo o sente, se ainda sente, embargar-lhe o último grito na garganta, até onde rompeu, partindo-lhe o crânio e sulcando-lhe o rosto. Assim, os centros dos dous exércitos semelham o tigre e o leão no circo, abraçados, despedaçando-se, estorcendo-se ennovelados, sem que seja possível prever o desfecho da luta, mas tão sómente que, ao adejar a vitória sôbre um dos campos, terá descido sôbre o outro o silêncio e o repouso do aniquilamento.

Os soldados que seguiam a bandeira de Teodemiro tinham-se abalado para o combate apenas viram partir os esquadrões de Ruderico. A ala direita dos moametanos era capitaneada pelo amir da cavalaria africana, Muguite, a quem a sua origem cristã fizera dar o nome de Arrumi. O amir era o mais valente e experimentado dos capitães de Tárique, e por isso êste fiara do renegado o mando daquela ala, na qual também esvoaçava o pendão de Juliano, que, se não abandonara, como Arrumi, a crença do Cal-

vário, tinha, contudo, amaldiçoado tambêm a santa religião da pátria. Estes dous guerreiros, ferozes ambos, um por índole e hábito, outro por vingança e ambição, amavam-se mútuamente, porque os fizera irmãos uma palavra escrita em suas consciências, a máxima afronta humana, o nome de renegados.

O recontro dessa ala foi semelhante em tudo ao do grosso das suas hostes, salvo que aí o franquisque encontrava no ar o franquisque, a injúria de Gôdos respondia à injúria proferida por bôcas de Gôdos, e as imprecações do ódio trocavam-se com maior violência ainda. Teodemiro combatia à frente das suas tiufadias onde mais aceso ia ser o travar da batalha, sem, todavia, esquecer o ofício de capitão. Era isto; era o exemplo que tornava invencíveis os seus soldados. Guiando os cavaleiros tingitanos, Juliano tambêm rompera primeiro adiante dos Árabes. Os dous antigos companheiros de combates haviam topado em cheio, e as lanças voaram-lhes das mãos em rachas. Os cavaleiros passaram um pelo outro como relâmpagos, para logo tornarem a voltar arrancando das espadas.

«¡ Circuncidado !» — bradou Teodemiro ao

perpassar por Juliano na rapidez da carreira.

«¡ Escravo !» — replicou o conde de Septum, rangendo os dentes.

A injúria vibrada pelo duque de Córduba penetrara mui fundo. Semelhante a Judas, o conde da Tingitânia traíra a pátria pela cobiça e, defendendo o estandarte do profeta de Medina, fazia triunfar o alcorão. Duas vezes a sua alma era a de um circunciso.

Os dous cavaleiros gôdos acometeram-se com tôda a fúria de rancor entranhável; as espadas, encontrando-se no ar, faíscaram como o ferro abrasado na íncude; mas a de Teodemiro fôra vibrada por braço mais robusto, e, pôsto que o golpe descesse amortecido, ainda entrou profundamente no escudo que o seu adversário levava erguido sôbre a cabeça. Entretanto Juliano, revolvendo ligeiro a espada, rompeu a couraça do duque de Córduba e feriu-o levemente no lado.

«¡ Vencedor dos Vascónios, — gritou, rindo diabólicamente, o conde de Septum — olha por ti! Nas margens do Críssus não há taças de vinho, como aquelas com que te embríagavas nos paços do teu senhor. ¡ Aqui o que corre é sangue !».

Teodemiro tinha já desencravado a espada do escudo de Juliano, em que ficara embebida. Rápidamente ela descera, de novo guiada pela raiva que abafava o guerreiro. O golpe quebrou o escudo já falsado e bateu no elmo brilhante do conde com tal fúria, que êste perdeu a luz dos olhos e curvando-se para diante, abraçou-se ao colo do cavalo, quási sem sentidos. Outra vez que o duque de Córduba vibrasse o ferro, Juliano estava perdido: o caminho da morte lá lhe ficara indicado no elmo.

«¿Que olhas para o chão, traidor? — disse Teodemiro, com voz trémula de cólera e de escárnio, e segundando o golpe. — ¡É a terra da pátria, que vendeste aos infiéis como tu!».

O ferro, porêm, não pôde chegar à cimeira do capacete do conde. Outro ferro, seguro por mão robusta, se meteu de permeio. Era a espada de Muguite, o qual, passando, vira o perigo imminente do seu amigo e correra para o salvar.

Então Teodemiro voltou-se contra o renegado, e um violento combate se travou entre ambos. Muguite não era menos destro que o príncipe da Bética. Mais membrudo e

robusto que êle e, alêm disso ainda não ferido, a vantagem era tôda sua; mas o esfôrço de Teodemiro supria essa inferioridade.

Entretanto Juliano recobrava o alento; a vergonha, o despeito, a sêde de vingança, estorciam-lhe o coração. O nobre ginete em que cavalgava, sentindo seu senhor semimorto, tinha corrido espantado até onde a multidão de cristãos e árabes, travados em peleja sanguinolenta, lho consentia. O conde, cravando-lhe os acicates, com a espada erguida na mão, arremessou-o para lugar onde o duque de Córduba pelejava com Muguite. Era um feito cobarde: ¿mas que importava a Juliano a desonra? Assinalado com o ferrete indelével de traidor, havia-se habituado a viver para um sentimento único — a vingança. E a vingança era quem o impelia.

Neste momento, por uma das pontes já desertas lançadas na noite antecedente sôbre o Críssus, soava um correr de cavalo à rédea sôlta. Alguns soldados que andavam mais perto da margem volveram para lá os olhos. Um cavaleiro de estranho aspecto era o que assim corria. Vinha todo coberto de negro: negros o elmo, a couraça e o saio;

o próprio ginete, murzelo (1): lança, não a trazia. Pendia-lhe da direita da sela uma grossa maça ferrada de muitas puas, espécie de clava conhecida pelo nome de *borda*, e da esquerda a arma predilecta dos Gôdos, a bipene (2) dos Francos, o destruidor franquisque. Subiu rápido a encosta donde Ruderico atendia aos sucessos da batalha. Parou um momento e, olhando para um e outro lado, endireitou a carreira para o lugar onde flutuavam os pendões das tiufadias da Bética. Como um rochedo pendurado sôbre as ribanceiras do mar, que, estalando, rola pelos despenhadeiros e, abrindo um abismo, se atufa nas águas, assim o cavaleiro desconhecido, rompendo por entre os Gôdos, precipitou-se para onde, mais cerrado em redor de Teodemiro e Muguite, fervia o pelejar.

Juliano tinha-se aproximado no entanto do esforçado duque de Córduba, que, ferido e obrigado a combater com o destro e feroz renegado, a custo se poderia defender dos golpes do conde, golpes que o ódio e a cólera dirigiam. Alguns cavaleiros da Bética

(1) Côr de amora negra ; negro.

(2) Hacha de armas de dois gumes.

voaram a socorrer Teodemiro; mas os árabes com que andavam travados tinham-nos seguido de perto e, rodeando Muguite, haviam tornado inútil o socorro dos cavaleiros cristãos. O apertado revolver das armas formava uma selva de ferros em volta dos dous capitães inimigos, através da qual debalde o conde de Septum buscava muitas vezes abrir caminho para ferir Teodemiro; até que finalmente, galgando por cima de um árabe derribado, pudera vibrar um golpe. O elmo do nobre gôdo restrugira, e o guerreiro vacilara. A última página da sua vida parecia escrita no livro dos destinos. Os dous adversários do duque de Córduba iam tingir de negro as que ainda lhes restavam em branco.

Mas o cavaleiro desconhecido havia passado através da hoste goda e chegara à dianteira dos Árabes. Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas mais bem temperadas; e as puas, entrando pelas carnes dos que se lhe punham diante, iam esmigalhar-lhes os ossos. Por onde êle atravessava, nem as fileiras se uniam, nem os Gôdos achavam adversários. Como a charrua, tirada com violência em chão batido de planície, deixa após si grossas gle-

bas revolvidas, assim aquela arma irresistível deixava, ao passar, uma larga cauda de cadáveres, entretecida de moribundos debatendo-se em terra. Os Gôdos, espantados, preguntavam uns aos outros quem seria aquele temeroso guerreiro; mas entre êles ninguêm havia que pudesse dizê-lo. Se combatesse pelos muçulmanos, crê-lo-iam o demónio da assolação; mas, pelejando pela cruz, dir-se-ia que era o arcanjo das batalhas, mandado por Deus para salvar Teodemiro e, com êle, os esquadrões da Bética.

No instante em que o cavaleiro negro chegou ao lugar onde já o duque de Córduba só procurava amparar-se contra Muguite e Juliano, êste, cego de furor, descia com segundo golpe: a espada, porêm, voou-lhe das mãos em pedaços, batendo na maça do cavaleiro negro que, deixando depois cair a pesada borda ao longo da efipia (1), ergueu o franquisque e, descarregando-o sôbre o ombro do renegado, lhe fêz uma ferida profunda. A dor arrancou um brado a Muguite, a cujo som o seu ginete ames-

(1) Espécie de sela de lã que os Gôdos haviam imitado da cavalaria romana.

trado o arrebatou para o meio dos Árabes; e Juliano, vendo-se desarmado, fugiu após êle. Então o desconhecido disse a Teodemiro algumas palavras sumidas e, sem esperar resposta, internou-se outra vez no meio dos esquadrões agarenos.

Desde êste momento a ala direita dos muçulmanos começou de afrouxar, porque Muguite, malferido, se retraíra para o acampamento. Alguns xeques (1) ilustres jaziam moribundos ou mortos às mãos do cavaleiro negro, que parecia escolher as suas vítimas entre os mais nobres guerreiros do Islame. Animados por êle, os Gôdos, cobrando novos brios, procuravam imitá-lo e arremessavam-se destemidos através da hoste inimiga, que debalde procurava resistir à torrente. Os sinais da vitória dos Gôdos eram já dolorosamente certos para os muçulmanos.

Ruderico viu isto e exultou. O sol inclinava-se para o ocaso, e o centro do exército árabe, onde se achava Tárique, estava firme; mas os clamores do triunfo, que já soavam na ala esquerda dos cristãos, come-

(1) Chefes de tríbu.

çavam a espalhar a incerteza entre os soldados do profeta. Foi então que o rei dos Gôdos ordenou à sua ala direita descesse contra os berberes e, dispersando-os, acometesse os esquadrões de Tárique, que pareciam haver lançado raízes no solo ensangùentado do campo da batalha.

Um qùingentário (1) partiu à rédea sôlta para levar a ordem fatal aos filhos de Vitiza. Á frente dos seus soldados os dous irmãos falavam a sós com Opas e contemplavam o combate. Apenas ouviram o que se lhes ordenava, Sisebuto e Ebas, voltando-se para os esquadrões que lhes obedeciam, clamaram:—«¡Vingança!».—Êste brado foi repetido por Opas e pelos nobres que o seguiam. Então, no meio daquela espêssa selva de lanças repercutiu um grito que respondia aos dos capitães: — «¡Glória ao rei Sisebuto! Morte ao traidor Ruderico!».

E os filhos de Vitiza e o hipócrita bispo de Híspalis, com as lanças aprumadas e as espadas na bainha, lançaram-se pelo vale abaixo, e a mor parte dos esquadrões seguiram-nos. Apenas Pelágio, duque de Can-

(1) Comandante de quinhentos soldados.

tábria, ficou imóvel à frente dos soldados vascónios e dalgumas tiufadias da Galécia e da Narbonense, que, alheias à traição daqueles mal-aventurados, recusaram segui-los.

Ruderico viu ennovelarem-se nos ares os rolos de pó que se alevantavam sob os pés dos ginetes: «¡ Valentes mancebos — exclamou — hoje a Espanha vai ser salva por vós! Vêde — acrescentava, sorrindo e falando com os guerreiros que o cercavam, muitos dos quais haviam condenado a sua arriscada confiança na generosidade dos filhos de Vitiza — ¡ vêde como êles voam contra os africanos! Quando um grande risco ameaça a pátria não há ódios entre os Gôdos: todos êles são irmãos, porque todos êles são filhos desta nobre terra de Espanha».

E o qùingentário que voltava gritou de longe: — «¡ Somos traídos !».

Ruderico empalideceu. A certeza da vitória tinha-se desvanecido.

(Eurico, Cap. X.)

VITÓRIA DOS ÁRABES

A PASSAGEM de tão avultado número de gôdos para os inimigos e o crepúsculo que descia obrigaram Ruderico a fazer cessar o combate, enquanto a noite pousava tranqùila sôbre aquela campina povoada de aflições e dores.

Pelas trevas, um ruído sumido, mas incessante, de passadas de homens e de tropear de cavalos, soara horas inteiras em um e em outro campo. Era que em êles ambos surgira uma idea idêntica. O rei gôdo havia resolvido formar um corpo só das relíquias da sua hoste e com êle acometer a principal batalha dos inimigos, para a destruir rápidamente antes que as alas pudessem socorrê-la. O mesmo pensamento tivera Tárique. Semelhante à trovoada do estio, que se amontoa durante a noite em dous polos encontrados, e ao alvorecer semeia de coriscos as solidões do céu e povoa de es-

tampidos discordes os ecos da terra, assim cada um dos campos se aglomerava em uma pinha gigante; convertia-se num homem só, para em duelo de morte resolver com o seu contendor se os filhos das Espanhas deviam aceitar a lei do alcorão ou continuar a abrigar-se à sombra da divina cruz.

Tárique lançara na frente da hoste muçulmana os trânsfugas do inimigo. Sisebuto, Ebas, o bispo de Híspalis e o conde de Septum com os seus numerosos guerreiros, constituíam a vanguarda. Seguia-se a cavalaria árabe. Os berberes cingiam êste maciço de homens e ginetes, em parte cobertos de ferro; e os indisciplinados cavaleiros da Mauritânia, dispersos como almogaures, deviam vagar soltos para fazer entradas nas alas inimigas e impedir assim que elas pudessem a tempo socorrer o centro do exército, que o general árabe esperava desbaratar no primeiro ímpeto.

Ruderico, pela sua parte, tinha pôsto na vanguarda as tiufadias vitoriosas de Teodemiro, os cavaleiros da Cantábria guiados pelo môço Pelágio, filho de Favila, que sucedera a seu pai no govêrno daquela província, e, finalmente, os guerreiros escolhi-

dos da Lusitânia e da Galécia, que êle próprio capitaneava. Como Tárique, o rei gôdo colocara de um e outro lado na hoste apinhada os frecheiros e fundibulários selvagens do Hermínio e os montanheses vascónios, antiga raça de celtas, irmãos em linhagem, em valor, em crueza, em armas e em costumes. Na rectaguarda estavam os soldados da província Cartaginense, que não tinham seguido o exemplo dos trânsfugas por andarem derramados em outros lugares ou, talvez, porque, não corrompidos, guardavam ainda no coração vestígios de amor da pátria.

Ao amanhecer, cada um dos capitães inimigos viu com assombro que a mesma traça de guerra de que pretendera valer-se para obter a vitória ocorrera à mente do seu adversário. Era, porêm, tarde para alterar a ordem da batalha. Ao mesmo tempo as trombetas godas e os anafis (1) árabes deram o sinal do combate, e o grito de — ¡Cristo e avante! — confundiu-se em estampido medonho com o brado de — ¡ *Allah-hu-*

(1) Espécie de charamela mourisca, semelhante à clarineta.

Acbar! — o brado de guerra dos pelejadores sarracenos.

O chão pareceu afundir-se com o encontro daquelas duas mós enormes de homens armados; e o eco dos botes das lanças nos escudos convexos e nas armas sonoras dos cavaleiros repercutiu nas encostas fronteiras e desvaneceu-se ao longe, murmurando entre as quebradas. Desde o primeiro embate, não mais fôra possível distinguir os exércitos travados como dous lutadores furiosos. Eram um vulto só, indelineável, monstruoso, imenso, cujo tôpo ondeava, semelhante ao de canavial movido pelo vento; cujos contornos indecisos se agitavam, torciam, alargavam, diminuíam, oscilavam, como tapete de nenúfares sôbre marnel revôlto pelo despenhar das torrentes. Nuvens de setas sibilavam nos ares: as espadas sarracenas cruzavam-se com as espadas godas: a cateia (1) teutónica ia, zumbindo, abrir fundos regos nas fileiras árabes; e os membros ossudos dos peões lusitanos e cantabros estouravam, debaixo das pancadas violentas dos manguais da peonagem

(1) Dardo.

mourisca. Muitos ginetes vagueavam sem donos; muitos cavaleiros combatiam a pé. Desgraçado do que, ferido, caía em terra porque para êle não havia misericórdia: o punhal acabava o que o franquisque ou a cimitarra começara. Dir-se-ia que os regatos de sangue, serpeando por entre as duas hostes enredadas e salpicando as frontes e corpos, eram as veias descarnadas e rôtas daquele grande vulto, coleando na derradeira agonia.

O cavaleiro negro, ao cessar a batalha do dia antecedente, desaparecera do campo, sem que ninguêm soubesse dizer como ou onde se escondera. Só Teodomiro parecia não o ignorar; porque, ao falarem do desconhecido e das suas quási incríveis façanhas os tiufados e qùingentários que em volta dêle esperavam o romper da manhã e o recomeçar da peleja, o duque de Córduba buscara sempre mudar de conversação, ou respondera, carregando-se-lhe o semblante de tristeza:

— «É, porventura algum desgraçado que procura o repouso da morte; e para o homem que resolveu morrer, ¿que feito de valor será impossível? Se êle não quer deixar na terra nem o eco vão de um nome glo-

rioso, respeitai-lhe os desejos, porque profundo deve ser o abismo da sua desventura».

Ao som, porêm, das trombetas que anunciavam o renovar do combate, o cavaleiro negro não tardara a aparecer onde mais acesa andava a briga. Via-se, contudo, que era principalmente nas fileiras dos Árabes, onde as puas agudas e cortadoras da sua temerosa borda ou maça de armas faziam maiores estragos. Mas, quando algum dos gôdos trânsfugas ousava esperar-lhe os golpes ou tentava feri-lo, ouvia-se-lhe um rugido como o de maldição, preso na garganta por cólera imensa; e o seu miserável contrário não tardava a golfar o sangue na terra da pátria que traíra, e a entregar aos demónios a alma tisnada pela infâmia da perfídia. Os árabes supersticiosos quási criam ver nêle Ibliz (1), o rei infernal da Geena (2), armado da espada percuciente, sôlto por Deus para os punir das ofensas cometidas contra o divino Alcorão. Diante

(1) É o nome do demónio.

(2) Vale situado ao sul de Jerusalêm, onde se faziam cruentos sacrifícios ao deus Moloque, e daí ficou sendo para os Judeus o símbolo do Inferno.

dêle recuavam os mais esforçados muçulmanos, e só de longe os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que se lhe empenavam no escudo ou, roçando por êste, vinham bater-lhe na armadura, debaixo da qual manava já o sangue dalgumas feridas, e os membros lassos começavam a desmentir a impetuosidade do espírito.

Como na véspera, o sol inclinava-se das alturas do céu para o ocaso, e ainda a batalha estava indecisa, se é que o terror que incutia o cavaleiro negro no lugar onde pelejava não fazia pender um pouco a balança do lado dos Gôdos. De repente, um grito agudo partiu do mais espêsso revolver do combate; êste grito gigante, indizível, de íntima agonia, era o brado uníssono de muitos homens; era o anúncio doloroso de um sucesso tremendo. O cavaleiro negro, que, impelido pela ebriedade do sangue, e semelhante a rochedo que se despenha pelo pendor da montanha, ia derramando a morte através dos esquadrões do Islame, volveu os olhos para o lugar onde soara o bramido retumbante da multidão. Era no centro do exército gôdo. As tiufadias vergavam em semi-círculos para a banda do Críssus, como o açude minado

pela torrente, a ponto de desprender-se das margens, oscila e se curva, bojando sobre a veia inferior das águas. A muralha de ferro que, posta entre o Islamismo e a Europa, dizia à religião do profeta de Iatribe — não passarás daqui — vacila, como a quadrela (1) de cidade fortificada, batida muitos dias por vaivêm de inimigos. Por fim, aqueles vastos maciços de homens ligados pela cadeia fortíssima da disciplina, do pudor militar e do esfôrço, derivam rotos ante os turbilhões dos Árabes, ondeiam e derramam-se na campina. Pelo boqueirão enorme, aberto no centro da hoste goda, precipitam-se as ondas dos cavaleiros moametanos e, após êles, a turba dos berberes, com um bramido bárbaro. Debalde as alas tentam ajuntar-se, travar-se uma com a outra, soldar os membros despedaçados do leão ibérico. Passa por lá a impetuosa corrente dos netos de Agar, que envolve e arrasta os que pretendem vadeá-la. ¡ Deus contara os dias do império de Leovigildo, e o sol do último dêles era o que descia já para o ocidente!

(1) Sector de muralha.

O cavaleiro negro vira a fuga das batalhas godas, advertido pelo clamor que a precedera. Voltando as rédeas do seu murzelo, esporeou-o para aquela parte. Levava lançado às costas o escudo, onde os tiros dos archeiros africanos ciciavam, como a saraiva no inverno batendo nos troncos despidos do roble. Pendia-lhe da esquerda do arção a borda ensangùentada, da direita o franquisque. O ginete tresfolegava na fúria da carreira, açoutando os ares com as crinas ondeantes e atirando-se ao meio da espécie de voragem aberta nas fileiras cristãs, a qual como que tragava uns após outros os esquadrões muçulmanos. Ao chegar à confluência daquelas encontradas torrentes de homens armados, o guerreiro parou, e, olhando em roda por um momento, ouviu-se-lhe um grande brado. Era a primeira vez que a sua voz soava no meio da batalha, e a única palavra que lhe saíu da bôca foi o nome de Teodemiro. Êsse brado devia chegar longe, reboando como o trovão. Dir-se-ia que o cavaleiro estava habituado à conversação do bramido dos mares revoltos e do rugir das ventanias pelas fragas das serras; porque naquele grito, conjunto inexplicável de cólera e de dor, havia uma

semelhança, uma harmonia com o gemido imenso da natureza, quando luta consigo mesma no passar da tempestade.

Mas aos ouvidos de Teodemiro não podia chegar a voz do desconhecido. Arrastado pelos turbilhões de fugitivos, forcejando por obrigá-los a voltar o rosto contra os Árabes, ora com palavras de amarga repreensão, ora com o exemplo, o duque de Córduba combatia mui longe dêle. Em vão o cavaleiro negro lhe repetia o nome: era inútil êste chamar e apenas servia para atrair os golpes dos Agarenos vitoriosos. As achas de armas, as cimitarras, os dardos, faziam scentelhar a armadura e o escudo do desconhecido, que, tomado, ao que parecia, de um pensamento doloroso, alongava os olhos por tôda a parte em busca de Teodemiro. Com um gemido de desalento, o cavaleiro saíu, enfim, da espécie de torpor que o tornava imóvel ante o espectáculo de tanta desventura, e o seu despertar foi tremendo. Erguendo em alto a maça de armas e vibrando-a furiosamente em volta de si, começou a partir espadas e a abolar armaduras. Em breve, ao redor dêle, no meio dos muçulmanos vencedores, o terror invadia os ânimos, como na véspera, como nesse

mesmo dia, se espalhara por tôda a parte onde haviam reluzido as puas da sua ensangùentada borda, ou o ferro do seu cortador franquisque.

Apenas, à fôrça de golpes, o cavaleiro negro abriu no meio dos muçulmanos vencedores uma larga clareira, esporeando o ginete, lançou-se para o lado em que os Gôdos desordenados se retraíam ante as espadas do Islame. No espaço intermédio entre os fugitivos e os Árabes flutuava sem recuar o pendão do duque de Córduba. Em volta dêsse pendão tremulavam as signas das tiufadias da Bética, que, cercadas por todos os lados, resistiam ainda ao embate dos sarracenos. No meio, porêm, dos que abandonavam vilmente o campo da batalha, nem uma única bandeira se hasteava; mas pelo esplêndido das armas, o guerreiro conheceu aqueles que não ousavam resgatar com a vida a honra das Espanhas. Eram os soldados escolhidos de Ruderico; era a brilhante cavalaria que êle próprio capitaneava! A indignação transbordou da alma do guerreiro:

«¡Rei dos Gôdos, rei dos Gôdos! — exclamou êle — ¡és covarde, embora vás esconder a tua ignomínia nos muros de Toletum!

Ainda neste campo de batalha restam homens valentes: ainda Teodemiro combate, não por ter trono desonrado, mas pela terra dos nossos pais. Foge tu com os que não sabem morrer pela pátria; ¡que nas margens do Críssus ficam os que hão-de perecer com ela! ¡Maldito o Gôdo cristão que foge para ser servo!».

E o cavaleiro apertou de novo as esporas ao possante murzelo.

Não tardou, porêm, que o furor se lhe convertesse em tristeza, e que as lágrimas, rebentando-lhe dos olhos, lhe apagassem a maldição que haviam murmurado os lábios. O seu valente cavalo galgava na carreira por cima de cadáveres e de moribundos, de cristãos e de infiéis; e a terra, convertida em brejo de sangue, apenas soava debaixo dos pés do ligeiro animal. Passando por meio dos esquadrões sarracenos, podia dizer-se que o desconhecido se assemelhava ao anjo do Senhor, quando desce por entre os mundos onde habitam os demónios, solitário e temido no império dos filhos das trevas que o odeiam. A fama das suas façanhas tinha-o cercado duma auréola de terror supersticioso, e, quando passava, os guerreiros do deserto apontavam para êle,

e em voz sumida diziam uns aos outros: — «¡ Ei-lo que vem! ei-lo, o cavaleiro negro!».

Mas, ¿porque parou êle, sofreando súbitamente o ginete? ¿Que há aí, nessa extensa seara ceifada de homens de guerra, que possa atrair os olhos do mais incansável dos segadores? No sítio em que parou estava, poucas horas antes, hasteada a signa rial: era o centro da hoste goda; mas dos que aí pelejavam, uns lá vão ao longe precipitar-se no abismo da ignomínia; outros, os mais felizes, adormeceram do seu último sono no regaço da pátria. O guerreiro fitou os olhos no chão: a fouce da morte, passando por ali, cerceara a derradeira esperança do império de Teoderico. O espectáculo que se lhe antolhava era a explicação do terror que se apossara de tantos homens valentes. Fugiam: ¡ Ruderico, porêm, estava aí! mas retalhado de golpes; ¡ mas sem vida! Já não seria debaixo de seus pés que o trono da Espanha se desfaria aos golpes do machado dos Árabes. Um scètro sem dono em Toletum e mais um cadáver junto às margens do Críssus, ¡ eis o que restava do último rei dos Gôdos! Com a sua morte fenecera ao redor dêle a esperança, e com a esperança dera em terra o esfôrço

dos ânimos mais robustos. As alas ignoravam êste triste acontecimento e por isso pelejavam ainda.

Mas pouco tardou a ser geral a rota; porque pouco tardou a espalhar-se aquela nova fatal. Um dia bastara para aniquilar o império que durante quatro séculos fôra o mais poderoso e civilizado, entre as nações germânicas estabelecidas nas diversas províncias romanas. A corrupção dos últimos tempos concluíra a sua obra, e o edifício da monarquia gótica, ainda rico de majestade exterior, mostrara, enfim, desconjuntando-se e desabando, o fervor dos vermes que interiormente o roíam. A cruz, derribada com êle, só devia tornar a hastear-se triunfante em todos os ângulos da Espanha, depois do combater de oito séculos.

Uma parte do exército gôdo ainda pudera salvar-se atravessando o rio; mas as pontes lançadas na véspera tinham por fim estalado, derivando pela corrente debaixo do pêso dos fugitivos; e as águas devoravam muitos que o ferro havia poupado. Teodemiro, que não perdera o ânimo no meio daquela desventura, alcançara fazer passar à margem oposta as relíquias dos soldados

da Bética e os restos de muitas tiufadias de outras províncias. Nos arraiais, os Árabes, senhores do campo, saùdavam a vitória com o som dos instrumentos bárbaros e com clamores de alegria que iam sussurar ao longe pelos vales e campos, desertos dos seus moradores. Um homem só combatia ainda daquele lado, à beira do rio. Era o cavaleiro negro. Cercavam-no muitos sarracenos, mas de longe; porque os que ousavam aproximar-se dêle caíam a seus pés moribundos. Às vezes, como que tentava romper por entre os inimigos, mas era tentar o impossível. No volver dos olhos inquietos para um e para outro lado, parecia buscar descobrir alguma cousa naquele vasto campo onde só descortinava os cadáveres dos vencidos e os vultos ferozes dos vencedores. Por fim, voltando o rosto para a margem oposta, viu flutuar sôbre uma eminência o pendão de Teodemiro. Uma expressão fugitiva de contentamento lhe assomou então ao gesto. Despedindo das mãos a borda ensangùentada, que sibilou por meio dos árabes apinhados em volta, o guerreiro arrojou-se à torrente. Á luz do sol que se punha, viu-se-lhe umas poucas de vezes reluzir o elmo, alongando-se pela

superfície das águas e desaparecendo por largos espaços. As trevas, que já desciam densas, e a impetuosidade da corrente que o arrastava, não permitiram prever-se qual seria a sua sorte.

Eurico era a última e tenuíssima esperança que bruxuleava nos horizontes do império gôdo: como estrêla cadente que se immerge nos mares, ¡aquele esfôrço brilhante se desvanecera na escuridão que tingia as águas do Críssus!

(*Eurico*, Cap. XI.)

COVADONGA

A vitória do Críssus assegurara aos Árabes a conquista da Espanha inteira, porque o desalento entrara em todos os corações, e o terror quebrara todos os brios. O duque de Cantábria, Pelágio, fôra o único em cuja alma não morrera inteiramente a esperança. Errante pelos cerros quási inacessíveis que se elevam no extremo oriental da Galécia e que, passando ao norte da Cartaginense, vão encontrar-se no vulto gigante dos Pirenéus, o mancebo não dobrara a cerviz ao fado cruel que pesava sôbre seus irmãos. Poucos o haviam seguido naquela vida quási selvagem: mas êsses poucos eram homens a quem a aura da liberdade parecia a única atmosfera, em que os seus pulmões robustos poderiam resfolegar; homens a cujos olhos as afrontas da cruz derribada do cimo das catedrais seria espectáculo incrível e insuportável. Uma caver-

na servia de paço ao jovem rei das montanhas, e de templo ao Crucificado. Os domínios de Pelágio eram as serranias e os vales profundos onde, porventura, até então nunca soara a voz humana. O urso ferocíssimo, o javali indomável, a leve corça, abasteciam a grosseira mesa dêsses gôdos a quem a desgraça e a vida dura das solidões fizera mais feros, mais indomáveis e mais ligeiros do que êles. Ás vezes, Pelágio e os seus soldados desciam das montanhas para largas correrias, semelhantes à tempestade nocturna; e, como a tempestade, passavam pelas tendas dos Árabes ou pelas aldeias, despovoadas de Cristãos, onde os infiéis começavam a fazer assento. Alta noite ouvia-se ai um gemer de moribundos, via-se o brilhar do incêndio. Era o bulcão do deserto que rugia por lá. Ao amanhecer tudo estava tranqùilo, porque, bem como a procela, Pelágio era repentino e destruidor, e só escrevia na terra com os caracteres sanguinolentos de ruínas e mortes a notícia da sua quási invisível passagem.

Não assim Teodemiro. Depois da batalha, os restos das tiufadias desbaratadas haviam-no proclamado sucessor de Ruderico. Era de ferro e de espinhos a coroa

que se lhe oferecia sôbre a campa do império gôdo. Aceitou-a; porque em aceitá-la havia mais abnegação que orgulho. Enquanto Tárique, rendida Toletum, subjugava uma parte da Cartaginense, Muça, o amir (1) de África, desembarcando nas costas da Espanha com um novo exército, rendia Híspalis e, atravessando o Ana, submetia ao jugo do Califa todo o ocidente da peninsula ibérica. As relíquias do exército gôdo, que não haviam podido resistir a Tárique, muito menos poderiam impedir a passagem do amir. Assim, Teodomiro, ajuntando êsses soldados dispersos, acolhera-se às serranias de Ilípula, na extremidade oriental da Bética. Muça, porêm, enviara contra êle seu filho Abdalaziz, um dos mais famosos guerreiros do Islame. Apesar da superioridade do exército árabe, a luta fôra longa e terrível. Teodemiro sucumbira por fim; mas, pôsto que vencido, o seu valor obrigara os muçulmanos a concederem-lhe vantajosas condições de paz. Os vastos domínios que ainda possuía foram-lhe conservados, reconhecendo êle a supremacia do

---

(1) A forma mais freqùente é *emir*. O emir é uma espécie de conde ou governador de província.

amir; e os Gôdos puderam, ao menos nesse canto da Bética, achar uma parte da segurança e repouso que faltava no resto da Espanha, onde o alfange da conquista assinalava tôdas as frontes com o ferrete da servidão e reduzia a montões de ruínas as cidades, nas quais o espírito do Cristianismo e da liberdade ousava relutar contra o domínio do califa e contra a religião do alcorão.

Teodemiro reinou largo tempo nos distritos orientais da Bética, mas abandonado pelos mais nobres guerreiros, para quem a paz com os infiéis seria incomportável desonra. As montanhas das Astúrias eram o verdadeiro e único refúgio da independência goda. Em volta de Pelágio ajuntavam-se todos os homens esforçados que não tinham ainda desesperado da Providência e da própria espada. Muitos dêles adormeceram para sempre nas solidões daqueles agrestes esconderijos, sem que vissem verificar-se as suas esperanças; outros, porêm, saùdaram ainda a aurora do dia da vingança e puderam dizer, morrendo: — «¡ a Espanha será salva!...».

*

* *

Era passado um ano depois da batalha do Críssus. O número dos companheiros de Pelágio aumentava diáriamente com os homens generosos que, depois da paz de Teodemiro com os Árabes, deixavam êste, para salvarem a sua independência nos fraguedos das Astúrias e da Cantábria. Êsses contínuos socorros fortaleciam a constância do môço guerreiro, que via crescer e sussurrar a torrente dos invasores em volta das suas montanhas. Abdalaziz, o valente filho de Muça, subjugara a Lusitânia e a Cartaginense, e, saqueando as cidades opulentas do norte, que lhe abriram as portas, metia a ferro e fogo as que tentavam resistir-lhe. Os rolos de fumo que se alevantavam das povoações incendiadas mostravam aos cavaleiros de Pelágio que já pelos campos góticos flutuava triunfante o estandarte de Moamede. Rugindo de cólera ao contemplarem êste espectáculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas. Então sentiam escorregarem-lhes as lágrimas pelas faces tostadas, e descer-lhes com elas aos seios

da alma a resignação e a esperança na piedade de Deus.

Debaixo de semblante severo, mas sereno, Pelágio sabia esconder a amargura que lhe trasbordava do coração. No viço da juventude, o espírito lhe encanecera em meio dos dolorosos sucessos da sua ainda tão curta vida. A tôdas as mágoas comuns se lhe acrescentavam outras particulares, porventura mais pungentes. A maior parte dos seus companheiros haviam trazido para as Astúrias os pais decrépitos, os filhos e as espôsas — todos aqueles por quem repartiam os afectos do seu coração. Êle, porêm, não pudera salvar uma irmã que adorava e que Favila, expirando, entregara em seus braços, para que fôsse o defensor e o abrigo da que ficava órfã no mundo. Ao sair da Tárraco, para se ir ajuntar à hoste de Ruderico, o mancebo deixara Hermengarda nos paços paternos, encomendada à guarda dalguns velhos bucelários de seu pai. Quando, depois da batalha junto do Críssus, se acolhera às montanhas, onde só podia conservar a liberdade, Pelágio avisara sua irmã do lugar em que existia, e lhe comunicara todos os meios de penetrar naquela quási inacessível guarida. A resposta de

Hermengarda foi digna de uma neta dos Gôdos: dizia-lhe que brevemente seria com êle; porque preferia um covil de feras habitado por Pelágio às delícias de Tárraco, sôbre a qual não tardaria, talvez, a pesar o férreo jugo dos muçulmanos. Com os bucelários (1) que lhe deixara, ela ia atravessar a Espanha, encaminhando-se a Légio, onde devia chegar dentro de poucos dias.

Esta carta de Hermengarda produzira cruéis receios no ânimo do mancebo. Sabia que os Árabes, derramados já pela Galécia, não tardariam a envolver na torrente das suas assolações a antiga cidade romana: êle, que experimentara qual era a fúria dos guerreiros do oriente, compadecia-se das vãs esperanças de resistência que os habitantes de Légio alimentavam ainda. De feito, um dia em que enviara alguns cavaleiros pelos diversos caminhos que Hermengarda poderia seguir, na sua arriscada e longa peregrinação, estes voltaram sôbre a

---

(1) No Império gôdo os *bucelários* vinham a ser o mesmo que os clientes dos Romanos: homens patrocinados pelas famílias poderosas. Uns derivam esta palavra de *bucella,* migalha de pão; outros de um vocábulo escandinavo que significa *escudo.*

tarde com uma bem triste nova. Os Árabes, capitaneados por Abdalaziz, haviam chegado junto aos muros daquela forte povoação, e poucas horas lhes tinham bastado para hastearem nas suas tôrres o estandarte de Moamede, e para passarem à espada os seus defensores. Deixando aí uma das tríbus berberes, o exército dos conquistadores guiara rápidamente para a Tarraconense, e os esculcas gôdos haviam escapado a custo aos almogaures árabes, desaparecendo entre os desvios das serras e espreitando das apertadas portelas o caminho que seguia a multidão dos infiéis, os quais lhes pareceu dirigirem-se para o lado do célebre mosteiro da Virgem Dolorosa. Quanto à irmã de Pelágio, nenhuns vestigios haviam encontrado da sua passagem; nenhuma esperança traziam.

Tais foram as novas que os cavaleiros enviados aos vales alêm de Légio deram ao môço guerreiro, que já os esperava impaciente em uma das gargantas do Vínio. Cheio de tristeza, Pelágio voltou então para a sua morada selvática, para o esconderijo pelo qual havia tanto tempo trocara os paços paternos da esplêndida Tárraco. Durante muitas horas, no meio do denso ne-

voeiro acamado sôbre as encostas, pelas sendas tortuosas das montanhas, os cavaleiros que seguiam o duque de Cantábria não ousaram quebrar-lhe o doloroso silêncio. Apenas, pela calada da noite negra e fria, soava lá ao longe o ruído do Sália, de cujas margens por vezes se aproximavam. O sussurar, porêm, da corrente, amortecido de quando em quando pela distância, confundia-se com o ramalhar nas sarças do lôbo que fugia e com o brando rugir dos pinhais, balouçados pela bafagem do vento. Estes sons vagos e confusos respondiam ao tropear dos ginetes galgando as serras, ou descendo lentamente e enfileirados, à borda dos precipícios. O nevoeiro, mergulhando-se nestes, branqueava-lhes os seios e revelava a sua existência, deixando entre uns e outros como uma fita tortuosa e escura que ia morrer mui perto no breve horizonte, encurtado pela cerração e pelas trevas.

Tarde, já bem tarde, uma luz baça e duvidosa bruxuleou sem brilho adiante dos cavaleiros, que haviam rodeado as montanhas, fazendo um largo semi-círculo. Naquele momento transpunham uma garganta medonha. Pelo contrário de outros lugares que

tinham atravessado, aqui as serras erguiam--se quási a prumo de uma e de outra parte da estreita passagem. Por meio dela sentia--se o ruído de torrente caudal, que parecia vir da banda da luz que se via em distância; e o nevoeiro, cada vez mais cerrado, pendurava-se em orvalho na barba espessa dos guerreiros e nos cabelos que lhes ondeavam pelos ombros, saindo de sob os elmos.

Seguindo o curso do ribeiro, a cavalgada chegou, por fim, a um vale mais amplo, mas também rodeado de serras, cuja sombra gigante seria fácil perceber, apesar da cerração, a quem olhasse atentamente em roda. A luz que parecia guiar os cavaleiros, a princípio duvidosa, ténue, sumindo-se a espaços, crescia rápidamente e era já um grande clarão, que reflectia pelos penhascos, visíveis para um e outro lado, e scintilava no dorso da corrente. Um grito de esculca veio quebrar o silêncio dos caminhantes, que durante tantas horas não tinham proferido uma única sílaba.

As palavras — ¡ Covadonga e Pelágio! — repetidas pelos cavaleiros da frente, responderam à voz do esculca, que, em pé e quêdo sôbre um outeirinho, os deixou passar

àvante. Em breve chegaram ao termo da sua viagem. O vale findava em extensa penedia cortada a pique. Á direita uma subida íngreme, talhada na pedra viva, conduzia a um arco irregular aberto nas rochas. Era a claridade do fogo aceso debaixo dêle a que se derramava no vale, e que ainda ia alumiar frouxamente o passo estreito que os cavaleiros haviam atravessado. Encostadas aos rochedos e dispersas junto à raiz daquela muralha altíssima, estavam derramadas muitas choupanas, grosseiramente construídas de mal acepilhados troncos, e cobertas de ramos e colmo. Em frente de várias delas ainda fumegava o brasido das fogueiras nocturnas daquela espécie de arraial, onde ciciava o respirar compassado dos que dormiam. Ao pé da primeira e mais extensa choupana, Pelágio descavalgou: os mais seguiram o seu exemplo.

«¡Gutislo!» — bradou um dos cavaleiros, cujo elmo se distinguia dos demais, porque era o único em cuja superfície negra e baça não reverberava o clarão avermelhado dos carvões acesos, que ainda restavam de uma grande fogueira, junto da subida íngreme que guiava à caverna.

Um homem agigantado e de fera cata-

dura saíu da choupana, murmurando sons mal articulados e que pareciam de agastamento. Dos recem-vindos os principais começaram a subir vagarosamente a senda fragosa que tinham ante si, enquanto Gutislo recolhia os ginetes, que mal se podiam menear de cansados, e os simples bucelários se derramavam pelas tendas erguidas junto dos penhascos.

Os cavaleiros chegaram ao tôpo da subida. A caverna de Covadonga, o palácio do duque de Cantábria, estava patente. Da esquerda, em vasta lareira, ardia um grosso cepo de sobreiro, que conservava tépida e enxuta a atmosfera, naturalmente fria e húmida: da direita, pelas quebras angulosas das rochas, viam-se deitados capacetes, saios de malha e muitas armas ofensivas. Escabelos grosseiros, mesas de carvalho e alguns leitos de peles de animais silvestres, amontoadas sôbre a cortiça que servia de pavimento, completavam o aderêço daquele rude aposento. Todavia, as armas pulidas, ordenadas em feixes, e as estalactites seculares, penduradas do teto, reverberando o clarão da fogueira, davam ao tôpo da lapa um aspecto esplêndido, que dalgum modo assemelhava esta habitação de

feras a uma sala de armas de paços afortalezados.

É alta noite: os cavaleiros que haviam acompanhado Pelágio dormem profundamente, estirados nos pobres leitos da gruta. Quem ouvisse os nomes dêsses rudes soldados saberia quais eram os restos da mais ilustre nobreza goda: eram muitos daqueles que, havia poucos meses, nos paços magníficos de Toletum, passavam as noites em festas, os dias em banquetes e que, depois de existência deleitosa, esperavam ir dormir, sob as arcarias das criptas das catedrais, nos túmulos soberbos de seus avós. E, todavia, a conquista reduziu-os à vida de bárbaros e fê-los retroceder aos costumes duros e ferozes dos companheiros de Teodorico e de Ataúfo, aos hábitos de rudeza dos primitivos Visigodos.

(*Eurico*, Cap. XIII.)

A AURORA DA REDENÇÃO

O ESPECTÁCULO que oferecia a caverna de Covadonga na noite imediata àquela que se despediu com os sucessos das margens do Sália (1) era mui semelhante ao dessoutra noite em que Pelágio recebera a nova do cativeiro de Hermengarda; — espectáculo semelhante, mas personagens, em parte, diversas. Na vasta lareira, próxima da entrada da gruta e a que servia de chaminé uma larga fenda dos rochedos superiores, ardiam alguns cepos de carvalho, que, repassados de fogo durante longa noite de Novembro e abrasados até à medula, davam apenas uma chama ténue e azulada, cujo fraco esplen-

(1) Fuga de Hermengarda do acampamento de Tárique e perseguição pelos árabes, até à margem daquele rio, dos cavaleiros gôdos que a acompanhavam e protegiam.

dor se perdia na claridade brilhante de cinco ou seis fachos, encostados pelas paredes irregulares da caverna. Do numeroso tropel de guerreiros que naquela memorável noite se tinham erguido à voz do môço duque de Cantábria, travando das armas, apenas se viam agora, estendidos nos grosseiros leitos formados das peles de animais bravios, dez cavaleiros, que no seu profundo sono, no transfigurado do gesto e no desalinho dos trajos, faziam antes lembrar o o jazer de cadáveres, que o repousar de vivos. Perto do lar aceso, assentado em escabelo tôsco e com a cabeça encostada ao braço firmado numa anfractuosidade do rochedo, via-se tambêm adormecido um guerreiro em cujo rosto os sulcos das rugas e o cavado das faces davam, porventura, mostra de mais dilatada vida do que, na realidade, era a sua. O sono parecia nêle únicamente o entorpecimento das fôrças físicas exaustas, e não o repouso do espirito; porque, de quando em quando, os membros se lhe agitavam por estremeção violento, ou se lhe descerravam os olhos, e moviam os lábios, como se tentasse falar: mas sussurrava apenas alguns sons inarticulados, e caía de novo em torpor, que não tardava

em ser outra vez interrompido. Num recesso da gruta, formado pelos ressaltos das rochas e que servia como de câmara ao jovem capitão dos foragidos, parecia também jazer um vulto sôbre telas mais delicadas que os despojos de animais silvestres, as quais eram, talvez, ainda restos do anterior luxo dos paços de Tárraco; talvez, vestígios da passada grandeza dos duques de Cantábria e da antiga civilização gótica. Um pano de púrpura franjado de ouro pendia da abóbada natural, preso nas estalactites seculares que dela desciam, semelhantes aos penduróis do teto de um templo normando-árabe. A luz dos fachos mal alumiava aquele recanto afastado; mas nessa meia claridade branquejavam roupas alvas de mulher, que também parecia agitada por sonhos dolorosos, se é que o seu gemer de espaço a espaço, o soluçar contínuo, o agitar-se de instante a instante não eram antes indícios dessa modorra febril, dessa hesitação entre o dormir e a vigília, semelhante ao arquejar do moribundo que já perdeu a consciência da vida que vai fugindo. No meio desta scena de duvidosa quietação uma personagem velava. Era o môço Pelágio, que, atravessando a caverna a passos lentos e

cautelosos, de um para outro lado, ora aplicava o ouvido aos movimentos irrequietos e ao respirar agitado do vulto branco, ora parava à entrada da gruta, fitando os olhos na escuridão exterior e escutando, com todos os sinais de impaciência de quem espera, alguêm que tarda. Depois, dirigia-se para o lado do vermelho brasido e, cruzando os braços, punha-se a contemplar o tôrvo aspecto do cavaleiro do escabelo, com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que fôsse de admiração e de terror involuntário.

Estes movimentos sucessivos do mancebo repetiram-se umas poucas de vezes; por fim, a figura membruda e selvática do lusitano Gutislo assomou no arco irregular que servia de pórtico àquela habitação, roubada pela desventura às feras.

«¿Voltaram?» — preguntou em voz baixa ao bárbaro do Hermínio o duque de Cantábria.

«Desmontam agora, — respondeu Gutislo: — Velido, o centenário (1), disse-me viesse ver se repousavas».

---

(1) Comandante de uma *centúria*, ou companhia de cem soldados.

«¡Repousar! — replicou Pelágio, sorrindo tristemente e olhando para o sítio onde o pano de púrpura ocultava o vulto branco. — Que venha: que venha já».

Gutislo desapareceu. Daí a alguns momentos, o centenário entrava.

Era um guerreiro, cujos cabelos brancos, cujos meneios pausados e cujo olhar penetrante, davam testemunho de prudência e discrição. Parecia inquieto e assustado.

«¿Que novas nos trazes, Velido? ¿Qual caminho seguem os árabes?».

«O que prouvera a Deus êles nunca houvessem encontrado. Ao amanhecer, os cavalos africanos beberão as águas do Deva; os sons das trombetas agarenas ouvir-se hão retumbar pelas encostas de Concana e ecoarão nos alcantis do Auseba. Vagueámos dispersos a tarde inteira e a maior parte da noite. Pelas alturas do sul e do oriente reluziam ao longe as armas dos infiéis, e depois as suas almenaras. Os pastores astúrios, que já nos esperavam no vale de Onis, onde todos os esculcas se ajuntaram à hora da têrça nocturna, nos relataram então o que, sumidos por entre as brenhas, tinham podido observar de perto...»

«¿E quais foram as novas dos pegureiros? interrompeu vivamente Pelágio.—¿São muitos ou poucos os inimigos? ¿A que distância se acham?».

«Pouco depois do amanhecer devem ter descido os últimos outeiros do Vínio, e quando o sol brilhar em todo o seu esplendor, poderão pisar o solo, até hoje livre, do vale de Covadonga. Os pastores viram os nossos cavaleiros transporem o Sália: viram despenhar-se o roble, e os infiéis recuarem espantados. Mas, esquadrões após esquadrões desciam das montanhas, e dentro em breve na margem do rio não se descortinavam por grande espaço senão tropéis de Árabes. Ao pôr do sol ainda as gargantas das serranias golfavam torrentes de infiéis, e as selvas retumbavam com os golpes de machado. Antes de anoitecer, uma ponte espaçosa estava lançada sôbre o Sália num sítio menos profundo, e os inimigos começavam a atravessá-la. Entre os primeiros que passaram àquêm, asseguram os zagais terem visto muitos cavaleiros que, pelos elmos e couraças, pelas cateias e franquisques, eram, sem dúvida, gôdos».

«São as tiufadias da Tingitânia: são os

soldados réprobos do conde de Septum, que Deus conduz aos desertos das Astúrias para que os abutres e javalis tenham lauto banquete de cadáveres».

Pelágio e o centenário voltaram-se: a voz que proferira estas palavras soara atrás dêles. Era o cavaleiro do escabelo, que despertara às primeiras palavras do capitão dos esculcas e que, firmados os cotovelos sôbre os joelhos e com a cabeça entre os punhos, escutara todo o diálogo.

«Quê?! — exclamou o mancebo — ¿ainda há pouco havíeis cerrado as pálpebras, e já despertastes, Eurico?».

«Duque de Cantábria, desde muito que o sono é sempre breve para mim: há muito que nestas veias êle não derrama consolação nem frescor. Adormecido ou desperto, o meu espírito vê sempre ante si imutável a realidade, e a realidade é medonha. ¡Oxalá pudesse esta alma dormir!»

«Bem o sei: —replicou o filho de Favila. — A imagem da pátria, santa e melancólica, se misturava sanguinolenta nos vossos sonhos do dormitar. Algumas palavras sôltas que proferieis...»

«Ah! — interrompeu o cavaleiro, pondo-se em pé rápidamente, com um gesto de

espanto. — ¿Eu falava?! ¡Eram tão estravagantes os meus sonhos!... ¿Que palavras me ouvistes? ¡Delírios, loucuras!... Dizei: ¿não é assim?».

E olhava inquieto para o mancebo, como se receasse que um segrêdo importante lhe houvesse fugido dos lábios.

«As vossas palavras eram quási ininteligíveis — respondeu Pelágio. — ¡Perdida para sempre; para sempre! — Eis o que repetíeis muitas vezes; e depois: — ¡Não resta uma esperança!... ¡Oh, tão formosa e gentil!... ¡Homem infame, que tinhas em mais o ouro que a virtude e a glória, maldito sejas tu! — E então os dentes vos rangiam, e, entreabrindo os olhos, o vosso aspecto era terrível! Pensáveis, por certo, na Espanha, na formosa terra dos Gôdos; e a indignação vos arrancava maldições contra Opas e contra os que venderam pelo ouro dos Árabes as aras de Cristo e a liberdade dos seus irmãos. Enganaram-vos, porêm, os sonhos, ¡cavaleiro! A esperança resta ainda, ¡e a Espanha não se perdeu para sempre! Vós mesmo agora o dissestes. Abundante cêvo (1) de cadáveres humanos

(1) Pasto.

vão ter os abutres e javalis das montanhas.

«¡Tendes razão! — replicou o guerreiro, deixando-se cair de novo sôbre o escabelo e voltando à postura anterior. — Os meus lábios mentiram ao coração, se disseram que para a Espanha não havia esperança. Mas a mentir não tornarão êles, porque estes olhos só hão-de cerrar-se, já agora em sono bem profundo, ¡no qual não haja sonhar! ¡Depois dos combates é que se dorme bem plácidamente! É então que eu dormirei».

Era sinistro e lúgubre e, todavia, tranqùilo o modo com que êle o dizia. Pelágio, preocupado pelas novas que o centenário trouxera, não reparou no sorriso doloroso que enrugava as faces de Eurico, e, voltando-se para Velido, prosseguiu:

«Oh! Abdalaziz busca a última guarida dos cristãos, os últimos aripenes (1) de terra livre da Espanha; ¿persegue-nos como a bestas-feras?... ¡Pois bem! Vai e dize aos

(1) O aripene media-se em quadro e tinha de cada lado 12 *pérticas*, medida que equivalia a dois palmos. Chamava-se também *agripennis* ou *arpentum*, donde veio a palavra francesa *arpent*. *A. H.*

nossos cavaleiros que antes de romper a manhã estejam a cavalo com a lança em punho, prontos a marcharem para a entrada do vale. Os fundeiros e mais bucelários de pé que se preparem para subir aos píncaros sobranceiros, por ambos os lados do arraial. Dize-lhes também, a uns e a outros, que sem demora eu serei com êles».

O centenário saíu.

Pelágio chegou-se então aos que dormiam e, despertando-os um a um, fê-los aproximar da bôca da gruta:

«¿Vêdes vós a estrêla matutina que empalidece? — disse, apontando para um breve espaço do firmamento, onde, através do portal irregular, se via fulgir o planeta Vénus. — Não tarda muito que ela desapareça, mergulhada na vermelhidão da aurora. Essa vermelhidão tingirá em breve o céu, como o sangue há-de hoje tingir a terra: mas confio em Deus que, também, como após ela há-de surgir o sol envolto no seu fulgor glorioso, assim a cruz e o nome dos Gôdos se alevantarão trinfantes, após o sangue vertido por êsses dous objectos santos e queridos, que nos teem alimentado a energia da alma no meio dos trabalhos e perigos. ¡Guerreiros! os Árabes seguiram as vossas

pisadas. Abdalaziz e Juliano, um insensato e um renegado, ousaram aproximar-se ao antro dos leões de Espanha, e os leões hão-de despedaçá-los. O céu condenou-os; diz-me íntima voz que êle os condenou, inspirando-me um estratagema a que os infiéis não poderão resistir».

No gesto de Pelágio, ao proferir estas palavras, estava estampada a expressão da confiança, do esfôrço e do entusiasmo; daquele entusiasmo que êle sabia comunicar aos que o ouviam e que, na situação quási desesperada em que se achavam os foragidos das Astúrias, fizera com que lhe cedessem voluntáriamente o mando supremo os mais velhos e experimentados guerreiros.

Pelágio expôs em breves palavras os seus desenhos (1) para obter dos Árabes um triunfo completo. O caminho que seguiam devia forçosamente trazê-los às gargantas das serras. Colocados na entrada do vale, uma parte dos cavaleiros oferecer-lhes-iam débil resistência, cedendo pouco a pouco e retirando-se para o tôpo daquela espécie

---

(1) Planos, desígnios.

de caldeira cortada nas montanhas: apenas aí chegados, abandonando os ginetes, precipitar-se-iam para a caverna, aonde já se teriam acolhido as mulheres, crianças e velhos dispersos pelas tendas do campo, e em cujo estreito e escarpado portal poucos pelejadores bastavam para resistir à multidão dos inimigos. Então o grosso dos cavaleiros, em cilada nas selvas que se dilatavam para as alturas, à esquerda da garganta do vale, acometê-los-iam pelas costas, enquanto os bucelários, sumidos pelas penedias, lá no alto dos barrocais que formavam como um muro de ambos os lados do arraial, fariam chover sôbre os infiéis as armas de arremêsso, sem que a estes fôsse possível repeli-los, ignorando os caminhos que conduziam àqueles lugares, na aparência só acessíveis às águias e aos abutres, que ali tinham, de feito, a sua guarida solitária.

«Mas a vós, cavaleiros — concluiu Pelágio — que provastes extremos de esfôrço na correria a que devo a salvação da minha pobre irmã, a vós pertence o acabar da vitória que o Senhor nos vai dar. Há mais de um ano que as nossas mãos se teem calejado a aluir os penhascos que coroam

o teto desta caverna; há mais de um ano que raro dia se passa sem que o suor das nossas frontes os humedeça, ao arrastarmo--los lentamente para a borda do despenhadeiro que se eleva a prumo sôbre o ádito dêste recinto. Aí, acompanhados dos meus robustos cantabros e dos bárbaros do Hermínio, será o vosso pelejar: aí, quando os inimigos, apinhados ante aquele portal, se arremessarem contra os guerreiros que o hão-de defender; quando as trombetas dos que os ferirem pelas costas soarem uma toada de morte, e os invisíveis bucelários fizerem chover sôbre os infiéis os tiros de funda, as setas e os dardos, cumpre que êsses rochedos que, lá no cimo, parecem embebidos na penedia, caiam rápidamente e esmaguem os esquadrões cerrados dos inimigos da Espanha. Pelo caminho talhado na rocha sôbre as nascentes subterrâneas do Deva, ireis assentar-vos no cume do Auseba, e o anjo do extermínio pairará junto de vós: sereis a inteligência que guie o duro braço dos Cantabros e dos Lusitanos para lhes dirigir os golpes, para os reter quando, rareados, confundidos, esmagados os troços da serpente maldita, que ousa colear junto de Covadonga, nós pudermos

arremessar-nos ao meio dêles e fazer cair sôbre a cabeça dos pagãos os golpes dos nossos franquisques, não menos destruìdores que os rochedos despenhados».

«¿Como assim?! — replicou Sancion, que por vezes estivera a ponto de interromper o mancebo. — Nós, próceres e gardingos (1); nós, que meneamos a acha de armas e a espada; nós, que trajamos o ferro, ¿combateremos, como os servos e vis, de longe e sem risco? Nós, que por tantas milhas através das serras demos as costas aos infiéis, não poderemos, embebendo-lhes as espadas nos peitos, dizer-lhes enfim: — ¡Eis-nos aqui!... — Pelágio, isso é impossível!».

«¡Impossível!» — repetiram todos os outros cavaleiros, apinhados ao redor de Sancion.

«Impossível é — interrompeu o duque de Cantábria com gesto severo — que haja guerreiros cristãos que recusem obedecer-me, no momento em que se trata, não de ambições de glória, mas da redenção da

(1) *Próceres,* mais ou menos o mesmo que *nobres. Gardingos,* talvez uma terceira classe de nobreza depois dos *duques* e *condes.*

Espanha. ¡Cavaleiros, o esfôrço de vossos corações vos engana! Exaustos pela correria da próxima noite, os braços vos desmentiriam o ânimo, e eu não consentirei jàmais um sacrifício inútil, quando de outro modo podeis contribuir para salvarmos as Astúrias. ¡Gutislo! — clamou êle aproximando-se da bôca da caverna — dize aos teus irmãos do Hermínio que venham aqui, e ao qùingentário da minha tiufadia que vos siga com os soldados cantabros. Sancion, Gudesteu, Astrimiro, Énecon, vós todos que me cercais, ¡eis ali o vosso caminho! Parti».

E apontava para um lado da gruta, onde quem chegava ao perto via, lá em cima, o céu estrelado, por uma espécie de clarabóia natural, e, quási debaixo dos pés, um como sorvedouro escuro, em cujas profundezas se percebia o ruído das nascentes do Deva. Na circunferência daquele abismo, desde o chão da caverna, os foragidos, aproveitando as escabrosidades das paredes circulares, tinham formado uma escada tôsca, ora cavada na pedra, ora firmada sôbre troncos de árvores, fixos nas fendas e cavidades da rocha, e que, lançada em espiral, saía perto do cimo calvo do Auseba. Assim, quando o vale fôsse ocupado dos sarracenos, os cris-

tãos poderiam defender-se por largo tempo, obtendo por êsse caminho oculto os socorros dos montanheses.

Entre os cavaleiros a quem Pelágio dirigia aquelas palavras houve alguns instantes de hesitação e um murmúrio de descontentamento; mas, por fim, Sanción, pegando em um dos fachos, encaminhou-se para a escada subterrânea, e os outros seguiram-no. Os quási selvagens filhos do Munda, vestidos de peles de alimárias, e os Cantabros, cujas feições e trajos também revelavam a sua origem céltica, não tardaram a entrar na caverna. Pelágio então lhes ordenou obedecessem aos guerreiros que os haviam precedido; e em breve o som das passadas daquele tropel desordenado, alongando-se pelo abismo, morreu em silêncio total.

*

*   *

A ventura das armas muçulmanas tinha chegado ao apogeu, e a sua declinação começava, finalmente. E na verdade, a ira celeste contra os Gôdos parecia dever estar satisfeita. O solo da Espanha era como uma ara imensa, onde as chamas das cidades

incendiadas serviam de fogo sagrado para consumir aos milhares as vítimas humanas. O silêncio do desalento reinava por tôda a parte, e os Cristãos viam com aparente indiferença os seus vencedores poluírem as últimas cousas que, até sem esperança, ainda defende uma nação conquistada — as mulheres e os templos. Teodemiro pagava bem caro o procedimento que o desejo de salvar os seus súbditos o movera a seguir. O pacto feito por êle com os Árabes não tardou a ser por mil modos violado, e o ilustre guerreiro teve de se arrepender, mas já debalde, por haver deposto a espada aos pés dos infiéis, em vez de pelejar até a morte pela liberdade. Fôra isto o que Pelágio preferira, e a vitória coroou o seu confiar no esfôrço dos verdadeiros Gôdos e na piedade de Deus.

Os que teem lido a história daquela época sabem que a batalha de Cangas de Onis foi o primeiro elo dessa cadeia de combates que, prolongando-se através de quási oito séculos, fêz recuar o Alcorão para as praias de África e restituir ao Evangelho esta boa terra de Espanha, terra, mais que nenhuma, de mártires. Na batalha de junto do Auseba foram vingados os valentes que

pereceram nas margens do Críssus; porque mais de vinte mil sarracenos viram pela última vez a luz do sol naquelas tristes solidões. Mas, nesse dia de punição, esta devia abranger assim os infiéis, como os que lhes haviam vendido a pátria e que ainda vinham disputar a seus irmãos a dura liberdade de que gozavam, nas brenhas intratáveis das Astúrias.

O ardil de Pelágio para resistir com vantagem aos muçulmanos, cem vezes mais numerosos que os cristãos, surtira o desejado efeito. Ainda que muito a custo, os cavaleiros enviados em cilada para a floresta à esquerda das gargantas de Covadonga puderam chegar aí sem serem sentidos dos Árabes, que se haviam aproximade mais cedo do que o fizéra crer a narração do velho Velido. Os infiéis pararam nas bordas do Deva, no sítio em que rompia do vale, e os seus almogaures tinham ousado penetrar avante. Os cavaleiros da cilada, que a pouca distância passavam manso e manso, ouviram distintamente o tropear dos ginetes inimigos.

Mas quando, ao primeiro alvor da manhã, Pelágio se encaminhava com o seu pequeno esquadrão para a garganta das

serras, já os Árabes rompiam por ela e começavam a espraiar-se, como ribeira que, saíndo de leito apertado, se dilata pela campina. Os Cristãos recuaram, e os infiéis, atribuindo ao temor esta fuga simulada, precipitaram-se após êles. Pouco a pouco, o duque de Cantábria atraiu-os para a entrada da gruta de Covadonga. Chegado ali, pondo à bôca a sua buzina, tirou um som prolongado. Imediatamente os cimos dos rochedos, que pareciam inacessíveis, cobriram-se de fundibulários e frecheiros, e uma nuvem de tiros choveu de tôda a parte sôbre os africanos e sôbre os renegados gôdos. Vacilaram; mas o desejo da vingança levou-os a apinharem-se, esquadrões após esquadrões, à entrada da caverna, onde, finalmente, encontravam desesperada resistência. Então, como se despegassem do céu, grandes rochedos começaram a rolar sôbre êles dos cimos do precipício que lhes ficava sobranceiro. Mãos invisíveis os impeliam. Cada rocha traçava no meio daquele vulto informe que oscilava, naquela vasta planície de alvos turbantes e de capacetes reluzentes, uma escura mancha, semelhante a chaga horrível. Eram dez ou vinte guerreiros, cujos membros esmagados, cujos ossos

triturados, cujo sangue confundido, espirravam por cima das frontes dos seus companheiros. ¡ Era medonho! — porque a êsse espectáculo se ajuntava o grito de raiva e desesperação dos pelejadores, grito feroz e agudo, só comparável ao bramido de cem leoas a quem os caçadores do Atlas houvessem, na ausência delas, roubado os seus cachorrinhos.

Pela volta da tarde, apenas do numeroso e brilhante exército dos Árabes alguns milhares de cavaleiros fugiam desalentados diante dos foragidos das Astúrias, que os perseguiam incansáveis alêm de Cangas de Onis.

*

* *

Enquanto os Cristãos defendiam a entrada, Eurico esteve quêdo, como indiferente ao combate; mas, logo que os Árabes, acometidos já pelas costas, principiaram a recuar, e que Pelágio pôde combater na planície, o cavaleiro, abrindo caminho com o franquisque, desapareceu no meio dos inimigos. Desde êsse momento, debalde o duque de Cantábria o buscou: nem êle, nem ninguêm mais o viu.

Era quási ao pôr do sol. Seguindo a corrente do Deva, a pouco mais de duas milhas das encostas do Auseba, dilatava-se nessa época denso bosque de carvalhos, no meio do qual se abria vasta clareira, onde sôbre dous rochedos aprumados assentava um terceiro. Era, provávelmente, uma ara céltica.

Em frente da tôsca ponte de pedras brutas lançada sôbre o rio, uma senda estreita e tortuosa atravessava a selva e, passando pela clareira, continuava por meio dos outeiros vizinhos, dirigindo-se, nas suas mil voltas, para as bandas da Galécia. Quatro cavaleiros, a pé e em fio, caminhavam por aquele apertado carreiro. Pelos trajos e armas, conhecia-se que eram três cristãos e um sarraceno. Chegados à clareira, êste parou de repente e, voltando-se com aspecto carregado para um dos três, disse-lhe:

«Nazareno, ofereceste-nos a salvação, se te seguíssemos: fiámo-nos em ti, porque não precisavas de trair-nos. Estávamos nas mãos dos soldados de Pelágio, e foi a um aceno teu que êles cessaram de perseguir-nos. Porêm o silêncio tenaz que tens guardado gera em mim graves suspeitas. ¿Quem és tu?

Cumpre que sejas sincero, como nós. Sabe que tens diante de ti Muguite, o amir da cavalaria árabe; Juliano, o conde de Septum, e Opas, o bispo de Híspalis.»

«Sabia-o: — respondeu o cavaleiro — por isso vos trouxe aqui. ¿Queres saber quem sou? Um soldado e um sacerdote de Cristo!».

«¿Aqui!?... — atalhou o amir, levando a mão ao punho da espada e lançando os olhos em roda. — ¿Para que fim?».

«A ti, que não eras nosso irmão pelo berço, que tens combatido lialmente connosco, inimigos da tua fé; a ti, que nos oprimes, porque nos venceste com esfôrço e à luz do dia, foi para te ensinar um caminho que te conduza em salvo às tendas dos teus soldados. É por ali!... A estes, que venderam a terra da pátria, que cuspiram no altar do seu Deus, sem ousarem francamente renegá-lo, que ganharam nas trevas a vitória maldita da sua perfídia, é para lhes ensinar o caminho do inferno... ¡Ide, miseráveis, segui-o!».

E, quási a um tempo, dous pesados golpes de franquisque assinalaram profundamente os elmos de Opas e Juliano. No mesmo momento mais três ferros reluziram.

¡Um contra três! — Era um combate cala-

do e temeroso. O cavaleiro da cruz parecia desprezar Muguite: os seus golpes retiniam só nas armaduras dos dous gôdos. Primeiro o velho Opas, depois Juliano caíram.

Então, recuando, o guerreiro cristão, exclamou:

«¡Meu Deus! Meu Deus! — ¡Possa o sangue do mártir remir o crime do presbítero!».

E, largando o franquisque, levou as mãos ao capacete de bronze e arrojou-o para longe de si.

Muguite, cego de cólera, vibrara a espada: o crânio do seu adversário rangeu, e um jôrro de sangue salpicou as faces do sarraceno.

Como tomba o abeto solitário da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro misterioso do Críssus caía, para não mais se erguer!...

(*Eurico,* Caps. XVII e XIX.)

NOTAS

A raça dos Gôdos, asiática na origem e germânica na língua, que, antes de ocupar uma parte do território romano, habitava ao norte do Ponto Euxino (Mar Negro), dividia-se em duas grandes famílias, cujas denominações provieram da sua situação relativa. Os que estanceavam ao oriente chamavam-se *ost-goths* (gôdos de leste) e depois, corruptamente, ostrogodos; os que demoravam ao ocidente eram os *west-goths* (gôdos de oeste) ou visigodos, que depois de ora servirem o império como aliados, ora assolarem-no como inimigos, vieram fazer assento no sul das Gálias e na Península, estabelecendo, a final, em Toledo o centro do seu império.

*

* *

Conhecemos, talvez, a sociedade visigótica melhor que a de Oviedo e Leão, que a do nosso Portugal no primeiro período da sua existência como indivíduo político. Sabemos melhor quais foram as instituições dos Gôdos, as suas leis, os seus usos, a sua civilização intelectual e material, do que sabemos o que era

isso tudo em séculos mais próximos de nós. O esplendor dos paços, as fórmulas dos tribunais, os ritos dos templos, a administração, a milícia, a propriedade, as relações civis são menos nebulosas e incertas para nós nas eras góticas que durante o longo período da restauração cristã. E, contudo, o reproduzir a vida dessa sociedade, que nos legou tantos monumentos, com as formas do verdadeiro romance histórico temo-lo por impossível, ao passo que o representar a existência dos homens do undécimo ou dos seguintes séculos será para o que os tiver estudado, não digo fácil, mas, sem dúvida possível.

¿ Qual é a causa disto?

Dos Gôdos restam-nos códigos, história, literatura, monumentos escritos de todo o género; mas os códigos e a literatura são reflexos, mais ou menos pálidos, das leis e erudição do império romano, e a história desconhece o povo. O goticismo espanhol, ao primeiro aspecto, parece mover-se. Palpamo-lo: é uma estátua de mármore, fria, imóvel, hirta. As portas das habitações dos cidadãos cerram-nas os sete selos do Apocalipse: são a campa da família. A família goda é para nós como se nunca existira.

Não cabe numa nota o fazer sentir êsse não sei quê de majestade *escultural* que conserva sempre a raça visigótica, por mais que tentemos galvanizá-la, nem o contrapor-lhe as gerações nascidas durante a reacção contra o islamismo, que surgem e agitam-se e vivem quando lhes aplicamos a corrente eléctrica e misteriosa que, partindo da imaginação, vai despertar os tempos que foram, do seu calado sepulcro.

O romance histórico, como o concebeu Walter Scott, só é possível aquêm do oitavo — talvez aquêm do

décimo século; porque só aquêm dessa data a vida da família, o homem sinceramente homem, e não ensaiado e trajado para aparecer na praça pública, se nos vai pouco a pouco revelando.

A Espanha romano-germânica transformou-se na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe. A obra literária (novela ou poema — verso ou prosa — ¿que importa?) relativa a essa transição deve combinar as duas fórmulas — indicar as duas extremidades a que se prende; fazer sentir que o descendente de Teoderico ou de Leuvigildo será o ascendente do Cid ou do Lidador; que o herói se vai transformar em cavaleiro; que o servo, entidade duvidosa entre homem e cousa, começa a converter-se em altivo e irrequieto burguês.

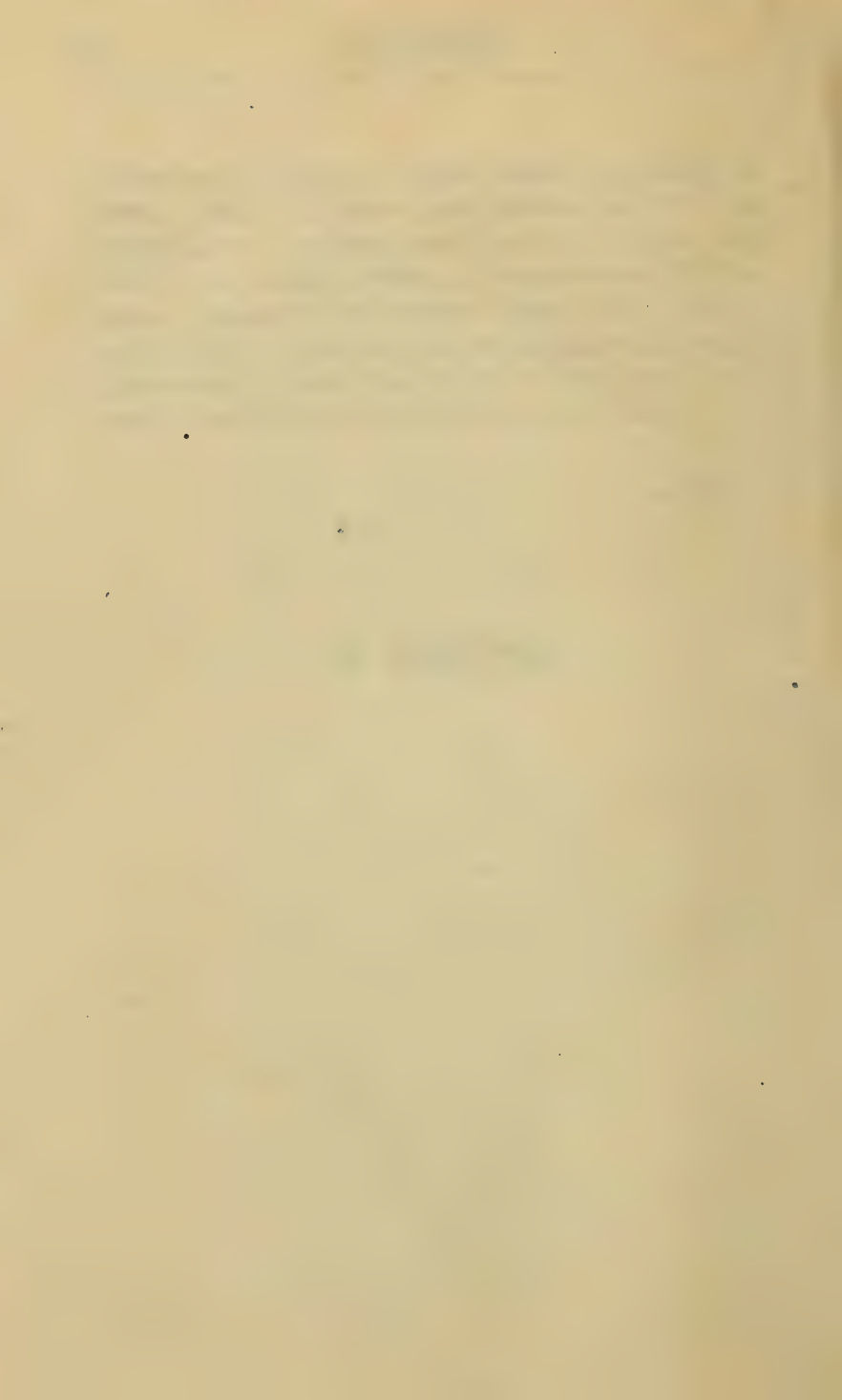
*

* *

Nas mil tradições diversas, quer antigas, quer inventadas em tempos mais modernos, sôbre o modo como se constituíu a monarquia das Astúrias, procurei cingir-me, ao menos no desenho geral, ao que passa por mais próximamente histórico. Todavia, cumpre advertir que Pelágio viveu, segundo tôdas as probabilidades, em tempos um pouco posteriores à conquista árabe, e que a morte de Opas e de Juliano na batalha de Cangas de Onis, sucesso narrado por alguns escritores, tem sobrados caracteres de fabulosa. A minha intenção, porêm, foi, como já notei, pintar os homens da época de transição, digamos assim, dos tempos heróicos da história moderna para o período da cavalaria, brilhante ainda, mas já de

dimensões ordinárias. O meu herói do Críssus é como o último semideus que combate na terra; os foragidos de Covadonga são como os primeiros cavaleiros da longa, patriótica e tenaz cruzada da Península contra os sarracenos. Dêste modo, sendo hoje dificultoso separar, em relação àquelas eras, o histórico do fabuloso, aproveitei de um e de outro o que me pareceu mais apropriado ao meu fim.

A. H.

SÉCULO X

O ALCAIDE DE SANTARÊM

(950-961)

I

O GUADAMELATO é uma ribeira que, descendo das solidões mais agras da Serra Morena, vem, através de um território montanhoso e selvático, desaguar no Guadalquivir, pela margem direita, pouco acima de Córdova. Houve tempo em que nestes desvios habitou uma densa população: foi nas eras do domínio sarraceno em Espanha. Desde o govêrno do amir Abu Alcatar o distrito de Córdova fôra distribuído às tríbus árabes do Iémene e da Síria, as mais nobres e mais numerosas entre tôdas as raças da África e da Ásia que tinham vindo residir na Península, por ocasião da conquista ou depois dela. As famílias que se estabeleceram naquelas

encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores. Assim, no meado do décimo século, pôsto que êsse distrito fôsse assaz povoado, o seu aspecto assemelhava-se ao de um deserto; porque nem se descortinavam por aqueles cabeços e vales vestígios alguns de cultura, nem alvejava um único edifício no meio das colinas rasgadas irregularmente pelos algares (1) das torrentes, ou cobertas de selvas bravias e escuras. Apenas, um ou outro dia, sè enxergava na extrema de algum almargem (2) virente a tenda branca do pegureiro, que no dia seguinte não se encontraria ali, se porventura se buscasse.

Havia, contudo, povoações fixas naqueles ermos; havia habitações humanas, porêm não de vivos. Os Árabes colocavam os cemitérios nos lugares mais saùdosos dessas solidões, nos pendores meridionais dos outeiros, onde o sol, ao pôr-se, estirasse de soslaio os seus últimos raios pelas lájeas lisas

(1) Concavidades, barrancos.
(2) Prado, pastagem.

das campas, por entre os raminhos floridos das sarças açoutadas do vento. Era ali que, depois do vaguear incessante de muitos anos, êles vinham deitar-se mansamente uns ao pé dos outros, para dormirem o longo sono sacudido sôbre as suas pálpebras das asas do anjo Azrael.

A raça árabe, inquieta, vagabunda e livre, como nenhuma outra família humana, gostava de espalhar na terra aqueles padrões, mais ou menos sumptuosos, do cativeiro e da immobilidade da morte, talvez para avivar mais o sentimento da sua independência ilimitada durante a vida.

No recôsto de um têso, elevado no extremo de extensa gandra (1) que subia das margens do Guadamelato para o nordeste, estava assentado um dêsses cemitérios pertencentes à tríbu Ieménida dos Benu-Homair. Subindo pelo rio viam-se alvejar ao longe as pedras das sepulturas, como vasto estendal, e três únicas palmeiras, plantadas na coroa do outeiro, lhe tinham feito dar o nome de cemitério Al-tâmara. Transpondo o cabeço para o lado oriental, en-

---

(1) Terra areenta (gandra ou gândara).

contrava-se um dêsses brincos da natureza, que nem sempre a sciência sabe explicar; era um cubo de granito de desconforme dimensão, que parecia ter sido pôsto ali pelos esforços de centenares de homens, porque nada o prendia ao solo. Do cimo desta espécie de atalaia natural descortinavam-se para todos os lados vastos horizontes.

Era um dia à tarde: o sol descia rápidamente, e já as sombras principiavam do lado do leste a empastar a paisagem ao longe em negrumes confusos. Assentado na borda do rochedo quadrangular, um árabe dos Benu-Homair, armado da sua comprida lança, volvia olhos atentos, ora para o lado do norte, ora para o de oeste: depois sacudia a cabeça com um sinal negativo, inclinando-se para o lado oposto da grande pedra. Quatro sarracenos estavam ali, também, assentados em diversas posturas e em silêncio, o qual só era interrompido por algumas palavras rápidas, dirigidas ao da lança, a que êle respondia sempre do mesmo modo com o seu menear de cabeça.

«Albarre, — disse, por fim, um dos sarracenos, cujo trajo e gesto indicavam uma grande superioridade sôbre os outros —

parece que o caide de Xantarine (1) esqueceu a sua injúria, como o uáli de Saracusta (2) a sua ambição de independência. Até os partidários de Hafeçune, êsses guerreiros tenazes, tantas vezes vencidos por meu pai, não podem acreditar que Abde Alá realize as promessas que me induziste a fazer-lhes».

«Amir Alméleque (3),—replicou Albarre—ainda não é tarde: os mensageiros podem ter sido retidos por algum sucesso imprevisto. Não creias que a ambição e a vingança adormeçam tão fácilmente no coração humano. Dize, Alatar, ¿não te juraram êles pela sua santa Caba (4) que os enviados com a notícia da sua rebelião e da entrada das cristãos chegariam hoje a êste lugar aprazado, antes de anoitecer?

«Juraram—respondeu Alatar—; ¿mas que fé merecem homens que não duvidam de quebrar as promessas solenes feitas ao califa e, alêm disso, de abrir o caminho aos

(1) Santarêm. *A. H.*
(2) Governador do distrito de Saragoça. *A. H.*
(3) Príncipe Rial. *A. H.*
(4) O famoso templo de Meca. *A. H.*

infiéis para derramar o sangue dos crentes? Amir, nestas negras tramas tenho-te servido lialmente; porque a ti devo quanto sou; mas oxalá que falhassem as esperanças que pões nos teus ocultos aliados. Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Córtoba (1), e não houvera de ser o supedâneo do trono que ambicionas o túmulo de teu irmão!».

Alatar cobriu a cara com as mãos, como se quisesse esconder a sua amargura. Abde Alá parecia comovido por duas paixões opostas. Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

«Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso. Meu irmão Aláqueme acaba de ser reconhecido sucessor do califado: eu próprio o aceitei por futuro senhor poucas horas antes de vir ter convosco. Se o destino assim o quer, faça-se a vontade de Deus! Albarre, imagina que os teus sonhos ambiciosos e os meus foram uma cacida (2)

---

(1) Córdova. *A. H.*

(2) Poema de trinta versos, muito usado entre os Árabes, e que correspondia de certo modo às nossas odes. *A. H.*

que não soubeste acabar, como aquela que debalde tentaste repetir na presença dos embaixadores do Franja (1), e que foi causa de caíres no desagrado de meu pai e de Aláqueme e de conceberes êsse ódio que alimentas contra êles, o mais terrível ódio dêste mundo, o do amor próprio ofendido».

Amede Alatar e o outro árabe sorriram ao ouvirem estas palavras de Abde Alá. Os olhos, porêm, de Albarre faíscaram de cólera.

«Pagas mal, Abde Alá — disse êle com a voz presa na garganta — os riscos que tenho corrido para te obter a herança do mais belo e poderoso império do Islame. Pagas com alusões afrontosas aos que jogam a cabeça com o algoz para te pôr na tua uma coroa. És filho de teu pai!... Não importa. Só te direi que é já tarde para o arrependimento. ¿Pensas, acaso, que uma conspiração sabida de tantos ficará oculta? No ponto a que chegaste, retrocedendo é que hás-de encontrar o abismo!

No rosto de Abde Alá pintava-se o descontentamento e a incerteza. Amede ia a

(1) Os reinos cristãos dos Pireneus. *A. H.*

falar, talvez para ver de novo se divertia o príncipe da arriscada emprêsa de disputar a coroa a seu irmão Aláqueme. Um grito, porêm, do atalaia o interrompeu. Ligeiro como relâmpago, um vulto saíra do cemitério, galgara o cabeço e se aproximara sem ser sentido: vinha envolto num albornoz escuro, cujo capuz qúasi lhe encobria as feições, vendo-se-lhe apenas a barba negra e revôlta. Os quatro sarracenos puseram-se em pé de um pulo e arrancaram às espadas.

Ao ver aquele movimento, o que chegara não fêz mais do que estender para êles a mão direita e com a esquerda recuar o capuz do albornoz: então as espadas baixaram-se, como se corrente eléctrica tivesse adormecido os braços dos quatro sarracenos. Albarre exclamara: — «Almúlime (1) o profeta! Almúlime o santo!...».

«Almúlime o pecador — interrompeu o novo personagem —; Almúlime, o pobre faqui (2) penitente e quási cego de chorar as próprias culpas e as culpas dos homens,

---

(1) Muulin significa *o triste. A. H.*

(2) *Fakih* ou *faquir*, espécie de frade mendicante entre os muçulmanos. *A. H.*

mas a quem Deus, por isso, ilumina, às vezes, os olhos da alma para antever o futuro ou ler no fundo dos corações. Li no vosso, homens de sangue, homens de ambição! Sereis satisfeitos! O Senhor pesou na balança dos destinos a ti, Abde Alá, e a teu irmão Aláqueme. Êle foi achado mais leve. A ti o trono; a êle o sepulcro. Está escrito. Vai; não pares na carreira, que não te é dado parar! Volta a Córtoba. Entra no teu palácio Meruane; é o palácio dos califas da tua dinastia. Não foi sem mistério que teu pai to deu por morada. Sobe ao sótão (1) da tôrre. Aí acharás cartas do caide de Xantarine e delas verás que nem êle, nem o Huáli de Saracusta, nem os Benu-Hafeçune faltam ao que te juraram!»...

«Santo faquir — replicou Abde Alá, crédulo, como todos os muçulmanos daqueles tempos de fé viva, e visívelmente perturbado — creio o que dizes, porque nada para ti é oculto. O passado, o presente, o futuro domina-los com a tua inteligência sublime.

---

(1) *Sotuho* — O andar mais alto. Os nossos escritores tomavam esta palavra num sentido, evidentemente errado, servindo-se dela para indicar o aposento inferior ou térreo. *A. H.*

Asseguras-me o triunfo; ¿mas o perdão do crime podes tu assegurá-lo?».

«¡Verme, que te crês livre! — atalhou com voz solene o faquir. — Verme, cujos passos, cuja vontade mesma, não são mais do que frágeis instrumentos nas mãos do destino, ¡e que te crês autor de um crime! Quando a frecha despedida do arco fere mortalmente o guerreiro, ¿pede ela, acaso, a Deus perdão do seu pecado? ¡Átomo varrido pela cólera de cima contra outro átomo, que vais aniquilar, pregunta, antes, se nos tesouros do Misericordioso há perdão para o orgulho insensato!».

Fêz então uma pausa. A noite descia rápida. Ao lusco-fusco ainda se viu sair da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que apontava para as bandas do Córdova. Nesta postura, a figura do faquir fascinava. Coando pelos lábios as sílabas, êle repetiu três vezes:

«Para Meruane!»

Abde Alá abaixou a cabeça e partiu vagarosamente, sem olhar para trás. Os outros sarracenos seguiram-no. Almúlime ficou só.

Mas quem era êste homem? Todos o conheciam em Córdova; se vivêsseis, porêm, naquela época e o preguntásseis nessa cidade de mais de um milhão de habitantes, ninguêm vo-lo saberia dizer. Era um mistério a sua pátria, sua raça, donde viera. Passava a vida pelos cemitérios ou nas mesquitas. Para êle o ardor da canícula, a neve ou as chuvas do inverno eram como se não existissem. Raras vezes se via que não fôsse lavado em lágrimas. Fugia das mulheres, como de um objecto de horror. O que, porêm, o tornava geralmente respeitado ou, antes, temido, era o dom de profecia, o qual ninguêm lhe disputava. Mas era um profeta terrível, porque as suas predições recaíam únicamente sôbre futuros males. No mesmo dia em que nas fronteiras do império os cristãos faziam alguma correria ou destruíam alguma povoação, êle anunciava públicamente o sucesso nas praças de Córdova. Qualquer membro da família numerosa dos Benu-Umeia caía debaixo do punhal de um assassino desconhecido, na mais remota província do império, ainda das do Magrebe ou Mauritânia, na mesma hora, no mesmo instante, às vezes, êle o pranteava, redobrando os seus

choros habituais. O terror que inspirava era tal que, no meio de um tumulto popular, a sua presença bastava para fazer cair tudo em mortal silêncio. A imaginação exaltada do povo tinha feito dêle um santo, santo como o Islamismo os concebia; isto é, como um homem cujas palavras e cujo aspecto gelavam de terror.

Ao passar por êle, Albarre apertou-lhe a mão, dizendo-lhe em voz quási imperceptível:

«Salvaste-me!».

O faquir deixou-o afastar e, fazendo um gesto de profundo desprêzo, murmurou:

«Eu?! Eu teu cúmplice, miserável?!».

Depois, alevantando ambas as mãos abertas para o ar, começou a agitar os dedos rápidamente e, rindo com um rir sem vontade, exclamou:

«¡Pobres títeres!».

Quando se fartou de representar com os dedos a idea de escárnio que lhe sorria lá dentro, dirigiu-se, ao longo do cemitério, também para as bandas de Córdova, mas por diverso atalho.

II

Nos paços de Azara, o magnífico alcaçar dos califas de Córdova, há muitas horas que cessou o estrépito de uma grande festa. O luar de noite serena de Abril bate pelos jardins, que se dilatam desde o alcáçar até o Uade-alquibir, e alveja trémulo pelas fitas cinzentas dos caminhos tortuosos, em que parecem enredados os bosquezinhos de arbustos, os maciços de árvores silvestres, as veigas de boninas, os vergéis embalsamados, onde a laranjeira, o limoeiro e as demais árvores frutíferas, trazidas da Pérsia, da Síria e do Catai, espalham os aromas variados das suas flores. Lá ao longe, Córdova, a capital da Espanha muçulmana, repousa da lida diurna, porque sabe que Abde Arramane III, o ilustre califa, vela pela segurança do império. A vasta cidade repousa profundamente, e o ruido mal distinto que parece revoar por cima dela é apenas o respiro lento dos seus largos pulmões, o bater regular das suas ro-

bustas artérias. Das almádenas (1), de seiscentas mesquitas não soa uma única voz de almuadem (2), e os sinos das igrejas mozárabes guardam tambêm silêncio. As ruas, as praças, os açuques ou mercados estão desertos. Sómente o murmúrio das novecentas fontes ou banhos públicos, destinados às abluções dos crentes, ajuda o zumbido nocturno da sumptuosa rival de Bagdade.

¿Que festa fôra esta que expirava algumas horas antes de nascer a lua e de tingir com a brancura pálida da sua luz aqueles dois vultos enormes de Azara e de Córdova, que olham um para o outro, a cinco milhas de distância, como dois fantasmas gigantes envoltos em largos sudários? Na manhã do dia que findara, Aláqueme, o filho mais velho de Abde Arramane, fôra associado ao trono. Os uális, uazires e catibes da monarquia dos Benu-Umeia tinham vindo reconhecê-lo Ualí Alade, isto é: futuro califa do Andaluz e do Magrebe. Era uma idea, afagada longamente pelo velho príncipe dos crentes, que se realizara, e o jú-

(1) Tôrres.

(2) Pregoeiro religioso.

bilo de Abde Arramane havia-se espraiado numa dessas festas, por assim dizer fabulosas, que só sabia dar no século décimo a côrte mais polida da Europa, e talvez do mundo, a do soberano sarraceno de Espanha.

O Palácio Meruane, junto dos muros de Córdova, distingue-se à claridade duvidosa da noite pelas suas formas maciças e rectangulares, e a sua côr tisnada, bafo dos séculos que entristece e santifica os monumentos, contrasta com a das cúpulas aéreas e douradas dos edifícios, com a das almádenas esguias e leves das mesquitas e com a dos campanários cristãos, cuja tez docemente pálida suaviza, ainda mais, o brando raio de luar que se quebra naqueles estreitos panos de pedra branca, donde não se reflecte, mas cai na terra preguiçoso e dormente. Como Azara e como Córdova, calado e aparentemente tranqùilo, o palácio Meruane, a antiga morada dos primeiros califas, suscita ideas sinistras, enquanto o aspecto da cidade e da vila imperial únicamente inspiram um sentimento de quietação e paz. Não é só a negridão das suas vastas muralhas a que produz essa apertura de coração que experimenta quem o considera assim solitário e carrancudo; é

também o clarão avermelhado que ressumbra da mais alta das raras frestas abertas na face exterior da sua tôrre albarran, a maior de tôdas as que o cercam, a que atalaia a campanha. Aquela luz, no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da tôrre, é como um ôlho de demónio, que contempla colérico a paz profunda do império e que espera ansioso o dia em que renasçam as lutas e as devastações de que, por mais de dois séculos, fôra teatro o solo ensangùentado da Espanha.

Alguêm vela, talvez, no paço de Meruane. No de Azara, pôsto que nenhuma luz bruxuleie nos centenares de varandas, de miradouros, de pórticos, de balcões que lhe arrendam o imenso circuito, alguêm vela por certo.

A sala denominada do Califa, a mais espaçosa entre tantos aposentos quantos encerra aquele rei dos edifícios, devera a estas horas mortas estar deserta, e não o está. Dous lampadários de muitos lumes pendem dos artesões primorosamente lavrados, que, cruzando-se em ângulos rectos, servem de moldura ao almofadado de azul e ouro que reveste as paredes e o teto. A água de fonte perene murmura, caindo num tanque de

mármore construído no centro do aposento, e no tôpo da sala ergue-se o trono de Abde Arramane, alcatifado dos mais ricos tapetes do país de Farce. Abde Arramane está aí sózinho. O califa passeia de um para outro lado, com olhar inquieto, e de instante a instante pára e escuta, como se esperasse ouvir um ruído longínquo. No seu gesto e meneios pinta-se a mais viva ansiedade; porque o único ruído que lhe fere os ouvidos é o dos próprios passos sôbre o xadrez variegado que forma o pavimento da imensa quadra. Passado algum tempo, uma porta, escondida entre os brocados que forram os lados do trono, abre-se lentamente, e um novo personagem aparece. No rosto de Abde Arramane, que o vê aproximar, pinta-se inquietação ainda mais viva.

O recêm-chegado oferecia notável contraste no seu gesto e vestiduras com as pompas do lugar em que se introduzia e com o aspecto majestoso de Abde Arramane, ainda belo, apesar dos anos e das cans que começavam a misturar-se-lhe na longa e espessa barba negra. Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarábia ou túnica era de lã grosseiramente

tecida; o cinto, uma corda de esparto. Divisava-se-lhe, porêm, no despejo do andar e na firmeza dos movimentos que nenhum espanto produzia nêle aquela magnificência. Não era velho; e, todavia, a sua tez tostada pelas injúrias do tempo estava sulcada de rugas, e uma orla vermelha circulava-lhe os olhos, negros, encovados e reluzentes. Chegando ao pé do califa, que ficara immóvel, cruzou os braços e pôs-se a contemplá-lo calado. Abde Arramane foi o primeiro em romper o silêncio:

«Tardaste muito e fôste menos pontual do que costumas, quando anuncias a tua vinda a hora fixa, Almúlime! Uma visita tua é sempre triste, como o teu nome. Nunca entraste a ocultas em Azara, senão para me saciares de amargura: mas, apesar disso, não deixarei de abençoar a tua presença, porque Algáfir — dizem-no todos e eu o creio — é um homem de Deus. ¿Que vens anunciar-me, ou que pretendes de mim?».

«Amir Almuminine, (1) ¿que pode pre-

---

(1) *Príncipe dos crentes,* título correspondente ao de califa.

tender de ti um homem cujos dias se passam à sombra dos túmulos, pelos cemitérios, e a cujas noites de oração basta por abrigo o pórtico de um templo, cujos olhos tem queimado o chôro, e que não esquece um instante que tudo neste desterro, a dor e o gôzo, a morte e a vida, está escrito lá em cima? Que venho anunciar-te?... O mal; porque só mal há na terra para o homem que vive como tu, como eu, como todos, entre o apetite e o rancor; entre o mundo e Ibliz (1); isto é, entre os seus eternos e implacáveis inimigos!».

«¿¡Vens, pois, anunciar-me uma desventura?!... Cumpra-se a vontade de Deus. Tenho reinado perto de quarenta anos, sempre poderoso, vencedor e respeitado; tôdas as minhas ambições teem sido satisfeitas; todos os meus desejos realizados; e, todavia, nesta longa carreira de glória e prosperidade, só fui inteiramente feliz catorze dias da minha vida (2). Pensava que êste fôsse o décimo-quinto. ¿Devo, acaso, apagá-lo do registo em que conservo a memória dêles e em que já o tinha escrito?».

---

(1) O demónio. *A. H.*
(2) Histórico. *A. H.*

«Podes apagá-lo — replicou o rude faquir —: podes, até, rasgar tôdas as fôlhas brancas que restam no livro. Califa! ¿vês estas faces sulcadas pelas lágrimas? ¿vês estas pálpebras requeimadas por elas? Duro é o teu coração mais que o meu, se, em breve, as tuas pálpebras e as tuas faces não estão semelhantes às minhas».

O sangue tingiu o rosto alvo e suavemente pálido de Abde Arramane: os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na côr, tomaram a terrível expressão que êle costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar êsse que, só por si, fazia recuar os inimigos. O faquir não se moveu, e pôs-se também a olhar fito para êle.

«Almúlime, o herdeiro dos Benu-Umeia pode chorar arrependido dos seus erros diante de Deus; mas quem disser que há neste mundo desventura capaz de lhe arrancar uma lágrima, diz-lhe êle que mentiu!».

Os cantos da bôca de Algáfir encresparam-se com um quási imperceptível sorriso. Houve um largo espaço de silêncio. Abde Arramane não o interrompeu: o faquir prosseguiu:

«Amir Almuminine, ¿qual de teus dous

filhos amas tu mais? Aláqueme, o sucessor do trono, o bom e generoso Aláqueme, ou Abde Alá, o sábio e guerreiro Abde Alá, o ídolo do povo de Córtoba!»

«Ah — replicou o califa, sorrindo — já sei o que me queres dizer. Devias prever que a nova viria tarde e que eu havia de sabê-la... Os cristãos passaram a um tempo as fronteiras do norte e as do oriente. Meu velho tio Almudáfer já depôs a espada vitoriosa, e crês necessário expor a vida de um dêles aos golpes dos infiéis. Vens profetizar-me a morte do que partir. ¿Não é isto? Faquir, creio em ti, que és aceito ao Senhor; mas ainda creio mais na estrêla dos Benu-Umeia. Se eu amasse um mais do que outro, não hesitaria na escolha; fôra êsse que eu mandara não à morte, mas ao triunfo. Se, porêm, essas são as tuas previsões, e elas teem de realizar-se; ¡Deus é grande! ¿Que melhor leito de morte posso eu desejar a meus filhos do que um campo de batalha, em aljiede (1) contra os infiéis?».

Algáfir escutou Abde Arramane sem o

(1) Guerra santa. *A. H.*

menor sinal de impaciência. Quando êle acabou de falar, repetiu tranqùilamente a pregunta:

«Califa, ¿qual amas tu mais dos teus dous filhos?».

«Quando a imagem pura e santa do meu bom Aláqueme se me representa no espírito amo mais Aláqueme; quando com os olhos da alma vejo o nobre e altivo gesto, a fronte vasta e inteligente do meu Abde Alá, amo-o mais a êle. ¿Como te posso eu, pois, responder, faquir?»

«E, todavia, é necessario que escolhas, hoje mesmo, neste momento, entre um e outro. Um dêles deve morrer na próxima noite, obscuramente, nestes paços, aqui mesmo talvez, sem glória, debaixo do cutelo do algoz ou do punhal do assassino».

Abde Arramane recuara ao ouvir estas palavras: o suor começou a descer-lhe em bagas da fronte. Bem que tivesse mostrado uma firmeza fingida, sentira apertar-se-lhe o coração desde que o faquir começara a falar. A reputação de iluminado de que gozava Almúlime, o carácter supersticioso do califa e, mais que tudo, o haverem-se verificado tôdas as negras profecias que num longo decurso de anos êle lhe fizera,

tudo contribuía para aterrar o príncipe dos crentes. Com voz trémula replicou:

«Deus é grande e justo. ¿Que lhe fiz eu para me condenar no fim da vida a perpétua aflição, a ver correr o sangue de meus filhos queridos, às mãos da desonra ou da perfídia?».

«Deus é grande e justo — interrompeu o faquir. — ¿Acaso, nunca fizeste correr injustamente o sangue? ¿Nunca, por ódio brutal, despedaçaste de dor nenhum coração de pai, de *irmão,* de amigo?».

Almúlime tinha carregado na palavra *irmão,* com um acento singular. Abde Arramane, possuído de mal refreado susto, não atentou por isso.

«¿Posso eu acreditar tão estranha, direi antes, tão incrível profecia — exclamou êle por fim — sem que me expliques o modo como se deve realizar êsse terrível sucesso? ¿Como há-de o ferro do assassino ou do algoz vir, dentro dos muros de Azara, verter o sangue de um dos filhos do califa de Córtoba, cujo nome, seja-me lícito dizê-lo, é o terror dos cristãos e a glória do Islamismo?».

Almúlime tomou um ar imperioso e solene, estendeu a mão para o trono e disse:

«Assenta-te, califa, no teu trono e escuta-me; porque, em nome da futura sorte do Andaluz, da paz e da prosperidade do império e das vidas e do repouso dos muçulmanos, eu venho denunciar-te um grande crime. Que punas, que perdoes, esse crime tem de custar-te um filho. Sucessor do profeta, imame (1) da divina religião do Alcorão, escuta-me; porque é obrigação tua ouvir-me».

O tom inspirado com que Almúlime falava, a hora de alta noite, o negro mistério que encerravam as palavras do faquir, tinham subjugado a alma profundamente religiosa de Abde Arramane. Maquinalmente subiu ao trono, encruzou-se em cima da pilha de coxins em que êle rematava, e, encostando ao punho o rosto demudado, disse com voz prêsa: — «¡ Podes falar, Suleimane-ibne Abde Algáfir!».

Tomando então uma postura humilde e cruzando os braços sôbre o peito, Algáfir, o triste, começou da seguinte maneira a sua narrativa:

---

(1) Pontífice. Os califas reüniam em si o sumo império e o sumo pontificado.

III

«¡Califa! — começou Almúlime — tu és grande; tu és poderoso¡ Não sabes o que é a afronta ou a injustiça cruel que esmaga o coração nobre e enérgico, se êste não pode repeli-la e, sem demora, com o mal ou com a afronta, vingá-la à luz do sol! Tu não sabes o que então se passa na alma dêsse homem, cujo inteiro desagravo consiste em deixar fugir alguma lágrima furtiva, e que até, às vezes, é obrigado a beijar a mão que o feriu nos seus mais santos afectos. Não sabes o que isto é; porque todos os teus inimigos teem caído diante do alfange do almogaure ou deixado despenhar a cabeça de cima do cepo do algoz. Ignoras, por isso, o que é o ódio; o que são essas solidões tenebrosas por onde o ressentimento que não pode vir ao gesto se dilata e vive, à espera do dia da vingança. Dir-to hei eu. Nessa noite imensa, em que se envolve o coração chagado, há uma luz sanguinolenta que vem do inferno e que alumia o espírito vagabundo. Há aí terríveis sonhos, em que o mais rude e igno-

rante descobre sempre um meio de desagravo. ¡Imagina como será fácil aos altos entendimentos encontrá-lo! É por isso que a vingança, que parecia morta e esquecida, aparece, às vezes, inesperada, tremenda, irresistível, e morde-nos, surgindo debaixo dos pés, como a víbora, ou despedaça-nos, como o leão pulando de entre os juncais. ¿Que lhe importa a ela a majestade do trono, a santidade do templo, a paz doméstica, o ouro do rico, o ferro do guerreiro? Mediu as distâncias, calculou as dificuldades, meditou no silêncio e riu-se de tudo isso!».

E Algáfir, o triste, desatou a rir ferozmente. Abde Arramane olhava para êle espantado.

«Mas — prosseguiu o faquir — às vezes Deus suscita um dos seus servos, um dos seus servos de ânimo tenaz e forte, possuído, tambêm, d'alguma idea oculta e profunda, que se alevante e rompa a trama urdida das trevas. Este homem no caso presente, sou eu. ¿Para bem? Para mal? — Não sei; ¡mas sou! Sou eu que venho revelar-te como se prepara a ruína do teu trono e a destruïção da tua dinastia».

«¿A ruína do meu trono e a destruïção

da minha dinastia? — gritou Abde Arramane, pondo-se em pé e levando a mão ao punho da espada. — ¿Quem, a não ser algum louco, imagina que o trono dos Benu-Umeia pode, não digo desconjuntar-se, mas apenas vacilar debaixo dos pés de Abde Arramane? ¿Quando, porêm, falarás enfim claro, Almúlime?».

E a cólera e o despeito faíscavam-lhe nos olhos. Com a sua habitual impassibilidade o faquir prosseguiu:

«Esqueces-te, califa, da tua reputação de prudência e longanimidade. ¡Pelo profeta! Deixa divagar um velho tonto, como eu... Não!... Tens razão... Basta! O raio que fulmina o cedro desce rápido do céu. Quero ser como êle... Amanhã, a estas horas, teu filho Abde Alá ter-te há já privado da coroa para a cingir na própria fronte, e o teu sucessor Aláqueme terá perecido sob um punhal de assassino. ¿Ainda te encolerizas? ¿Foi acaso demasiado extensa a minha narrativa?».

«¡Infame!—exclamou Abde Arramane— Hipócrita que me tens enganado! ¿Tu ousas caluniar o meu Abde Alá? ¡Sangue! Sangue há-de correr, mas é o teu. ¿Crias que, com essas visagens de inspirado, com êsses

trajos de penitência, com essa linguagem dos santos, poderias quebrar a afeição mais pura, a de um pai? ¡Enganas-te, Algáfir! A minha reputação de prudente, verás que é bem merecida».

Dizendo isto, o califa ergueu as mãos, como quem ia bater as palmas. Almúlime interrompeu-o rápidamente, mas sem mostrar o menor indício de perturbação ou de terror.

«Não chames ainda os eunucos; porque assim é que dás provas de que não a merecias. Conheces que me seria impossível fugir. Para matar ou morrer sempre é tempo. Escuta, pois, o infame, o hipócrita, até o fim. ¿Acreditarias tu na palavra do teu nobre e altivo Abde Alá? Bem sabes que êle é incapaz de mentir a seu amado pai, a quem deseja longa vida e tôdas as prosperidades possíveis».

O faquir desatara de novo num rir trémulo e hediondo. Meteu a mão no peitilho da aljarabia (1) e tirou, uma a uma, muitas tiras de pergaminho: pô-las sôbre a cabeça e entregou-as ao califa, que começou a ler

(1) Espécie de roupão com capuz e meias mangas.

com avidez. A pouco e pouco, Abde Arramane foi empalidecendo, as pernas vergaram-lhe e, por fim, deixou-se cair sôbre os coxins do trono e, cobrindo a cara com as mãos, murmurou: — «¡Meu Deus! porque te mereci isto!».

Almúlime fitara nêle um olhar de girifalte (1), e nos lábios vagueava-lhe um riso sardónico e quási imperceptível.

Os pergaminhos eram várias cartas dirigidas por Abde Alá aos rebeldes das fronteiras do oriente, os Benu-Hafçune, e a diversos xeques berberes, dos que se haviam domiciliado na Espanha, conhecidos pelo seu pouco afecto aos Benu-Umeia. O mais importante, porêm, de tudo era uma extensa correspondência com Umeia ibne Iceaque, guerreiro célebre e antigo alcaide de Santarêm, que, por graves ofensas, passara ao serviço dos cristãos de Oviedo com muitos cavaleiros ilustres da sua clientela. Esta correspondência era completa de parte a parte. Por ela se via que Abde Alá contava, não só com os recursos dos muçul-

(1) *gerifalte*, ou *girofalco:* ave de rapina de que há várias espécies.

manos seus parciais, mas também com importantes socorros dos infiéis, por intervenção de Umeia. A revolução devia rebentar em Córdova pela morte de Aláqueme e pela deposição de Abde Arramane. Uma parte da guarda do alcáçar de Azara estava comprada. Albarre, que figurava muito nestas cartas, seria o hajebe ou primeiro ministro do novo califa. Ali se viam, enfim, os nomes dos principais conspiradores e tôdas as circunstâncias da entrepresa eram explicadas ao antigo alcaide de Santarêm, com aquela individuação que nas suas cartas êle constantemente exigia. Almúlime falara verdade: Abde Arramane via despregar diante de si a longa teia da conspiração, escrita com letras de sangue pela mão do seu próprio filho.

Durante algum tempo o califa conservou-se como a estátua da dor, na postura que tomara. O faquir olhava fito para êle com uma espécie de cruel complacência. Almúlime foi o primeiro que rompeu o silêncio; o príncipe Benu-Umeia, êsse parecia ter perdido o sentimento da vida.

«É tarde — disse o faquir. — Chegará em breve a manhã. Chama os eunucos. Ao romper do sol a minha cabeça pregada nas

portas de Azara deve dar testemunho da prontidão da tua justiça. Elevei ao trono de Deus a última oração e estou aparelhado para morrer, eu o hipócrita, eu o infame, que pretendia lançar sementes de ódio entre ti e teu virtuoso filho. Califa, quando a justiça espera, não são boas horas para meditar ou dormir».

Algáfir retomava a sua habitual linguagem sempre irónica e insolente, e ao redor dos lábios vagueava-lhe de novo o riso mal reprimido.

A voz do faquir despertou Abde Arramane das suas tenebrosas cogitações. Pôs-se em pé, as lágrimas haviam corrido por aquelas faces; mas estavam enxutas. A procela de paixões encontradas tumultuava lá dentro; mas o gesto do príncipe dos crentes recobrara aparente serenidade. Descendo do trono, pegou na mão mirrada de Almúlime e, apertando-a entre as suas, disse:

«¡ Homem que guias teus passos pelo caminho do céu, homem aceito ao profeta, perdoa as injúrias de um insensato! Cria ser superior à fraqueza humana. ¡ Enganava-me! Foi um momento que passou. ¡ Possas tu esquecê-lo! Agora estou tranqùilo... bem tranqùilo... Abde Alá, o traidor que

era meu filho, não concebeu tão atroz desígnio. Alguêm lho inspirou: alguêm verteu naquele ânimo soberbo as vãs e criminosas esperanças de subir ao trono por cima do meu cadáver e do de Aláqueme. Não desejo sabê-lo para o absolver; porque êle já não pode evitar o destino fatal que o aguarda. Morrerá; que antes de ser pai fui califa, e Deus confiou-me no Andaluz a espada da suprema justiça. Morrerá; mas hão-de acompanhá-lo todos os que o precipitaram no abismo».

«Ainda há pouco te disse — replicou Algáfir — o que pode inventar o ódio que é obrigado a esconder-se debaixo do manto, da indiferença e, até, da submissão. Albarre, o orgulhoso Albarre, que tu ofendeste no seu amor próprio de poeta, que expulsaste de Azara, como um homem sem engenho nem saber, quis provar-te que, ao menos, possuía o talento de conspirador. Foi êle que preparou êste terrível sucesso. Hás-de confessar que se houve com destreza. Só numa cousa não: em pretender associar-me aos seus desígnios. ¿Associar-me?..., não digo bem... fazer-me seu instrumento... ¡A mim!... Queria que eu te apontasse ao povo como um ímpio pelas

tuas alianças com os amires infiéis de França. Fingi estar por tudo, e chegou a confiar plenamente na minha lialdade. Tomei a meu cargo as mensagens aos rebeldes do oriente e a Umeia ibne Iceaque, o aliado dos cristãos, o antigo caide de Xantarine. Foi assim que pude coligir estas provas da conspiração. ¡Loucos! As suas esperanças eram a miragem do deserto... Dos seus aliados, apenas os de Saracusta e os das montanhas de Aquibla não foram um sonho. As cartas de Umeia, as promessas do amir nazareno de Jalíquia (1), tudo era feito por mim. Como eu enganei Albarre, que bem conhece a letra de Umeia, êsse é um segredo que, depois de tantas revelações, tu deixarás, califa, que eu guarde para mim...¡ Oh, os insensatos! os insensatos!».

E desatou a rir.

A noite tinha-se aproximado do seu fim. A revolução que ameaçava trazer à Espanha muçulmana todos os horrores da guerra civil devia rebentar dentro de poucas ho-

---

(1) Os árabes designavam os reis de Oviedo e Leão pelo título de reis de Galiza. *A. H.*

ras, talvez. Era necessário afogá-la em sangue. O longo hábito de reinar, junto ao carácter enérgico de Abde Arramane, fazia com que, nestas crises, êle desenvolvesse de modo admirável todos os recursos que o génio amestrado pela experiência lhe sugeria. Recalcando no fundo do coração a cruel lembrança de que era um filho que ia sacrificar à paz e à segurança do império, o califa despediu Almúlime e, mandando imediatamente reùnir o divan (1), deu largas instruções ao chefe da guarda dos eslavos. Ao romper da manhã todos os conspiradores que residiam em Córdova estavam presos, e muitos mensageiros tinham partido, levando as ordens de Abde Arramane aos uális das províncias e aos generais das fronteiras. Apesar das lágrimas e rogos do generoso Aláqueme, que lutou tenazmente por salvar a vida de seu irmão, o califa mostrou-se inflexível. A cabeça de Abde Alá caíu aos pés do algoz na própria câmara do príncipe no palácio de Meruane. Albarre, suìcidando-se na masmorra em que o tinham lançado, evitou assim o suplício.

---

(1) Conselho de Estado.

O dia imediato à noite em que se passou a scena entre Abde Arramane e Algáfir, que tentámos descrever, foi um dia de sangue para Córdova e de luto para muitas das mais ilustres famílias.

IV

Era pelo fim da tarde. Numa alcova do palácio de Azara via-se reclinado um velho sôbre as almofadas persas de um vasto almadraque ou camilha. Os seus ricos trajos, orlados de peles alvíssimas, faziam sobressair as feições enrugadas, a palidez do rosto, o encovado dos olhos, que lhe davam ao gesto todos os sintomas de cadáver. Pela imobilidade dir-se-ia que era uma destas múmias que se encontram pelas catacumbas do Egipto, apertadas entre as cem voltas das suas faixas mortuárias e inteiriçadas dentro dos sarcófagos de pedra. Um único sinal revelava a vida nessa grande ruína de um homem grande; era o movimento da barba longa e ponteaguda que se lhe estendia, como um cone de neve pen-

durado sôbre o peitilho da túnica de precioso tiraz (1). Abde Arramane, o ilustre califa dos muçulmanos do ocidente, jazia aí e falava com outro velho, que, em pé defronte dêle, o escutava atentamente; mas a sua voz saía tão fraca e lenta que, apesar do silêncio que reinava no aposento, só na curta distância a que estava o outro velho se poderiam perceber as palavras do califa.

O seu interlocutor é uma personagem que o leitor conhecerá, apenas reparar no modo como está trajado. A sua vestidura é uma aljarabia de burel, cingida de uma corda de esparto. Há muitos anos que nisto cifrou todos os cómodos que aceita à civilização. Está descalço, e a grenha hirsuta e já grisalha cai-lhe sôbre os ombros em madeixas revôltas e emmaranhadas. A sua tez não é pálida, os seus olhos não perderam o brilho, como a tez e como os olhos de Abde Arramane. Naquele, coriácea e crestada, domina a côr mixta de verdenegro e amarelo do ventre de um crocodilo; nestes, cada vez que os volve, fulgura a scentelha de paixões

(1) Tecido de linho com lavores.

ardentes que lhe sussuram dentro da alma, como a lava prestes a jorrar do vulcão que ainda parece dormir. É Almúlime, o santo faquir, que vimos salvar, onze anos antes, o califa e o império da intentada revolução de Abde Alá.

Tinham, de feito, passado onze anos desde os terríveis sucessos acontecidos naquela noite em que Almúlime descobrira a conspiração que se urdia, e desde então nunca mais se vira Abde Arramane sorrir. O sangue de tantos muçulmanos vertido pelo ferro do algoz e, sobretudo, o sangue de seu próprio filho, descera como a maldição do profeta sôbre a cabeça do príncipe dos crentes. Entregue a melancolia profunda, nem as novas de vitórias, nem a certeza do estado florescente do império o podiam distrair dela, senão momentâneamente. Encerrado, durante os últimos tempos da vida, no palácio de Azara, a maravilha de Espanha, abandonara os cuidados do govêrno ao seu sucessor Aláqueme. Os gracejos da escrava Nuirate-edia, a conversação instrutiva da bela Aiecha, e as poesias de Mozna e de Sobia eram o único alívio que adoçava a existência aborrida do velho leão do islamismo. Mas, apenas Algáfir, o triste, se

apresentava perante o califa, êle fazia retirar todos e ficava encerrado horas e horas com êste homem, tão temido quanto venerado do povo pela austeridade das suas doutrinas, prègadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo. Abde Arramane parecia inteiramente dominado pelo rude faquir, e, ao vê-lo, qualquer poderia ler no rosto do velho príncipe os sentimentos opostos do terror e do afecto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistívelmente para aquele homem, e a outra metade o repelisse com repugnância invencível. O mistério que havia entre ambos ninguêm o podia entender.

E, todavia, a explicação era bem simples: estava no carácter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto, situação em que são fáceis grandes virtudes e grandes crimes. Habituado à lisonja, a linguagem áspera e altivamente sincera de Almúlime tivera, a princípio, o atractivo de ser para êle inaudita; depois, a reputação de virtude de Algáfir, a crença de que era um profeta, a maneira por que, para o salvar e ao império, arrostara com a sua cólera e provara desprezar completamente a vida, tudo isto

fizera com que Abde Arramane visse nêle, como o mais crédulo dos seus súbditos, um homem predestinado, um verdadeiro santo. Sentindo avizinhar a morte, Abde Arramane tinha sempre diante dos olhos que êsse faquir era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvação até o trono de Deus. Cifrava-se nêle a esperança de um futuro incerto, que não podia tardar, e, assim, o espírito do monarca, enfraquecido pelos anos, estudava ansiosamente a mínima palavra, o menor gesto de Almúlime; prendia-se ao monge muçulmano, como a hera antiga ao carvalho em cujo tronco se alimenta, se ampara, e vai trepando para o céu. Mas, às vezes, Algáfir repugnava-lhe. No meio das expansões mais sinceras, dos mais ardentes vôos de piedade profunda, de confiança inteira na misericórdia divina, o faquir fitava de repente nêle os olhos scintilantes e, com sorriso diabólico, vibrava uma frase irónica, insolente e desanimadora, que ia gelar no coração do califa as consolações da piedade e despertar remorsos e terrores ou completa desesperação. Era um jôgo terrível em que se deleitava Almúlime, como o tigre com o palpitar dos membros da rês que se lhe agita

moribunda entre as garras sangùentas. Nessa luta infernal em que lhe trazia a alma estava o segrêdo da atracção e da repugnância que, ao mesmo tempo, o velho monarca mostrava para com o faquir, cujo aparecimento em Azara cada vez se tornara mais freqùente e, agora, se renovava todos os dias.

A noite descia triste: as nuvens corriam rápidamente do lado do oeste e deixavam, de quando em quando, passar um raio afogueado do sol que se punha. O vento tépido, úmido e violento fazia ramalhar as árvores dos jardins que circundavam os aposentos de Abde Arramane. As fôlhas, retintas já de verde-amarelado e mortal, desprendiam-se das franças das romeiras, dos sarmentos das videiras e dos ramos dos choupos em que estas se enredavam, e remoinhando nas correntes da ventania, iam, ìam, até rastejar pelo chão e empeçar na grama sêca dos prados. O califa, exausto, sentia aquele cicio da vegetação moribunda chamá-lo, tambêm, para a terra, e a melancolia da morte pesava-lhe sôbre o espírito. Almúlime, durante a conversação daquella tarde, havia-se mostrado, contra o seu costume, severamente grave, e nas suas

palavras havia o que quer que fôsse acorde com a tristeza que o rodeava:

«Conheço que se aproxima a hora fatal — dizia o califa. Nestas veias em breve se gelará o sangue; mas, santo faquir, ¿não me será lícito confiar na misericórdia de Deus? Derramei o bem entre os muçulmanos, o mal entre os infiéis, fiz emmudecer o livro de Jesus perante o de Moámede, e deixo a meu filho um trono firmado no amor dos súbditos e na veneração e no temor dos inimigos da dinastia dos Benú Umeia. Fiz quanto a um homem era dado fazer pela glória do Islame. ¿Que mais pretendes? — ¿Porque não tens nos lábios, para o pobre moribundo, senão palavras de terror? — ¿Porque, há tantos anos, me fazes beber, gole a gole, a taça da desesperação?».

Os olhos do faquir, ao ouvir estas preguntas, brilharam com desusado fulgor, e um daqueles sorrisos diabólicos, com que costumava fazer gelar tôdas as ardentes ideias místicas do príncipe, lhe assomou ao rosto enrugado e carrancudo. Contemplou por um momento o do velho monarca, onde, de feito, já vagueavam as sombras da morte: depois, dirigiu-se à porta da câmara,

assegurou-se bem de que não era possível abrirem-na exteriormente e, voltando para ao pé do almatrah, tirou do peitilho um rôlo de pergaminho e começou a ler em tom de indizível escárnio:

«Resposta de Algáfir, o triste, às últimas preguntas do poderoso Abde Arramane, oitavo califa de Córdova, o sempre vencedor, justiceiro e bem-aventurado entre todos os príncipes da raça dos Benú Umeia. Capítulo avulso da sua história».

Um rir prolongado seguiu a leitura do título do manuscrito. Almúlime continuou:

«No tempo dêste célebre, virtuoso, ilustrado e justiceiro monarca havia no seu divan um uazir, homem sincero, zeloso da lei do profeta e que não sabía torcer por humanos respeitos a voz da sua consciência. Chamava-se Moámede ibne Iceaque, e era irmão de Umeia ibne Iceaque, caide de Xantarine, um dos guerreiros mais ilustres do Islame, segundo diziam».

«Ora êsse uazir caíu no desagrado de Abde Arramane, porque lhe falava verdade e rebatia as adulações dos seus lisongeiros. Como o califa era generoso, o desagrado para com Moámede converteu-se em ódio, e como era justo, o ódio breve se traduziu

numa sentença de morte. A cabeça do ministro caíu no cadafalso, e a sua memória passou à posteridade manchada pela calúnia. Todavia, o príncipe dos fiéis sabia bem que tinha assassinado um inocente».

As feições transtornadas de Abde Arramane tomaram uma expressão horrível de angústia; quis falar, mas apenas pôde fazer um sinal, como que pedindo ao faquir que se calasse. Êste prosseguiu:

«Parece-me que o ouvir a leitura dos anais do teu ilustre reinado te alivia e revoca à vida. Continuarei. Pudesse eu prolongar *assim* os teus dias, clementíssimo califa.

«Umeia, o caide, quando soube da morte ignominiosa do seu querido irmão, ficou como insensato. À saùdade ajuntava-se o horror do ferrete pôsto sôbre o nome, sempre immaculado, da sua família. Dirigiu as súplicas mais veementes ao príncipe dos fiéis para que, ao menos, reabilitasse a memória da pobre vítima; mas soube-se que, ao ler a sua carta, o virtuoso príncipe desatara a rir... Era, conforme lhe relatou o mensageiro, deste modo que êle ria».

E Al-muulin aproximou-se de Abde Arramane e soltou uma gargalhada. O moribundo arrancou um gemido.

«¿ Estás um pouco melhor... não é verdade, invencível califa? Prossigamos. Umeia, quando tal soube, calou-se. O mesmo mensageiro que chegara de Córtoba partiu para Oviedo. O rei cristão de Aljufe não se riu da sua mensagem. Daí a pouco, Radmiro tinha passado o Douro, e as fortalezas e cidades muçulmanas até ao Tejo haviam aberto as portas ao rei franco, por ordem do caide de Xantarine. Com um numeroso esquadrão de amigos liais, êste ajudou a devastar o território muçulmano do Garbe até Mérida. Foi uma esplêndida festa; um sacrifício digno da memória de seu irmão. Seguiram-se muitas batalhas, em que o sangue humano correu em torrentes. Pouco a pouco, porêm, Umeia começou a reflectir. Era Abde Arramane quem o ofendera. ¿ Para que tanto sangue vertido? A sua vingança fôra a de uma besta-fera; fôra estúpida e vã. Ao califa, quási sempre vitorioso, ¿ que importava os que por êle pereciam? O caide de Xantarine mudou então de sistema. A guerra pública e inútil converteu-a em perseguição oculta e eficaz: à fôrça opôs a destreza. Fingiu abandonar os seus aliados e sumiu-se nas trevas. Esqueceram-se dêle.

Quando tornou a aparecer á luz do dia ninguêm o conheceu. Era outro. Vestia um burel grosseiro; cingia uma corda de esparto; os cabelos caíam-lhe desordenados sôbre os ombros e velavam-lhe metade do rosto: as faces tinha-lhas tisnado o sol dos desertos. Correra o Andaluz e o Magrebe; espalhara por tôda a parte os tesouros da sua família e os próprios tesouros até o último direme, e em tôda a parte deixara agentes e amigos fiéis. Depois veio viver nos cemitérios de Córtoba, junto dos pórticos soberbos do seu inimigo mortal; espiar todos os momentos em que pudesse oferecer-lhe a amargura e a angústia, em troca do sangue de Moámede ibne Iceaque. O guerreiro chamou-se desde esse tempo Algáfir, e o povo denominava-o Almúlime, o santo faquir...»

Como sacudido por uma corrente eléctrica, Abde Arramane dera um pulo no almatrah ao ouvir estas últimas palavras e ficara assentado, hirto e com as mãos estendidas. Queria bradar, mas o sangue escumou-lhe nos lábios, e só pôde murmurar, já quási ininteligívelmente:

«¡Maldito!».

«¡Boa cousa é a história — prosseguiu o

seu algoz, sem mudar de postura — quando nos recordamos do nosso passado, e não achamos lá para colhêr um único espinho de remorsos! É o teu caso, virtuoso príncipe! Mas sigamos àvante. O santo faquir Almúlime foi quem instigou Albarre a conspirar contra Abde Arramane; quem perdeu Abde Alá; quem delatou a conspiração; quem se apoderou do teu ânimo crédulo; quem te puniu com o terror de tantos anos; quem te acompanha no trance derradeiro, para te lembrar junto às portas do inferno que, se fôste o assassino de seu irmão, também o fôste do próprio filho; para te dizer que, se cobriste o seu nome de ignomínia, também ao teu se ajuntará o de tirano. Ouve pela última vez o rir que responde ao teu riso de há dez anos. ¡ Ouve, ouve, califa !».

Algáfir, ou antes, Umeia, levantara gradualmente a voz e estendia os punhos cerrados para Abde Arramane, cravando nêle os olhos reluzentes e desvairados. O velho monarca tinha os seus abertos e parecia também olhar para êle, mas perfeitamente tranqùilo. A quem houvesse presenciado aquela tremenda scena não seria fácil dizer qual dos dous tinha mais horrendo gesto.

Era um cadáver o que estava diante de Umeia: o que estava diante do cadáver era a expressão mais enérgica da atrocidade de coração vingativo.

«Oh, ¡se não ouviria as minhas derradeiras palavras!...» — murmurou o faquir, depois de ter conhecido que o califa estava morto. Pôs-se depois a scismar largo espaço; as lágrimas rolavam-lhe a quatro e quatro pelas faces rugosas. — «¡Um ano mais de tormentos, e ficava satisfeito! — exclamou por fim. — ¡Pudera eu dilatar-lhe a vida!».

Dirigiu-se então para a porta, abriu-a de par em par e bateu as palmas. Os eunucos, as mulheres e o próprio Aláqueme, inquieto pelo estado de seu pai, precipitaram-se no aposento. Almúlime parou no limiar da porta, voltou-se para trás e, com voz lenta e grave, disse:

«Orai ao profeta pelo repouso do califa».

Houve quem o visse sair; quem, à luz baça do crepúsculo, o visse tomar para o lado de Córdova com passos vagarosos, apesar das lufadas violentas de oeste, que anunciavam uma noite procelosa. Mas nem em Córdova, nem em Azara, ninguêm mais o viudes de aquele dia.

(Lendas e Narrativas)

SÉCULO XI

A DAMA PÉ DE CABRA

Romance de um Jogral

TROVA PRIMEIRA

I

Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos hei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim: — «não pode ser». — ¿Pois eu sei cá inventar cousas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.

É uma tradição veneranda; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague.

Juro-vos que, se me negais esta certíssima história, sois dez vezes mais descridos do que S. Tomé antes de ser grande santo.

E não sei se eu estarei de ânimo de perdoar-vos como Cristo lhe perdoou.

Silencio profundíssimo; porque vou principiar:

II

D. Diogo Lopes era um infatigável monteiro: neves da serra no inverno, sóis dos estevais no verão, noutes e madrugadas, disso se ria êle.

Pela manhã cedo de um dia sereno, estava D. Diogo em sua armada (1), em monte selvoso e agreste, esperando um porco montês, que, batido pelos caçadores, devia sair naquela assomada (2).

Eis senão quando começa a ouvir cantar ao longe: era um lindo, lindo cantar.

Alevantou os olhos para uma penha que lhe ficava fronteira: sôbre ela estava assentada uma formosa dama: era a dama quem cantava.

(1) Caçada, montaria.
(2) Alto do monte.

O porco fica desta vez livre e quite; porque D. Diogo Lopes não corre, voa para o penhasco.

«¿Quem sois vós, senhora tão gentil; quem sois, que logo me cativastes?

«Sou de tão alta linhagem como tu; porque venho do semel (1) de reis, como tu, senhor de Biscaia».

«Se já sabeis quem eu seja, ofereço-vos a minha mão, e com ela as minhas terras e vassalos».

«Guarda as tuas terras, D. Diogo Lopes, que poucas são para seguires tuas montarias; para o desporto e folganças de bom cavaleiro que és. Guarda os teus vassalos, senhor de Biscaia, que poucos são êles para te baterem a caça».

¿Que dote, pois, gentil dama, vos posso eu oferecer digno de vós, e de mim? que, se a vossa beleza é divina, eu sou em tôda a Espanha o rico-homem mais abastado».

«Rico-homem, rico-homem, o que eu te aceitara em arras cousa é de pouca valia; mas, apesar disso, não creio que mo con-

(1) Semente, geração.

cedas; porque é um legado de tua mãe, a rica-dona de Biscaia».

«E se eu te amasse mais que a minha mãe, ¿porque não te cederia qualquer dos seus muitos legados?».

«Então, se queres ver-me sempre ao pé de ti, não jures que farás o que dizes, mas dá-me disso a tua palavra».

«A la fé de cavaleiro, não darei uma; darei milhentas palavras».

«Pois sabe que para eu ser tua é preciso esqueceres-te de uma cousa que a boa rica-dona te ensinava em pequenino e que, estando para morrer, ainda te recordava».

«¿De quê, de quê, donzela? — acudiu o cavaleiro com os olhos chamejantes. — ¿De nunca dar tréguas à mourisma, nem perdoar aos cães de Mafamede? Sou bom cristão. ¡Guai (1) de ti e de mim, se és dessa raça danada!».

«Não é isso, dom cavaleiro — interrompeu a donzela a rir. — O de que eu quero que te esqueças é do sinal da cruz: o que

(1) Interjeição derivada de *guaiar*, lamentar. *Guai de ti* = triste, pobre de ti.

eu quero que me prometas é que nunca mais hás-de persignar-te».

«Isso agora é outra cousa» — respondeu D. Diogo, que nos folgares e devassidões perdera o caminho do céu. E pôs-se um pouco a scismar.

E, scismando, dizia consigo: — ¿De que servem benzeduras? Matarei mais duzentos mouros e darei uma herdade a Santiago. Ela por ela. Um presente ao apóstolo e duzentas cabeças de cães de Mafamede valem bem um grosso pecado.

E, erguendo os olhos para a dama, que sorria com ternura, exclamou: — «Seja assim: está dito. Vá, com seiscentos diabos».

E, levando a bela dama nos braços, cavalgou na mula em que viera montado.

Só quando, à noute, no seu castelo, pôde considerar miúdamente as formas da airosa dama, notou que tinha os pés forcados como os de cabra.

III

Dirá agora alguêm: — Era, por certo, o demónio que entrou em casa de D. Diogo Lopes. ¡O que lá não iria! — Pois sabei que não ia nada.

Por anos, a dama e o cavaleiro viveram em boa paz e união. Dous argumentos vivos havia disso: Inigo Guerra e Dona Sol, enlêvo ambos de seu pai.

Um dia de tarde, D. Diogo voltou de montear: trazia um javali grande, muito grande. A mesa estava posta. Mandou conduzi-lo ao aposento onde comia, para se regalar de ver a excelente preia que havia preado.

Seu filho assentou-se ao pé dêle: ao pé da mãe Dona Sol; e começaram alegremente seu jantar.

«Boa montaria, D. Diogo — dizia sua mulher. — Foi uma boa e limpa caçada».

«¡Pelas tripas de Judas! — respondeu o barão. — ¡Que há bem cinco anos não colho urso ou porco montês que êste valha!».

Depois, enchendo de vinho o seu pichel de prata mui rico e lavrado, virou-o de gol-

pe à saúde de todos os ricos-homens fragueiros e monteadores.

E a comer e a beber durou até a noute o jantar.

IV

Ora deveis de saber que o senhor de Biscaia tinha um alão (1) a quem muito queria, raivoso no travar das feras, manso com seu dono e, até, com os servos de casa.

A nobre mulher de D. Diogo tinha uma podenga (2) preta como azeviche, esperta e ligeira que mais não havia dizer, e dela não menos prezada.

O alão estava gravemente assentado no chão defronte de D. Diogo Lopes, com as largas orelhas pendentes e os olhos semi--cerrados, como quem dormitava.

A podenga negra, essa corria pelo aposento viva e inquieta, pulando como um

(1) Grande cão de fila, de caça ou de guarda.

(2) Podengo = cão de coelho, de pernas curtas e grossas.

diabrete: o pêlo liso e macio reluzia-lhe com um reflexo avermelhado.

O barão, depois da saúde *urbi et orbi* feita aos monteiros, esgotava um *Kyrie* (1) comprido de saúdes particulares, e a cada nome uma taça.

Estava como cumpria a um rico-homem ilustre, que nada mais tinha que fazer neste mundo, senão dormir, beber, comer e caçar.

E o alão cabeceava, como um abade velho em seu côro, e a podenga saltava.

O senhor de Biscaia pegou então de um pedaço de osso com sua carne e medula e, atirando-o ao alão, gritou-lhe — «Silvano, toma lá tu, que és fragueiro (2): leve o diabo a podenga, que não sabe senão correr e retouçar (3)».

O canzarrão abriu os olhos, rosnou, pôs a pata sôbre o osso, e abrindo a bôca, mostrou os dentes anavalhados. Era como um rir deslavado.

Mas logo soltou um uivo e caíu, pernean-

(1) Equivale a dizer *uma ladainha, uma longa série.*

(2) Trabalhador, activo.

(3) Pular, espojar-se, brincar

do meio-morto: a podenga, de um pulo, lhe saltara à garganta, e o alão agonizava.

«¡Pelas barbas de D. From, meu bisavô! — exclamou D. Diogo, pondo-se em pé, trémulo de cólera e de vinho. — A perra maldita matou-me o melhor alão da matilha; mas juro que hei-de escorchá-la (1)».

E, virando com o pé o cão moribundo, mirava as largas feridas do nobre animal, que expirava.

«¡A la fé que nunca tal vi! Virgem bemdita. Aqui anda cousa de Belzebu». — E dizendo e fazendo, BENZIA-SE E PERSIGNAVA-SE.

«¡Ui!» — gritou sua mulher, como se a houveram queimado. O barão olhou para ela: viu-a com os olhos brilhantes, e as faces negras, a bôca torcida e os cabelos eriçados:

E ia-se alevantando, alevantando ao ar, com a pobre D. Sol sobraçada debaixo do braço esquerdo: o direito estendia-o por cima da mesa para seu filho, D. Inigo de Biscaia.

E aquele braço crescia, alongando-se para

---

(1) Tirar-lhe a pele.

o mesquinho, que, de mêdo, não ousava bulir nem falar.

E a mão da dama era preta e luzidia, como o pêlo da podenga, e as unhas tinham-se-lhe estendido bem meio palmo e recurvado em garras.

«¡Jesus, santo nome de Deus!» — bradou D. Diogo, a quem o terror dissipara as fumaças do vinho. E, travando de seu filho com a esquerda, fêz no ar com a direita, uma e outra vez, o sinal da cruz.

E sua mulher deu um grande gemido e largou o braço de Inigo Guerra, que já tinha seguro, e continuando a subir ao alto, saíu por uma grande fresta, levando a filhinha que muito chorava.

Desde esse dia não houve saber mais nem da mãe nem da filha. A podenga negra, essa sumiu-se por tal arte, que ninguêm no castelo lhe tornou a pôr a vista em cima.

D. Diogo Lopes viveu muito tempo triste e aborrido, porque já se não atrevia a montear. Lembrou-se, porêm, um dia, de espairecer sua tristura, e em vez de ir à caça dos cerdos, ursos e zebras, sair à caça de mouros.

Mandou, pois, alevantar o pendão, desen-

ferrujar e pulir a caldeira (1), e provar seus arneses. Entregou a Inigo Guerra, que já era mancebo e cavaleiro, o govêrno de seus castelos, e partiu com lustrosa mesnada (2) de homens de armas para a hoste de el-rei Ramiro, que ia em fossado contra a mourisma de Espanha.

Por muito tempo não houve dêle, em Biscaia, nem novas nem mensageiros.

---

(1) O pendão era o guião ou bandeira farpada, que os barões arvoravam nas marchas e batalhas. A caldeira, o símbolo do sustento dado por êles à sua gente de guerra. Daqui a expressão: *Senhor de pendão e caldeira.*

(2) Tropa, gente de guerra.

TROVA SEGUNDA

I

Era um dia ao anoutecer: D. Inigo estava à mesa, mas não podia cear, que grandes desmaios lhe vinham ao coração. Um pagem muito mimoso e privado, que, em pé diante dêle, esperava seu mandar, disse então para D. Inigo: — «Senhor, ¿porque não comeis?».

«¿Que hei-de eu comer, Brearte, se meu senhor D. Diogo está cativo de mouros, segundo rezam as cartas que ora dêle são vindas?».

«Mas seu resgate não é a vossa mofina (1): dez mil peões e mil cavaleiros tendes na mesnada de Biscaia: vamos correr terras de mouros: serão os cativos resgate de vosso pai.

---

(1) Desgraça.

«O perro de el-rei de Leão fêz sua paz com os cães de Toledo e são êles que teem preado meu pai. Os condes e potestades do rei tredo e vil não deixariam passar a boa hoste de Biscaia».

«¿Quereis vós, senhor, um conselho, e não vos custará nem mealha?».

«Dize, dize lá, Brearte».

«¿Porque não ides à serra procurar vossa mãe? Segundo ouço contar aos velhos, ela é grande fada».

«Grandes histórias tenho ouvido do que se passou certa noute neste castelo: éreis vós pequenino, e eu ainda não era nada. Os porquês destas histórias, isso Deus é que os sabe».

«Pois dir-tos hei eu agora. Chega-te para cá, Brearte».

O pagem olhou de roda de si, quási sem o querer, e chegou-se para seu amo: era a obediência e, ainda mais, certo arrepio de mêdo que o faziam chegar.

«¿Vês tu, Brearte, aquela fresta entaipada? Foi por ali que minha mãe fugiu. ¿Como e porquê, aposto que já to hão contado?

«¡Senhor, sim! Levou vossa irmã consigo. . . .».

«¡Responder só ao que pregunto! Sei isso. Agora cala-te».

O pagem pôs os olhos não chão, de vergonha; que era humildoso e de boa raça.

II

E o cavaleiro começou o seu narrar:

«Desde aquele dia maldito, meu pai pôs-se a scismar: e scismava e amesquinhava-se, preguntando a todos os monteiros velhos se, porventura, tinham lembrança de haverem no seu tempo encontrado nas brenhas alguns mêdos ou feiticeiras. Aqui foi um não acabar de histórias de bruxas e almas penadas.

Havia muitos anos que meu senhor pai se não confessava: alguns havia, tambêm, que estava viúvo sem ter enviùvado.

Certo domingo pela manhã, nasceu alegre o dia, como se fôra de Páscoa; e meu senhor D. Diogo acordou carrancudo e triste, como costumava.

Os sinos do mosteiro, lá em baixo no vale, tangiam tão lindamente que era um céu

aberto. Êle pôs-se a ouvi-los e sentiu uma saùdade que o fêz chorar.

«Irei ter com o abade — disse êle lá consigo — quero confessar-me. ¿Quem sabe se esta tristura ainda é tentação de Satanás?».

O abade era um velhinho, santo, santo, que não o havia mais.

Foi a êle que se confessou meu pai. Depois de dizer *mea culpa,* contou-lhe ponto por ponto a história do seu noivado.

«¡Ui! filho!—bradou o frade—fizeste maridança com uma alma penada!»

«Alma penada, não sei — tornou D. Diogo; — mas era cousa do diabo».

«Era alma em pena: digo-to eu, filho — replicou o abade. — Sei a história dessa mulher das serras. Está escrita há mais de cem anos na última fôlha de um santoral (1) gôdo do nosso mosteiro. Desmaios que te veem ao coração pouco me espantam. Mais que ânsias e desmaios costumam roer lá por dentro os pobres excomungados».

«¿Então, estou eu excomungado?

«Dos pés até a cabeça; por dentro e por fora; que não há que dizer mais nada».

(1) Agiológio, livro de vidas dos santos.

E meu pai, a primeira vez na sua vida, chorava pelas barbas abaixo.

O bom do abade amimou-o, como a uma criança; consolou-o, como a um mal-aventurado. Depois pôs-se a contar a história da dama das penhas, que é minha mãe... ¡Deus me salve!

E deu-lhe por penitência ir guerrear os perros sarracenos por tantos anos, quantos vivera em pecado, matando tantos dêles quantos dias nesses anos tinham corrido. Na conta não entravam as sextas-feiras, dia da paixão de Cristo, em que seria irreverência trosquiar (1) a vil relé de agarenos, cousa neste mundo mui indecente e escusada.

Ora a história da formosa dama das serras, *de verbo ad verbum*, como estava na fôlha branca do santoral, rezava assim, segundo lembranças do abade:

III

No tempo dos reis gôdos — ¡bom tempo era êsse! — havia em Biscaia um conde,

(1) Tosquiar.

senhor de um castelo pôsto em montanha fragosa, cercado pelas encostas e quebradas de larguissimo soveral (1). No soveral havia todo o género de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava, como todos os nobres barões de Espanha, principalmente de três cousas boas segundo a carnalidade: da guerra, do vinho e das damas; mas ainda mais do que de tudo isso, gostava de montear.

Dama, possuia-a formosa, que era a linda condessa; vinho não havia melhor adega que a sua; caça, era cousa que na selva não faltava.

Seu pai, que fôra caçador e fragueiro, quando estava para morrer, chamou-o e disse-lhe: — «Hás-me-de jurar uma cousa que não te custará nada».

Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe ordenasse.

«É que nunca mates fera em cama e com cria, seja urso, javali ou veado. Se assim o fizeres, Argimiro, nunca nas tuas selvas e devesas faltará em que exercites o mais

---

(1) Soveral ou sobral = mata ou bosque de sobreiros.

nobre mistér de um fidalgo. Alêm disso, se tu souberas o que um dia me aconteceu... Escuta-me que é um horrendo caso...

O velho não pôde acabar; porque a morte lhe cravou neste momento as garras. Murmurou algumas palavras emperradas, revirou os olhos e feneceu. ¡Deus seja com a sua alma!

Passaram depois anos: certo dia chegou ao castelo do môço conde um mensageiro de el-rei Vamba. Chamava-o el-rei a Toledo para o acompanhar com sua mesnada contra o rebelde Paulo. Os outros nobres-homens das cercanias eram, como êle, chamados.

Antes, porêm, de partirem, ajuntaram-se todos no castelo de Argimiro para fazerem uma grande montaria, com mais de cem alãos, sabujos (1) e lebréus (2), cinqùenta monteiros, e moços de besta sem conto. Era uma vistosa caçada.

Sairam no quarto de alva (3), correram

(1) Cão de caça maior que o podengo.

(2) Galgo, cão de lebre.

(3) De madrugada. O quarto de alva é o terceiro dos em que se divide a vigília náutica ou militar, e abrange a madrugada e a manhã.

vales e montes: bateram bosques e matos. Era, contudo, meio-dia e ainda não haviam alevantado porco, urso, zebra ou veado. Blasfemavam de sanha os cavaleiros, praguejavam e depenavam as barbas.

Argimiro, que, por longa experiência, conhecia os sítios mais profundos da espessura, sentiu lá por dentro uma tentação do diabo.

«Os meus hóspedes, pensava êle, não partirão sem beberem alguns cangirões de vinho sôbre uma ou duas peças de caça. Juro-o por alma de meu pai».

E, seguido dalguns monteiros, com suas trelas de cães, afastou-se da companhia e deu a andar, até que se lançou por um vale abaixo.

O vale era escuro e triste: corria pelo meio uma ribeira fria e mal assombrada. As bordas da ribeira eram penhascosas e faziam muitas quebradas.

Argimiro chegou à primeira volta do rio; parou, pôs-se a olhar de roda e achou o que procurava. Abria-se uma caverna na encosta fragosa, que descia até a estreita senda da margem por onde o cavaleiro caminhava. Argimiro entrou na bôca da cova e, a um aceno, entraram após êle montei-

ros, moços de besta, alãos, sabujos e lebréus, fazendo grande matinada.

Era o covil de uma ónagra: a fera deu um gemido e, deixando as suas crias, estendeu-se no chão e abaixou a cabeça, como quem suplicava.

«¡A ela!» — gritou Argimiro, mas gritou voltando a cara.

A matilha saltou no pobre animal, que soltou outro gemido e caiu todo ensangüentado.

Uma voz soou então nos ouvidos do conde, e dizia: — «Órfãos ficaram os cachorrinhos do ónagro: mas pelo ónagro tu ficarás desonrado».

«¿Quem ousa aqui falar agouros? — gritou o rico-homem, olhando iroso para os monteiros. Todos guardavam silêncio; mas todos estavam pálidos.

Argimiro pensou um momento: depois, saindo da cova, murmurou: — «¡ Vá com mil Satanases!»

E, com alegres toques de buzina e latidos da matilha, fez conduzir ao castelo a preia que tinha preado (1).

---

(1) Um jumento silvestre não seria mui delicado manjar para uma mesa moderna; mas o uso da carne asinina na idade-média era vulgar. *A. H.*

E, tomando o seu girifalte-prima (1) em punho, ordenou aos monteiros fôssem dizer aos nobres caçadores que dentro de duas horas voltassem, porque achariam em seu paço comida bem aparelhada.

Depois, seguido dos falcoeiros, começou a encaminhar-se para o solar, lançando nebris (2) e falcões e ajuntando caça de volataria, que a havia por aqueles montes mui basta.

IV

Dobrava a campa (3) da tôrre de menagem no castelo do conde Argimiro: dobrava pela linda condessa, que seu nobre marido havia matado.

Andas cobertas de dó a levam a enterrar

---

(1) O açôr, falcão, ou gerifalte-prima é o primeiro que nasceu, em cada ninhada, e se dizia ser de melhor sorte que os seguintes.

(2) Na caça de altanaria ou volataria chamava-se *nebri* a uma espécie de falcão que se dizia remontar mais alto.

(3) Sino pequeno.

ao mosteiro vizinho: os frades vão atrás das andas, cantando as orações dos finados: após os frades, vai o rico-homem vestido de grossa estamenha, cingido com uma corda, e rasgando pelas sarças e pedras os pés que levava descalços.

¿Porque matou êle sua mulher, e porque ia êle descalço?

Eis o que, a êsse respeito, refere a lenda escrita na fôlha branca do santoral:

V

Dous anos duraram guerras de el-rei Vamba: foram guerras mui de contar.

E por lá andou o rico-homem com seus bucelários, que assim se diziam então acostados (1) e homens de armas. Fêz estrondosas façanhas e cavalarias; mas voltou coberto de cicatrizes, deixando por campos de batalha gasta e consumida a sua valente mesnada.

---

(1): beneficiados, protegidos.

E, atravessando de Toledo para Biscaia, seguia-o apenas um velho escudeiro. Velho e cheio de cãs e rugas tambêm êle era, não de anos, mas de penas e de trabalho.

Caminhava triste e feroz no aspecto; porque de seu castelo lhe eram vindas novas de entristecer e raivar.

E, cavalgando noute e dia por montes e por charnecas, por bosques e por jardins, imaginava no modo como descobriria se eram falsas ou verdadeiras essas novas de mau pecado.

VI

No solar do conde Argimiro, um ano depois da sua partida, ainda tudo dava mostras da mágoa e saùdade da condessa: as salas estavam forradas de negro; de negro eram os trajos dela; nos pátios interiores dos paços crescera a erva, de modo que se podia ceifar: as reixas e as gelosias das janelas não se haviam tornado a abrir: descantes dos servos e servas, sons de saltérios e harpas tinham deixado de soar.

Mas ao cabo do segundo ano tudo apa-

recia mudado: as colgaduras eram de prata e matiz; brancos e vermelhos os trajos da bela condessa; pelas janelas do paço restrugia o ruido da música e dos saraus; e o solar de Argimiro estava por dentro e por fora alindado.

Um antigo vílico (1) do nobre conde fôra quem destas mudanças o avisara. Doiam-lhe tantos folgares e contentamentos; doia-lhe a honra de seu senhor, pelo que êle via e pelo que se murmurava.

Eis aqui como se passara o caso:

VII

Longe do condado do ilustre barão Argimiro o Negro, para as bandas de Galiza, vivia um nobre gardingo — como quem dissesse «infanção» — gentil-homem e mancebo, chamado Astrigildo Alvo.

Contava vinte e cinco anos; os sonhos das suas noutes eram de formosas damas;

(1) — abegão, feitor, caseiro.

eram de amores e deleites; mas ao romper da manhã, todos se desfaziam; que, ao sair ao campo, não havia senão pastoras tostadas do sol e das neves, e as servas grosseiras do seu solar.

Destas estava êle farto, mais de cinco tinha enganado com palavras; mais de dez comprado com ouro.

Com vinte e cinco anos, já no livro da justiça divina se lhe haviam escrito mais de vinte e cinco maldades.

Uma noute sonhou Astrigildo que corria serras e vales com a rapidez do vento, montado em ónagro silvestre, e que, depois de correr muito, chegava alta noute a um solar, onde pedia gasalhado.

E que formosa dama o recebia, e que em poucos instantes um do outro se enamorava.

Acordou sobressaltado e, durante o dia inteiro, não pensou em outra cousa senão na formosa dama que vira naquele sonhar da madrugada.

Três noutes se repetiu o sonho: três dias o mancebo scismava. Encostado à varanda de um eirado, na tarde do terceiro dia, olhava triste para as montanhas do norte, que via lá no horizonte, como nuvens par-

dacentas. O sol começou a descer no poente, e ainda êle estava embebido no seu melancólico scismar.

Por acaso, volveu então os olhos para o terreiro que lhe ficava por baixo; um ónagro da floresta estava aí deitado, como se fôsse manso jumento; era inteiramente semelhante àquele com que havia sonhado.

Sonhos de tres noutes a fio não mentem; Astrigildo desceu à pressa ao terreiro. Sem bulir pé nem mão, o ónagro deixou-se enfrear e selar; e, a Deus e à ventura, o mancebo cavalgou nêle e deitou pela encosta abaixo.

Cumpria-se tudo à risca: o ónagro não corria, voava.

Mas o céu começou de toldar-se com o anoutecer: a escuridão cresceu e desfechou em vento, trovões, chuva e raios. O mancebo perdia a tramontana, e o ónagro dobrava a carreira e bufava violentamente. Parou, enfim, a horas mortas. Sem saber como, Astrigildo achou-se junto das barreiras de um solar acastelado.

Tocou a sua buzina, que deu um som prolongado e trémulo, porque êle tremia de susto e de frio. Apenas cessou de tocar, a ponte levadiça desceu, muitos escudeiros

saíram a recebê-lo entre tochas, e as salas dos paços iluminaram-se.

¡Era que também a condessa tinha por três noutes sonhado!

. . . .

A clepsidra (1) aponta a hora de sexta nocturna, e ainda dura o sarau no solar do conde de Biscaia; porque a nobre condessa e o gentil Astrigildo assistem às danças e aos jogos dos libertos e servos, que, para êles espairecerem, trabalham lá na sala de armas. Mas num aposento baixo do solar, um homem está em pé com um punhal na mão, olhar furibundo e o cabelo eriçado, parecendo escutar longínqua toada.

Outro homem está diante dêle, dizendo-lhe: — «Senhor, ainda não é tempo para punir o grande pecado. Quando êles se recolherem, aquela luz que vedes acolá há-de apagar-se. Subi então, e achareis desimpedido o caminho secreto para a câmara, que é a mesma do vosso noivado».

E o que falava saíu, e daí a pouco a luz apagou-se, e o homem dos cabelos hirtos e

---

(1) Relógio de água.

do olhar esgazeado subiu por uma íngreme e tenebrosa escada.

....

Quando pela manhã cedo o conde Argimiro, do seu balcão principal, ordenava que levassem o corpo da condessa a um mosteiro de donas, que êle fundara para aí ter seu moimento, êle e os de sua casa, e dizia aos homens de armas que arrastassem o cadáver de Astrigildo e o despenhassem de um grande barrocal abaixo, — viu um ónagro silvestre deitado a um canto do pátio.

«Um ónagro assim manso é cousa que nunca vi — disse êle ao vílico, que estava ali ao pé. — Como veio aqui este ónagro?»

O vílico ia a responder, quando se ouviu uma voz: dir-se-ia que era o ar que falava.

«Foi nêle que veio Astrigildo: será êle que o levará. Por ti ficaram órfãos os filhinhos do ónagro, mas por via do ónagro ficaste, oh conde, desonrado. Fôste cru com as pobres feras; Deus acaba de vingá-las».

«¡ Misericórdia !» — bradou Argimiro, porque naquele momento se lembrou da maldita caçada.

Neste comenos os homens do conde saíam com o cadáver sangrento do mancebo; o ónagro, apenas o viu, saltou como um leão

no meio da turba, que fêz fugir, e, travando do morto com os dentes, arrastou-o para fora do castelo; e, como se tivesse em si uma legião de demónios, foi precipitar-se com êle do barrocal abaixo.

Era por isso que o conde ia cingido de corda e descalço, após os frades e a tumba. Queria fazer penitência no mosteiro por haver quebrado o juramento que tinha feito a seu pai.

As almas da condessa e do gardingo caíram de chofre no inferno, por terem deixado a vida em adultério, que é pecado mortal.

Desde êsse tempo as duas miseráveis almas teem aparecido a muita gente nos desvios da Biscaia; ela vestida de branco e vermelho, assentada nas penhas, cantando lindas toadas: êle retouçando aí perto, na figura de um ónagro.

Tal foi a história que o velho abade contou a meu pai, e que êle me relatou a mim, antes de ir cumprir sua penitência nessa guerra de mouros que lhe foi tão fatal.

Assim concluíu Inigo Guerra. Brearte, o pagem Brearte, sentia os cabelos arrepiarem-se-lhe. Por largo tempo ficou imóvel defronte de seu senhor: ambos êles em

silêncio. O môço rico-homem não podia engulir bocado.

Tirou por fim da escarcela a carta de D. Diogo para a tornar a ler. As misérias e lástimas que o rico-homem aí recontava eram tais, que D. Inigo sentiu o pranto gotejar-lhe abundante pelas faces abaixo.

Então ergueu-se da mesa para se ir deitar. Nem o barão nem o pagem pregaram olho tôda a noute; êste de medroso, aquele de desconsolado.

E nos ouvidos de Inigo Guerra soavam contínuo as palavras de Brearte: — «¿Porque não ides à serra procurar vossa mãe?» Só por encantamento seria, de feito, possível tirar das unhas dos mouros o nobre senhor da Biscaia...

Rompeu, finalmente, a alvorada.

TROVA TERCEIRA

I

Mensageiros após mensageiros, cartas sôbre cartas, são vindos de Toledo a Inigo Guerra. El-rei de Leão resgatava todos os dias cavaleiros seus por cavaleiros mouros, mas não tinha uáli ou alcaide (1) cativo, que pudesse dar em troca por tão nobre senhor como o senhor de Biscaia.

E muitos dos redimidos eram das bandas das serras; e êstes, trazendo as mensagens, contavam ainda mais lástimas do velho D. Diogo Lopes, do que, se é possível, essas de que rezavam as cartas.

«Á porta do Aguião, em Toledo — diziam êles — tem a mourisma um grande campo,

---

(1) Governador.

todo mui bem apalancado (1). Aqui fazem grandes festas, guinolas (2) e touros nos dias dos seus perros santos, segundo lá lhos pregam e determinam catibes e ulemás (3).

«Gaiolas de bestas-feras muitas há aí, cousa mui de ver e pasmar: os tigres e leões não as rompem; rompê-las mãos de homens, fôra pequice tão-sómente imaginá-lo.

«Numa destas prisões, quási nu, com adovas (4) de pés e mãos, está o ilustre rico-homem, que já foi capitão de grandes e lustrosas mesnadas.

«Corteses costumam ser mouros com seus cativos fidalgos. Fazem esta perraria a D. Diogo Lopes, porque já são passados três anos, e não há ver seu resgate».

E os peregrinos que vinham do cativeiro e relatavam tais cousas, bem ceados e agasalhados no castelo, iam-se no outro dia com Deus, levando provida a escarcela, e em boa e santa paz.

---

(1) Defendido com *palancas,* que são estacas revestidas de terra.

(2) Mascaradas.

(3) Prègadores, sacerdotes.

(4) *Adovas* ou *adobas* = grilhões, cadeias.

Quem não ficava em paz era D. Inigo: — «¿Porque não vais tu à serra?» — dizia-lhe uma voz ao ouvido. — «¿Porque não ides procurar vossa mãe?» — repetia-lhe o pagem Brearte.

Que lhe havia de fazer? Uma noute inteira levou em claro a pensar nisso. Pela manhã, a Deus e à sorte, ei-lo que, enfim, se resolve a tentar a aventura, bem que de seu mau grado.

Benzeu-se vinte vezes, para não ter lá de persignar-se. Rezou o *Pater*, a *Ave* e o *Credo;* porque não sabia se em breve essas orações seriam cousa de recordar-se.

E, seguido de um mastim (1) seu predilecto, a pé e com uma ascuma (2) na mão, foi-se através das brenhas, por uma vereda que dizia para os píncaros tristes e ermos onde era tradição que a linda dama tinha aparecido a seu pai.

---

(1) Cão de gado.

(2) Pequena lança de arremêsso.

II

Trinam os rouxinóis nos balseiros; murmuram ao longe as águas dos regatos; ramalha a folhagem brandamente com a viração da manhã: vai uma linda madrugada.

E Inigo Guerra galga, manso e manso, os carris empinados, trepa de barrocal em barrocal e, apesar de seu muito esfôrço, sente bater-lhe o coração com ânsia desacostumada.

Onde as matas faziam alguma clareira ou as penhas alguma chapada (1), D. Inigo parava um pouco, tomando o fôlego e pondo-se a escutar.

Muito havia que andava embrenhado: o sol ia alto, e o dia calmoso: ao canto do rouxinol seguira o rechinar da cigarra.

E encontrou uma fonte que rebentava de rochedo negro e, saltando de aresta em aresta, vinha cair em almácega (2) tôsca, onde o sol parecia dançar nas ondazinhas que fazia o despenho da cascata.

(1) Superfície plana.

(2) Pequeno tanque.

D. Inigo assentou-se à sombra da rocha e, tirando a sua monteira (1), matou a sêde que trazia, e pôs-se a lavar o rosto e a cabeça do suor e pó, que não lhe faltava.

O mastim, depois de beber, deitou-se ao pé dêle e, com a língua pendente, arquejava de cansado.

De repente, o cão pôs-se em pé e arremeteu, com um grande ladro.

D. Inigo volveu os olhos: um jumento silvestre pascia na orla da clareira, junto de um frondoso carvalho.

«¡Tárique! — gritou o mancebo. — Tárique!» — Mas Tárique ia avante e não escutava.

«¡Ai, deixa-o correr, meu filho! Não é para o teu mastim levar a melhor dêsse ónagro».

Isto dizia uma voz que, lá em cima no alto da penha, começou de soar.

Olhou: linda mulher estava aí assentada e, com gesto amoroso e sorriso de anjo, para êle se inclinava.

«¡Minha mãe, minha mãe! — bradou Inigo Guerra, alevantando-se: e lá consigo dizia:—

(1) Carapuça de monte.

¡Vade retro! Santo Hermenegildo me valha!».

E como molhara a cabeça, sentiu que os cabelos se lhe iam alçando, de arripiados.

«Filho: na bôca palavras doces; no coração palavras danadas. ¿Mas que importa, se és meu filho? Dize o que queres de mim, que será tudo feito a teu talento (1) e vontade».

O môço cavaleiro nem acertava a falar, com mêdo. Já a êste tempo Tárique gemia, uivando debaixo dos pés do ónagro.

«Cativo está de mouros há anos meu pai D. Diogo Lopes — disse por fim, titubeando. — Quisera me ensinásseis, senhora, o modo como hei-de salvá-lo».

«Seu mal, tão bem como tu, eu sei. Se pudesse, ter-lhe-ia acorrido, sem que viesses requerê-lo: mas o velho tirano do céu quer que êle pene tantos anos quantos viveu com a... com a que sandeus chamam Dama Pé-de-Cabra».

«Não blasfemeis contra Deus, minha mãe, que é enorme culpa» — interrompeu o mancebo, cada vez mais horrorizado.

(1) Talento, talente, talante = disposição, vontade.

«¿Culpa?! Não há para mim inocência nem culpa» — replicou a dama, rindo às gargalhadas.

Era um rir de dormente, triste e medonho. Se o diabo ri, como aquele deve ser o rir do diabo.

O cavaleiro não pôde dizer mais palavra.

«¡Inigo! — prosseguiu ela — falta um ano para cumprir-se o cativeiro do nobre senhor de Biscaia. Um ano passa depressa: mais depressa eu to farei passar. ¿Vês tu aquele valente ónagro? Quando uma noute, acordando, o achares ao pé de ti, manso como cordeiro, cavalga nêle sem susto, que te levará a Toledo, onde livrarás teu pai — E bradando acrescentou: — ¿Estás por isto, Pardalo?

O ónagro fitou as orelhas; e, em sinal de aprovação, começou a azurrar; começou por onde, às vezes, academias acabam (1).

Depois, a dama pôs-se a cantar uma cantiga de bruxas, acompanhando-se de um

---

(1) O Dicionário da Academia, que ficou interrompido no fim da letra A, acaba na palavra *azurrar*. *A. H.*

saltério, (1) de que tirava mui estranhas toadas:

Pelo cabo da vassoura,
Pela corda da polé,
Pela víbora que vê,
Pela Sura, e pela Toura (2);

Pela vara do condão,
Pelo pano da peneira,
Pela velha feiticeira,
Do finado pela mão;

Pelo bode, rei da festa,
Pelo sapo inteiriçado,
Pelo infante dessangrado
Que a bruxa chupou à sesta;

Pelo crânio alvo e lustroso
Em que sangue se libou,
E do irmão que irmão matou,
Pelo arranco doloroso;

---

(1) Instrumento músico de corda.

(2) A Toura é o Pentateuco hebraico, escritura sagrada pela qual se tomava o juramento aos Judeus. *Sura* — capítulo do Alcorão e, por extensão, o próprio Alcorão.

Pelo nome de mistério
Que em palavras se não diz,
Vinde já precitos vis;
Vinde ouvir o meu saltério!

E dançai-me, aqui na terra,
Uma dança doudejante,
Que entonteça num instante
O meu filho Inigo Guerra.

Que êle durma um ano inteiro,
Como em sono de uma hora,
Junto à fonte que ali chora,
Sôbre a relva dêste outeiro.

Enquanto a dama cantava estas cantigas, o mancebo sentia um quebrantamento nos membros, que crescia cada vez mais e que o obrigou a assentar-se.

E logo, logo, ouviu-se um ruído abafado, como de trovões e de ventanias engolfando-se em covoadas: depois o céu começou de toldar-se, e cada vez era mais cris, até que, enfim, apenas uma luz de crepúsculo o aluniava.

E a mansa almácega refervia, e os penedos rachavam, e as árvores torciam-se, e os ares sibilavam.

¿E das bôlhas da água da fonte, e das fendas dos rochedos, e de entre as ramas dos robles, e da vastidão do ar via-se descer, subir, romper, saltar... o quê?—Cousa muito espantável.

Eram mil e mil braços sem corpos, negros como carvão, tendo nos côtos uma asa, e na mão cada um uma espécie de facho.

Como a palha que o tufão alevanta na eira, aquela multidão de candeias cruzava-se, revolvia-se, unia-se, separava-se, remoinhava, mas sempre com certa cadência, como que dançando a compasso.

A D. Inigo andava a cabeça à roda: as luzes pareciam-lhe azuis, verdes e vermelhas: mas corria-lhe pelos membros uma languidez tão suave, que não teve ânimo para fazer o sinal da cruz e afugentar aquele bando de Satanases.

E sentia-se esvaecer; e, pouco a pouco, adormecia; e dali a pouco roncava.

Entretanto, no castelo, tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até a noute; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar. O pobre Brearte correu por muito tempo a serra; mas o sítio onde o cavaleiro jazia, isso é que não havia lá chegar.

III

Inigo acordou alta noute: tinha dormido algumas horas: ao menos, êle assim o cria. Olhou para o céu, viu estrêlas: apalpou ao redor, achou terra: escutou, ouviu ramalhar as árvores.

Pouco e pouco é que se foi recordando do que passara com sua mal-aventurada mãe; porque, a princípio, não se lembrava de nada.

Pareceu-lhe então ouvir respirar ali perto: afirmou a vista: era o ónagro Pardalo.

«Já agora meio enfeitiçado estou eu — pensou êle: — corramos o resto da aventura, a ver se posso salvar meu pai».

E pondo-se em pé, encaminhou-se para o valente animal, que já estava enfreado e selado: cujos eram os arreios, isso sabia-o o diabo.

Hesitou, todavia, um momento: tinha seus escrúpulos — a boas horas vinham êles — de cavalgar naquele corredor infernal.

Então ouviu nos ares uma voz vibrada,

que cantava muito entoado. Era a voz da terrível Dama Pé-de-Cabra:

Cavalga, meu cavaleiro,
No alentado corredor;
Vai salvar o bom senhor;
Vai quebrar seu cativeiro.

Pardalo, não comerás
Nem cevada nem aveia,
Não terás jantar nem ceia,
Rijo e leve voltarás.

Nem açoute, nem espora
Requere êle, oh cavaleiro!
Corre, corre bem ligeiro,
Noute e dia a tôda a hora.

Freio ou cela não lhe tires.
Não lhe fales, não o ferres,
Na carreira não te aterres,
Para trás nunca te vires.

¡Upa! firme! – avante, avante!
Breve, breve, a bom correr!
Um minuto não perder,
Bem que o galo ainda não cante.

«Vá!» — gritou Inigo Guerra, com uma espécie de frenesi que nêle produzira

aquele cantar estranho; e de um pulo cavalgou no quêdo ónagro.

Mas apenas se firmou na sela, pst! -- ¡ei-lo que parte!

IV

Pôsto que em paz com os cristãos, os mouros de Toledo teem pelas tôrres, cubelos (1) e adarves (2) seus atalaias e vigias, e nos montes que dizem para a fronteira de Leão seus fachos e almenaras (3).

Mas se o rei leonês soubesse como descuidosa jaz Toledo; como, ao anoutecer, se deixam dormir vigias, se deixam de acender fachos, quebraria seus juramentos, e faria contra aquelas partes um repentino fossado (4).

Salvo ter de ir depois ao seu confessor dizer *confiteor, Deo,* e *peccavi;* porque o

(1) Torreões ou baluartes sôbre a muralha.

(2) Muralhas.

(3) Sinais feitos com fachos ou fogueiras.

(4) Correria.

quebrar o juramento, ainda que seja a cães descridos, dizem ser feio pecado.

Era a hora do lusco-fusco: ao sol pôsto os de Toledo, mirando para a banda do norte, viram, lá muito ao longe, vir correndo uma nuvem negra, ondeando e fazendo voltas no céu, como a estrada as fazia na terra por entre os montes: dir-se-ia que vinha embriagada.

Era primeiro um pontinho; depois crescera e crescera: quando anouteceu, estava já perto e cobria um grande espaço.

O almoadem (1), subindo à tôrre da mesquita, chamava os crentes de Mafamede para a oração da tarde.

Mas com a sua voz esganiçada misturou-se o estrondear dos trovões: era como um tiple e um baixo.

E passou um tufão de vento, que, embrenhando-se e remoinhando nas barbas longas e brancas do almoadem, lhe fustigou com elas a cara.

Começou então a cair uma corda de chuva, que nem moços nem velhos se lembravam de ter visto cousa semelhante em nenhuma parte.

(1) Pregoeiro religioso.

Aqui veríeis os esculcas a aninharem-se nas guaritas das tôrres; os roldas e sôbre-roldas (1) a fugirem pelos adarves (2); os facheiros a sumirem-se debaixo das almenaras; os hájis (3) a acolherem-se às mesquitas molhados até aos ossos; as velhas, que tinham saido ao vozear do almoadem, levadas pelas torrentes das ruas tortuosas e estreitas, bradando por Mafoma e por Allah. ¡E a água caindo cada vez mais!

Dous únicos movimentos fazem então os moradores de Toledo: uns fogem, outros agacham-se. ¡E a água caindo cada vez mais!

O pavor quebra todos os ânimos: os cacizes (4) esconjuram a procela: os faquires penitentes gritam que se acaba o mundo, e que lhes deixe os seus haveres aquele que quiser salvar-se. ¡E a água caindo cada vez mais!

A salvação de Toledo foi não se terem fechado suas portas: se assim não sucedesse, dentro do recinto dos muros morria tôda a mourisma afogada.

---

(1) Rondas (guardas) e sôbre-rondas.
(2) Muros transitáveis das fortalezas.
(3) Peregrinos de Meca.
(4) Sacerdotes.

Na prisão estava D. Diogo encostado às grades de ferro. O pobre velho entretinha-se a ouvir aquele medonho chover; porque a noute era comprida, e êle não tinha que fazer mais nada.

Mas, como o terreiro ante a sua gaiola de feras era rodeado de muros, a chuva não podia escoar-se tôda, e vinha crescendo de modo que já êle sentia os pés molhados.

E tambêm começou a ter mêdo de morrer, apesar da sua miséria. Bem sabia D. Diogo que a morte é a maior delas tôdas; que não era o senhor de Biscaia ateu, filósofo, nem parvo.

Mas lá divisa um vulto alvacento que salvou (1) por cima do palanque (2), e sente ao mesmo tempo no meio do terreiro — plash!

E ouviu uma voz que dizia — «Nobre senhor D. Diogo, ¿onde é que vós vos achais!».

«¿Que vejo e ouço?! — exclamou o velho. — Um trajo que não alveja não é trajo de ismaelita; uma voz que não fala algara-

---

(1) Saltou.

(2) Palanca, obra defensiva, feita com estacas revestidas de terra.

via não é de infiel; um salto de tal altura não é de cavaleiro do mundo. Por vossa fé dizei-me, ¿sois anjo ou sois Santiago?».

«¡Meu pai, meu pai! — acudiu o cavaleiro — ¿já não conheceis a fala de Inigo? Sou eu, que venho salvar-vos».

E D. Diogo descavalgou e, travando das grossas reixas (1), tentava alui-las: a água dava-lhe já pelos artelhos, e êle não fazia nada.

Cheio de aflição, o mancebo quis invocar o nome de Jesus; mas lembrou-se de como ali viera, e o bento nome expirou-lhe nos lábios.

Todavia, Pardalo pareceu advinhar o seu intimo pensamento; porque soltou um gemido agudo e pronto, como se lhe houvessem tocado com um ferro em brasa.

E, empurrando com a cabeça D. Inigo, voltou a anca para a grade.

¡Pan! — foi o som que se ouviu. Com um só couce a reixa estava no chão, e as ombreiras de pedra tinham voado em mil rachas. Quer mo creiam, quer não, di-lo a história: eu com isto não perco nem ganho.

---

(1) Grades.

D. Diogo, êsse ficou-o crendo: porque uma lasca de pedra bateu-lhe nos dous últimos dentes que tinha e meteu-lhos pela goela abaixo. Por isso, êle, com a dor, não podia dizer palavra.

Seu filho fê-lo cavalgar ante si, e, cavalgando após êle, bradou: — «¡Meu pai, estais salvo!».

E Pardalo de um pulo galgou de novo o palanque. ¡Pois tinha bons quinze palmos!

Pela manhã não havia sinal de chuva; o ar estava limpo e sereno, e quando os mouros foram ver o que sucedera a D. Diogo Lopes, não lhe acharam sequer o rasto.

V

D. Inigo e seu pai, o velho senhor de Biscaia, passam as portas de Toledo com a rapidez da frecha: num abrir e fechar de olhos ficam-lhes para trás muros, tôrres, barbacãs e atalaias. A bátega vai diminuindo: rasgam-se as nuvens, e vêem-se já reluzir algumas estrêlas, que parecem outros tantos olhos com que o céu espreita atra-

vés do negrume o que se passa cá em baixo.

A estrada, pelas descidas e subidas dos recostos, converteu-se em leito de torrente; nos plainos converteu-se em lago.

Mas, quer pelos lagos, quer pelas torrentes, o valente ónagro rompia avante, bufando como um danado.

Não subiram bem um monte, já descem pelo outro recôsto abaixo; ainda bem não chegaram a uma clareira, já sentem em profunda floresta gotejarem-lhes em cima os ramos agitados das árvores.

Pouco mais é de meia-noute, e os topos nevados do Víndio recortam o chão estrelado do céu já limpo, semelhantes aos dentes de uma serra gigante, capaz de dividir cérceo o hemisfério austral do hemisfério boreal.

E Pardalo investe, sempre em galope desfeito, com as montanhas disformes, e desce aos vales temerosos, e, cada vez mais ligeiro, como o seu nome o indica, parece menos quadrúpede que pássaro.

¿Mas que ruido é êsse que sobreleva o do vento? ¿Que é isso que, lá ao longe, ora alveja, ora reluz nas trevas, como uma alcateia de lôbos envoltos em sudários

brancos, com os olhos só descobertos, e despregando em fio pelo fundo do vale abaixo?

É um rio caudal e furioso, com o seu manto de escuma, e com as escamas angulosas de seu dorso eriçado, onde batem e chispam os raios das estrêlas em mil reflexos quebrados.

Negreja sôbre o rio uma ponte, ao meio desta um vulto esguio. — «¿Será um marco, uma estátua? —pensaram os cavaleiros. Pinheiro não pode ser; não consta que em pontes nasçam».

Pardalo ria-se de rios; pontes, fazia tanto cabedal delas como de um retraço (1) de palha. Todavia, bem que pudesse de um pulo salvar vinte ribeiras como aquela, foi-se direito à ponte; porque não era animal que fizesse áfricas escusadas.

Semelhante a relâmpago, se arrojou o ónagro àquele passo estreito... Mas, tá!... Ei-lo que de repente pára.

E tremia como varas verdes, e arquejava com violência: os dous cavaleiros olharam.

(1) Sobejo, resto.

O vulto esguio era um cruzeiro de pedra alevantado a meia ponte: por isso Pardalo emperrava.

Então, de entre uns altos choupos, que da margem de alêm se meneavam, um pouco mais abaixo daquele sítio, ouviu-se uma voz fadigosa e trémula que cantava:

Para trás, para trás, a galgar.
Já!
De redor, de redor, vem passar
Cá!
Que não há nada aqui que te empeça.
Bus, (1)
Nem palavra, vós dous! Fugi dessa
Cruz!

«¡Santo Nome de Cristo!» — exclamou D. Diogo, benzendo-se ao escutar aquela voz que bem conhecia, mas que, depois de tantos anos, não esperava ali ouvir, porque seu filho não lhe dissera que meio achara para o salvar.

Apenas o grito do velho soou, assim êle como D. Inigo foram bater contra o poial do cruzeiro, onde ficaram de bruços, envol-

---

(1) Interjeição = ¡ basta! não mais!

tos em lôdo. O ónagro, ao sacudi-los de si, soltara um rugido de besta-fera. Sentiram então um cheiro intolerável de enxôfre e de carvão de pedra inglês, que logo se percebia ser cousa de Satanás.

E ouviram como um trovão subterrâneo; e a ponte balouçava, como se as entranhas da terra se despedaçassem.

Apesar do seu grande terror, e de chamar pela Virgem Santíssima, D. Inigo abriu um cantinho do ôlho para ver o que se passava.

Nós, os homens, costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos. Mentimos como uns desalmados.

¿Que veria o cavaleiro? Um fojo aberto bem próximo dêles, sôbre a ponte, e que depois rompia pela água.

E depois pelo leito do rio; e depois pela terra dentro, dentro; e depois pelo teto do inferno, que outra cousa não podia ser um fogo muito vermelho que reverberava daquela profundidade.

Tanto era assim, que ainda lá viu passar de relance um demónio com um desconforme espêto nas mãos, em que levava um judeu empalado.

E Pardalo descia remoinhando por êsse

boqueirão, como uma pena caindo em dia sereno do alto de uma tôrre abaixo.

Aquela vista fêz perder os sentidos a D. Inigo, que, indo também a chamar por Jesus, achou que não podia proferir êste nome sagrado.

De terror, tanto o velho como o môço ficaram ali em desmaio.

Quando tornaram a si, com o romper do sol claro, conheceram o sitio em que se achavam. Era a ponte próxima à aldeia de Nustúrio, no alto da qual campeava o castelo construído por D. From, o saxónio, avoengo de D. Diogo Lopes e primeiro senhor de Biscaia.

Nenhum vestígio restava do que ali se passara; os dous, moidos e cheios de lôdo e pisaduras, foram-se arrastando como puderam até encontrar alguns vilãos, a quem se deram a conhecer, e que os levaram a casa.

Festas que em Nustúrio se fizeram por sua vinda, cousa é que vos não direi; porque não tarda a hora de cear, rezar e deitar.

VI

D. Diogo pouco tempo viveu: todos os dias ouvia missa: tôdas as semanas se confessava. D. Inigo, porêm, nunca mais entrou na igreja, nunca mais rezou, e não fazia senão ir à serra caçar.

Quando tinha de partir para as guerras de Leão, viam-no subir à montanha armado de tôdas as peças e voltar de lá montado num agigantado ónagro.

E o seu nome retumbou em tôda a Espanha; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca em nenhum recontro foi ferido nem derribado.

Diziam à bôca pequena em Nustúrio que o ilustre barão tinha pacto com Belzebu. ¡Olhem que era grande milagre!

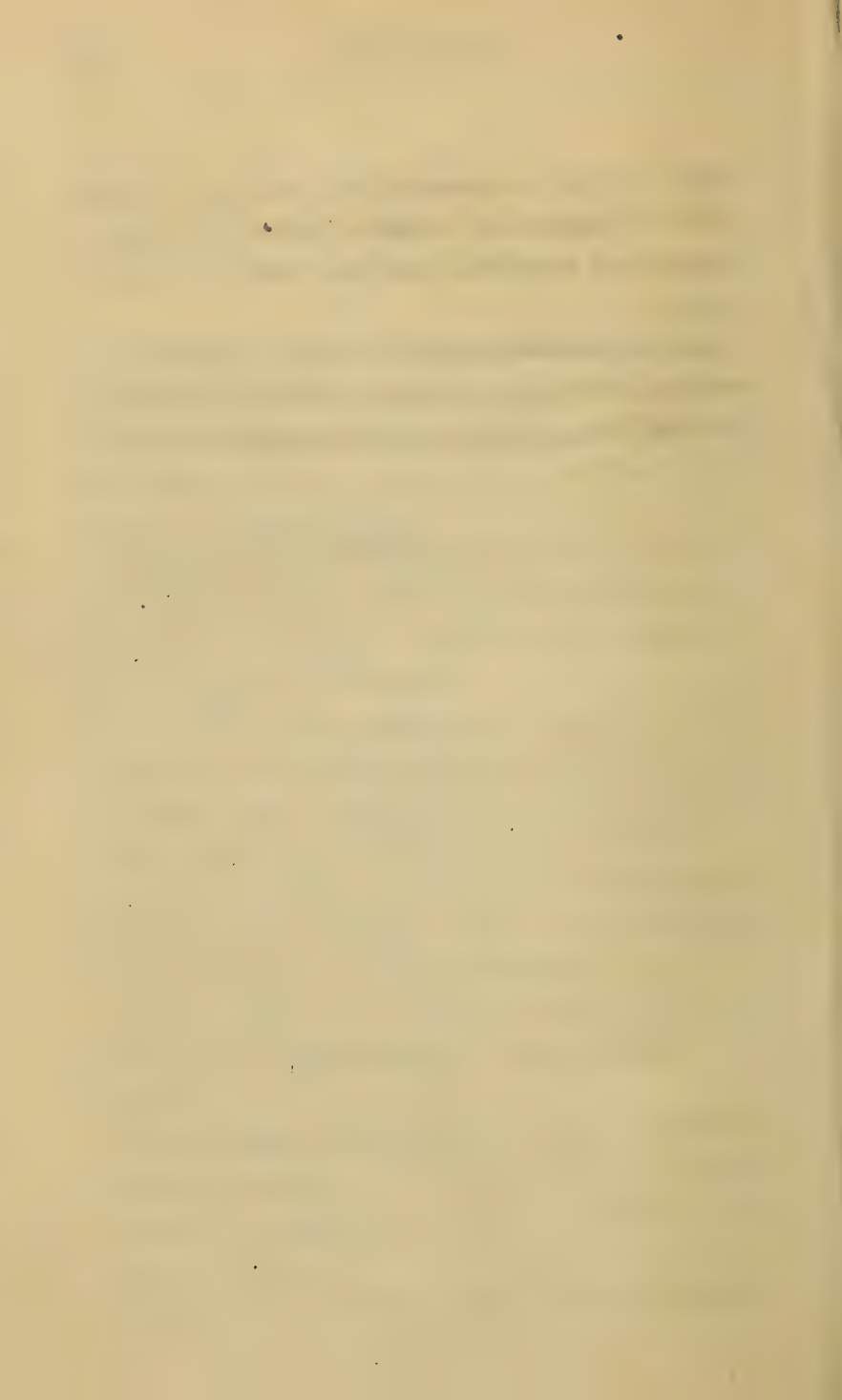
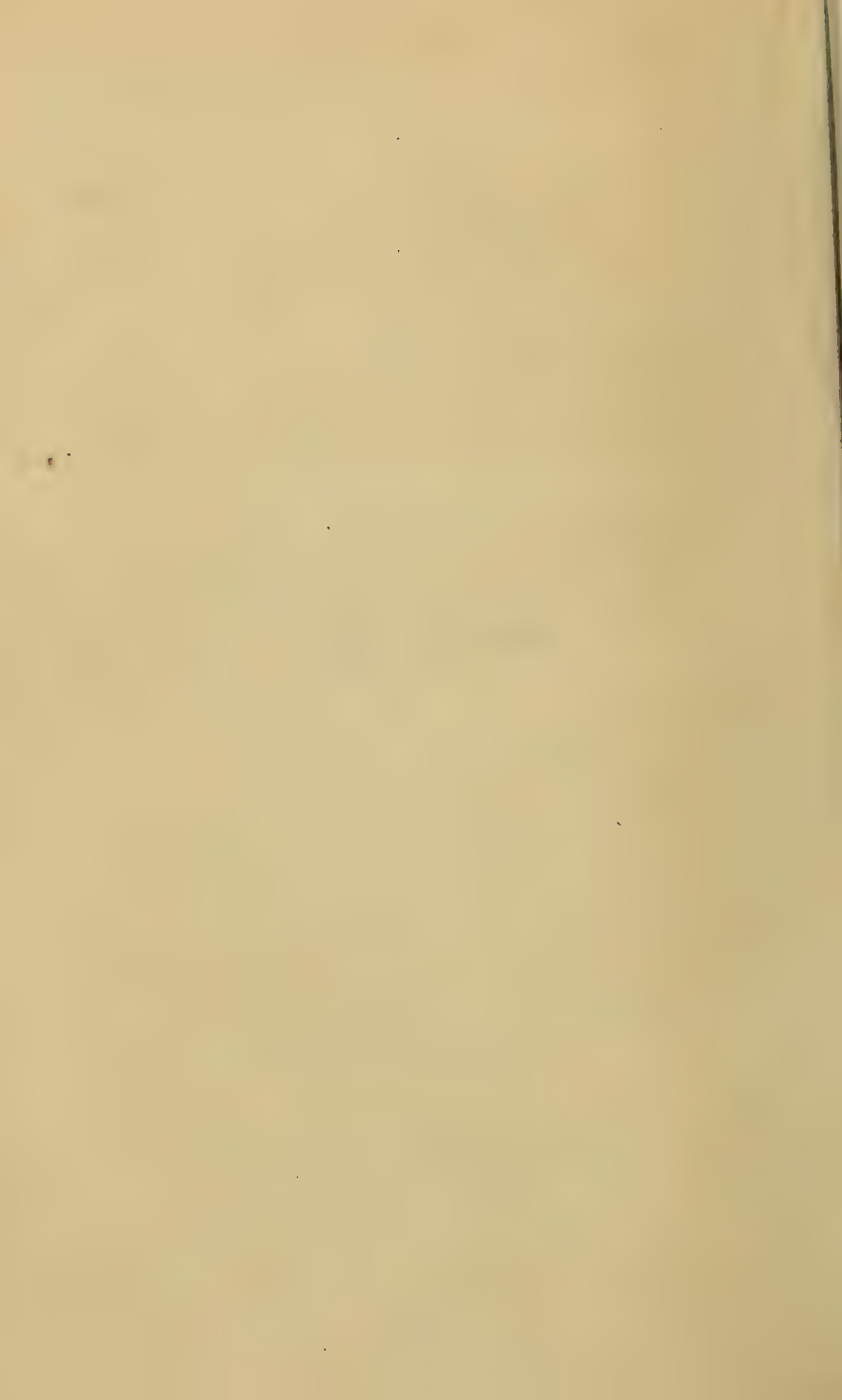
Meio precito era êle por sua mãe; não tinha que vender senão a outra metade da alma.

Por oitenta por cento de lucro no recibo de um egresso, a dá aí inteira ao demo qualquer onzeneiro, e crê ter feito uma limpa veniaga.

Fôsse como fôsse, Inigo Guerra morreu

velho: o que a história não conta é o que então se passou no castelo. Como não quero improvisar mentiras, por isso não direi mais nada.

Mas a misericórdia de Deus é grande. Á cautela rezem por êle um *Pater* e um *Ave*. Se não lhe aproveitar, seja por mim. Amen.

(Lendas e Narrativas.)

SÉCULO XII

COMO NASCEU E COMO PERDURARÁ PORTUGAL

A HISTÓRIA do governo de D. Urraca (1), se tal nome se pode aplicar ao período do seu predomínio, nada mais foi do que um tecido de traições, de vinganças, de revoluções e lutas civis, de roubos e violências. A dissolução da rainha, a sombria ferocidade do marido, a cobiça e o orgulho dos próceres do reino, convertiam tudo num caos; e a guerra civil, deixando respirar os muçulmanos, rompia a cadeia de triunfos da sociedade cristã, à qual tanto trabalhara por dar unidade o hábil Afonso VI.

As províncias já então libertadas do jugo ismaelita não tinham ainda, digamos assim, senão os rudimentos de uma nacionalidade.

---

(1) Filha e herdeira de Afonso VI de Leão, irmã da infanta D. Teresa de Portugal.

Faltavam-lhes, ou eram débeis, grande parte dos vínculos morais e jurídicos que constituem uma nação, uma sociedade. A associação do rei aragonês no trono de Leão não repugnava aos barões leoneses por êle ser um estranho, mas porque a antigos súbditos do novo rei se entregavam de preferência as tenências, e alcaidarias da monarquia. As resistências, porêm, eram individuais, desconexas, e por isso sem resultados definitivos, efeito natural de instituìções públicas viciosas ou incompletas. O conde ou rico-homem de Oviedo ou de Leão, da Estremadura ou de Galiza, de Castela ou de Portugal, referia sempre a si, às suas ambições, esperanças ou temores, os resultados prováveis de qualquer sucesso político, e aferindo tudo por êsse padrão, procedia em conformidade com êle. Nem podia ser de outro modo. A ideia de nação e de pátria não existia para os homens de então do mesmo modo que existe para nós. O amor cioso da própria autonomia, que deriva de uma concepção forte, clara, consciente, do ente colectivo, era apenas, se era, um sentimento frouxo e confuso para os homens dos séculos XI e XII. Nem nas crónicas, nem nas lendas, nem

nos diplomas, se encontra um vocábulo que represente «o espanhol», o indivíduo da raça gôdo-romana distinto do sarraceno ou mouro. Acha-se o asturiano, o cantabro, o galiciano, o portugalense, o castelhano, isto é, o homem da província ou grande condado: e ainda o toledano, o barcelonês, o compostelano, o legionense, isto é, o homem de certa cidade. O que falta é a designacão simples, precisa, do súbdito da coroa de Oviedo, Leão e Castela. ¿E porque falta? É porque, em rigor, a entidade faltava socialmente. Havia-a, mas debaixo de outro aspecto: em relação ao grémio religioso. Essa sim, que aparece clara e distinta. A sociedade cristã era uma, e preenchia até certo ponto o incompleto da sociedade temporal. Quando cumpria aplicar uma designação que representasse o habitante da parte da península livre do jugo do Islame, só uma havia: *christianus.* O epíteto que indicava a crença representava a nacionalidade. E, assim, cada catedral, cada paróquia, cada mosteiro, cada simples ascetério,era um anel da cadeia moral que ligava o todo, na falta de um forte nexo político.

Tais eram os caracteres proeminentes da

vida externa da monarquia neo-gótica. A sua vida social interna, as relações públicas entre os indivíduos e entre êstes e o estado, tinham sobretudo uma feição bem distinta: era a larga distância que separava das classes altivas, dominadoras, que fruiam, as classes, em parte e até certo ponto servas, e em parte livres, que trabalhavam. A aristocracia compunha-se da nobreza de linhagem e da gerarquia sacerdotal, a espada e o livro, a fôrça do coração e do braço, e a superioridade relativa da inteligência. A democracia constituiam-na dous grupos notávelmente desiguais em número e em condição. Era um o dos burgueses proprietários com pleno domínio, moradores de certas povoações de vulto, comerciantes, fabricantes, artífices, isto é, os que depois se chamaram entre nós *homens de rua*, indivíduos mais abastados e mais insofridos, fazendo-se respeitar ou temer, numas partes pela fôrça do nexo municipal, concessão do rei ou dos condes dos distritos em nome dêle, noutras partes pelas irmandades *(conjurationes, germanitates)*, associações ajuramentadas para resistirem aos prepotentes, e cujas origens obscuras talvez vão confundir-se com as origens não me-

nos obscuras das beetrias (1). O outro grupo, incomparávelmente mais numeroso, constituiam-no os agricultores habitantes das paróquias rurais. Nessa época ainda eram raros os oásis da liberdade chamados *alfozes* ou termos dos concelhos. Dispersa, possuindo a terra por títulos de diversas espécies, todos mais ou menos opressivos e precários, na dependência do poderoso imunista (2) ou do inexorável agente do fisco, a população rural, ainda parcialmente adscrita à gleba, quási que às vezes se confundia com os sarracenos, mouros ou mozárabes, cativos nas freqùentes correrias dos leoneses, e cuja situação se assemelhava à dos escravos negros da América, ou a cousa ainda pior, dada a rudeza e ferocidade dos homens daqueles tempos.

A burguesia *(burgenses)*, embrião da moderna classe média, assás forte para se defender, ou, pelo menos, opor à opressão a vingança tumultuária, era impotente para

---

(1) Povoação dotada de importantes foros ou regalias.

(2) Senhor, que em geral abusava das suas imunidades ou direitos.

exercer acção eficaz na sociedade geral. Veio isso mais tarde. Assim, o único poder que assegurava a unidade política era o poder do rei. A monarquia ovetense-leonesa fôra como uma restauração da monarquia visigótica, entre todos os estados bárbaros a mais semelhante na índole e na acção ao cesarismo romano. Uma série de príncipes, senão distintos pelo génio, como Carlos Magno, todavia de valor e de energia não vulgares, tinha sabido manter a supremacia rial, anulada gradualmente alêm dos Pirenéus pela sucessiva transformação das funções públicas em benefícios e dos benefícios em feudos. Entretanto à autoridade central faltava um arrimo sólido a que se encostasse; faltava-lhe uma classe média, numerosa, rica, inteligente, émula do clero pela sua cultura. Essa classe, como já advertimos, ainda simples embrião, só no século XIII começou a ser uma fraca entidade política, aliás rápidamente desenvolvida e avigorada. Desde aquela época é que a rialeza aproveitou mais ou menos a sua aliança para domar as aristocracias secular e eclesiástica, como com o auxilio dela as monarquias de alêm dos Pirenéus conseguiram tirar ao feudalismo a prepon-

derância, e quási inteiramente o carácter político.

Hoje é fácil iludirmo-nos, crendo ver nas revoluções e lutas do ocidente da Peninsula, no decurso dos séculos VIII a XII a anarquia aristocrática. Não era a gerarquia constituindo uma espécie de familias militares, de *clans* ou tríbus artificiais, cujos membros estavam ligados por mútuos direitos e deveres, determinados por um certo modo de fruição de dominio territorial, em que se achava incorporada a soberania com exclusão do poder público. Em vez disto, era o individualismo rebelando-se contra êsse poder, contra a unidade, contra o direito. Quando as mãos que retinham o scetro eram frouxas ou inábilmente violentas, as perturbações tornavam-se não só possíveis, mas, até, fáceis. A febre da anarquia podia ser ardente; o que não havia era a anarquia crónica, a anarquia organizada.

Eis as circunstâncias, que, ajudadas pelos desvarios da filha de Afonso VI, converteram o seu reinado num dos mais desastrosos periodos de desordens, de rebeliões e de guerras civis. A confusão vinha a ser tanto maior, por isso mesmo que faltava o nexo feudal. Eram tão ténues os la-

ços entre o conde e o conde, o maiorino (1) e o maiorino, o alcaide e o alcaide, o prestameiro (2) e o prestameiro, o homem de mesnada e o homem de mesnada, e, depois, entre estas diversas categorias, que as parcialidades se compunham, dividiam ou transformavam sem custo, à mercê do primeiro ímpeto de paixão ou cálculo ambicioso. Deste estado tumultuário derivou a separação definitiva de Portugal e a consolidação da autonomia portuguesa. Obra a principio de ambição e orgulho, a desmembração dos dous condados do Pôrto e de Coimbra veio por milagres de prudência e de energia a constituir, não a nação mais forte, mas de certo a mais audaz da Europa nos fins do XV século. Dir-se-ia um povo predestinado. ¿Quais seriam hoje, de feito, as relações do oriente e do novo mundo com o ocidente, se Portugal houvesse perecido no berço? ¿Quem ousará afirmar que,

(1) *Maiorino* era o nome que se dava, até o século XV, ao maior ou principal juíz. (Viterbo, *Elucidário*)

(2) O que lograva algum *préstamo* ou *prestimónio* (pensão da Coroa).

sem Portugal, a civilização actual do género humano seria a mesma que é?

O conde Henrique pouco sobreviveu ao sogro: cinco anos escassos; mas durante êsses cinco anos todos aqueles actos seus, cuja memória chegou até nós, indicam o exclusivo intuito de alimentar o incêndio das discórdias civis que devoravam a Espanha cristã. Nas lutas de D. Urraca, dos parciais de Afonso Raimundes, e do rei de Aragão, qual foi o partido do conde? Todos sucessivamente; porque nenhum era o seu. O *seu* consistia em constituir um estado independente nos territórios que governava. E no meio dos tumultos e guerras em que ardia o reino, êle teria visto coroadas de bom sucesso as suas diligências, se a morte não viesse atalhar-lhe os desígnios junto dos muros de Astorga.

Mas a sua viúva, a bastarda de Afonso VI, era pela astúcia e ânimo viril digna consorte do ousado e empreendedor Borgonhês. A leoa defendeu o antro onde não se ouvia já o rugido do seu fero senhor, com a mesma energia e esfôrço de que êle lhe dera repetidos exemplos. Durante quinze anos lutou por conservar intacta a independência da terra que lhe chamava rainha;

e quando o filho lhe arrancou das mãos a herança paterna, só havia um ano que a altiva dona curvara a cerviz ante a fortuna de seu sobrinho Afonso Raimundes, o jovem imperador de Leão e Castela. Era tarde. Portugal não devia tornar a ser uma provincia leonesa.

Se D. Teresa se mostrara na viùvez digna políticamente do marido, o filho era digno de ambos. O tempo provou que os excedia em perseverança e audácia. A natureza dera-lhe as formas atléticas e o valor indomável desses heróis dos antigos romances de cavalaria, cujos dotes extraordinários os trovadores exageravam mais ou menos nas lendas e poemas, mas que eram copiados da existência real. Tal fôra o Cid. Os amores adúlteros de D. Teresa com o conde de Trava, Fernando Peres, fizeram com que cedo se manifestassem as aspirações do môço Afonso Henriques. Os barões da província que tendia a constituir-se em novo estado achavam naturalmente nêle o centro da resistência à preponderância de um homem que deviam considerar como intruso, e a quem a cegueira da infanta-rainha cedia o poder que dantes tão enérgicamente exercera. Á irritação e inve-

ja, que a elevação dêsse estranho devia despertar no coração de cada um dêles, ajuntava-se decerto a consideração das conseqùencias inevitáveis da ilimitada preponderância do conde. Fernando Peres pertencia a uma das mais poderosas famílias da Galiza e a mais adita ao môço soberano de Leão e Castela. Seu pai fôra o aio e tutor do príncipe quando as paixões sensuais de D. Urraca o cercavam de sérios perigos. Nada mais natural do que resultar daquela preponderância a ruina da nascente independência do novo estado.

O que se passava em Portugal era em resumido teatro o que pouco antes se passara em Leão. Ali, os amores de D. Urraca com o conde Pedro de Lara tinham favorecido as ambiciosas pretensões de Afonso Raimundes, concitando contra ela os ódios dos barões leoneses e castelhanos. Aqui, os amores de D. Teresa acenderam ainda mais os ânimos e trouxeram uma revolução formal.

Se na batalha do campo de S. Mamede, em que Afonso Henriques arrancou definitivamente o poder das mãos de sua mãe, ou antes das do conde de Trava, a sorte das armas lhe houvera sido adversa, constituiriamos provávelmente hoje uma província

de Espanha. Mas no progresso da civilização humana tínhamos uma missão que cumprir. Era necessário que no último ocidente da Europa surgisse um povo cheio de actividade e vigor, para cuja acção fôsse insuficiente o âmbito da terra pátria, um povo de homens de imaginação ardente apaixonados do incógnito, do misterioso, amando balouçar-se no dorso das vagas ou correr por cima delas envoltos no temporal, cujos destinos eram conquistar para o cristianismo e para a civilização três partes do mundo, devendo ter em recompensa únicamente a glória. E a glória dêle é tanto maior quanto, encerrado na estreiteza de breves limites, sumido no meio dos grandes impérios da terra, o seu nome retumbou por todo o globo.

Pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formosos dias de poderio e de renome, ¿que nos resta senão o passado? Lá temos os tesouros dos nossos afectos e contentamentos. Sejam as memórias da pátria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque à energia social e aos santos afectos da nacionalidade. Que todos aqueles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da história se dediquem a ela. No meio de uma nação

decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime.

¿E a arte? Que a arte em tôdas as suas formas externas represente êste nobre pensamento; que o drama, o poema, o romance, sejam sempre um eco das eras poéticas da nossa terra. Que o povo encontre em tudo e por tôda a parte o grande vulto dos seus antepassados. Ser-lhe há amarga a comparação. Mas como ao inocentinho infante da Jerusalêm Libertada, homens da arte, aspergi de suave licor a borda da taça onde está o remédio que pode salvá-lo.

Enquanto, porêm, não chegam os dias em que o puro e nobre engenho dos que então hão-de ser homens celebre exclusivamente as solenidades da arte no altar do amor pátrio, alevantemos uma das muitas pedras tombadas dos templos e dos palácios, para que os obreiros robustos que não tardam a surgir digam, quando a virem:

— As mãos que te puseram aí eram débeis; mas o coração que as guiava antevia já algum raio de luz que nos alumia».

(*O Bobo,* Cap. I)

O CASTELO DE GUIMARÃES

O CASTELO de Guimarães, qual existia nos princípios do século XII, diferençava-se entre os outros que cobriam quási tôdas as eminencias das honras e préstamos de Portugal e da Galiza, por sua fortaleza, vastidão e elegância. A maior parte dos edifícios desta espécie eram apenas então um agregado de grossas vigas, travadas entre si e formando uma série de tôrres irregulares, cujas paredes, muitas vezes feitas de cantaria sem cimento, mal resistiram aos golpes dos arietes e aos tiros das catapultas, ao passo que os madeiros que ligavam êsses fracos muros e lhes davam certo aspecto de fortificação duradoura, tinham o grave inconveniente de poderem fácilmente incendiar-se. Assim, não havia castelo onde entre as armas e bastimentos de guerra não ocupassem um dos mais importantes lugares as amplas cubas de vinagre, líquido que a experiência tinha

mostrado ser o mais próprio para apagar o alcatrão incendiado, que, como instrumento de ruína, usavam nos sítios dos lugares afortalezados. Quando o gato ou vinea, espécie de barraca ambulante, coberta de coiros crus, se aproximava, pesada e lenta como um espectro, aos muros de qualquer castelo, enquanto os cavaleiros mais possantes arcavam com pedras enormes, levando-as aos vãos das ameias, para daí as deixarem cair sôbre o teto da máquina, os peões conduziam para o lanço da muralha ou tôrre, a que esta se dirigia, uma quantidade daquele líquido salvador, capaz de abafar as chamas envoltas em rolos de fumo fétido, que não tardariam a lamber as traves angulares do guerreiro edifício. Muitas vezes essas precauções eram inúteis, principalmente contra os sarracenos.

Entre êstes uma civilização mais adiantada tinha moderado o fanatismo, quebrado os brios selvagens, diminuindo a robustez fisica dos homens de armas; a sua mestria, porêm, da arte da guerra, supria estas faltas e equilibrava nos combates o soldado muslim (1)

(1) Mouro.

com o guerreiro cristão, mais robusto, mais fanático, e por isso mais impetuoso do que êle. Era principalmente nos assédios, quer defendendo-se, quer acometendo, que os Árabes conheciam todo o preço da própria superioridade intelectual. As suas máquinas de guerra, mais perfeitas que as dos nazarenos, não só pela melhor combinação das fôrças mecânicas, como pela maior variedade de engenhos e invenções, davam-lhes notáveis vantagens sôbre a grosseira tática dos seus adversários. Sem o socorro da vinea os Árabes sabiam incendiar de longe os castelos com os escorpiões arrojados pelas manganelas de fogo. De enxôfre, salitre e nafta compunham êles um misto terrível, com que despediam dos engenhos globos de ferro cheios do mesmo composto, que, serpeando e sussurrando nos ares, iam estourar e verter dentro dos muros assediados uma espécie de lava inextinguível e infernal, contra cuja violência eram baldadas quási sempre tôdas as prevenções, e não menos baldadas a valentia e a fôrça dos mais duros cavaleiros e homens de armas.

Mas o castelo de Guimarães podia, do teso sôbre que estava assentado, olhar com

tranqùilo desdêm para os formidáveis e variados engenhos militares de cristãos e sarracenos. A melhor fortaleza da Galiza, o Castro Honesto, o que o mui poderoso e venerando senhor Diogo Gelmires, primeiro arcebispo de Compostela, reformara de novo, com todo o esmero de quem sabia ser aquele castro como a chave da extensa Honra e Senhorio Compostelano, era, por trinta léguas em roda, o único, talvez, que ousaria disputar primazias com o de Guimarães. Como a daquele, a cárcova deste era larga e profunda; as suas barreiras eram amplas e defendidas por boas barbacãs, e as suas muralhas, torreadas com curtos intervalos, altas, ameiadas e desmarcadamente grossas, do que dava testemunho o espaçoso dos adarves que corriam por cima delas. O circuito que tão temerosas fortificações abrangiam encerrava uma nobre alcáçova, que, também coberta de ameias, campeava sobranceira aos lanços de muros entre tôrre e tôrre, e ainda assoberbava estas, à excepção da alvarrã ou de menagem, que, maciça e quadrangular, com os seus esguios miradouros bojando nos dous ângulos exteriores, e erguida sôbre o escuro portal da entrada, parecia um gigante

em pé e com os punhos cerrados sôbre os quadris, ameaçando o burgo rasteiro e humilde que, lá em baixo, no sopé da suave encosta, se encolhia e apoquentava (1), como vilão que era, diante de tamanho senhor.

¿Mas não vedes aí ao longe, por entre a casaria da povoação e verdura das almoínhas (2), que, entressachadas com os edificios burgueses, servem como vasto tapete onde assentam os panos de muros alvos, e os telhados vermelhos e aprumados das casas modestas dos peões, — ¿não vêdes, digo, a alpendrada de uma igreja, a portaria de um ascetério (3), a grimpa de um campanário?

É o mosteiro de D. Mumadona; é um claustro de monges negros: é a origem dêsse burgo, do castelo roqueiro e dos seus paços riais. Havia duzentos anos que neste vale viviam apenas alguns servos, que cultivavam a vila ou herdade de Vimaranes. Mas o mosteiro edificou-se, e a povoação nasceu. O ameno e aprazível sítio atraiu os

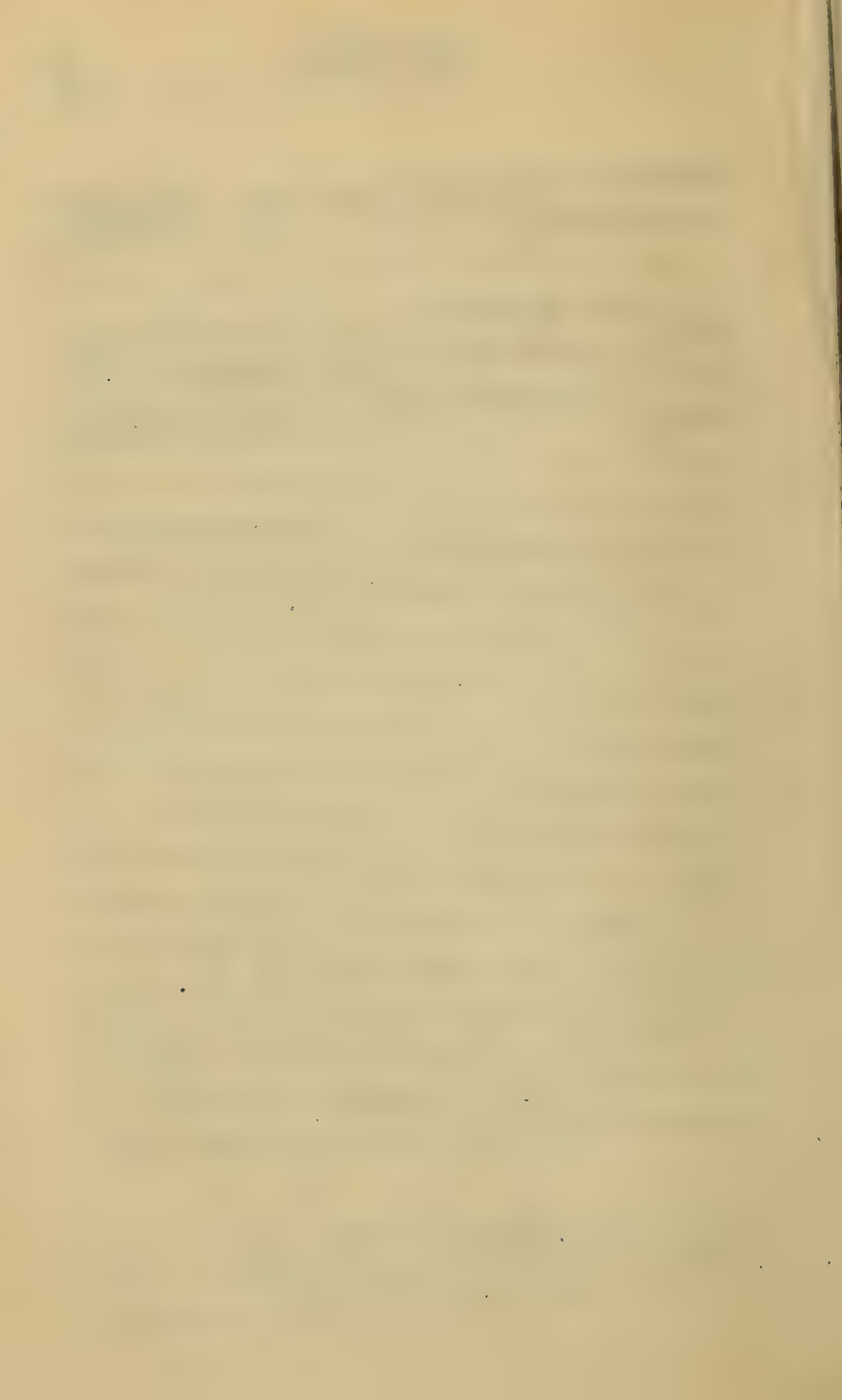
(1) Apoucava.
(2) Quintais.
(3) Convento.

poderosos; o conde Henrique quis aí habitar algum tempo, e sôbre as ruinas de um fraco e pequeno castelo, a que os monges se acolhiam ante o assolador tufão das correrias dos mouros, se alevantou aquela máquina. O trato e freqüência da côrte enriqueceu os burgueses: muitos Francos, vindos em companhia do conde, ai se tinham estabelecido, e os *homens de rua*, ou moradores do burgo, constituiram-se em sociedade civil. Então surgiu o município: e essas casas, aparentemente humildes, encerravam já uma porção do fermento da resistência anti-teocrática e anti-aristocrática, que, espalhado gradualmente pelo país, devia em três séculos pôr manietadas aos pés dos reis a aristocracia e a teocracia. Os imperantes supremos, enfarados (1) já na caça que abasteceria de futuro as mesas dos banquetes triunfais dos seus sucessores, atrelavam perto dela os lebréus; punham o concelho ao pé do castelo, do mosteiro e da catedral. Guimarães breve obteve do conde um foral, uma carta de município,

(1) *Enfarado* significa *enfastiado;* mas aqui parece dever tomar-se no sentido de que os imperantes supremos *farejavam* já a caça, etc.

tudo *pro bono pacis,* como reza o respectivo documento.

É nesta alcáçova, cingida das suas fortificações lustrosas, virgens, elegantes e todavia formidáveis, onde a nossa história começa...

(*O Bobo,* Cap. II.)

PAPEL DOS BOBOS NAS CÔRTES MEDIEVAIS

O LEITOR que não conhecesse por dentro e por fora, como se usa dizer, a vida da idade-média, riria da pequice com que atribuímos valor político ao bobo do conde de Portugal. Pois o caso não é de rir. Naquela época o cargo de truão correspondia até certo ponto ao dos censores da república romana. Muitas paixões, sôbre as quais a civilização estampou o ferrete de ignóbeis, ainda não eram hipócritas; porque a hipocrisia foi o magnífico resultado que a civilização tirou de sua sentença. Os ódios e as vinganças eram lialmente ferozes; a dissolução, sincera; a tirania, sem mistério. No século XVI Filipe II envenenava seu filho nas trevas de um calabouço: no princípio do século XIII Sancho I de Portugal, arrancando os olhos aos clérigos de Coimbra, que recusavam celebrar os ofícios divinos

nas igrejas interditas, chamava para testemunhas daquele feito todos os parentes das vitimas. Filipe era um filicida polidamente covarde: Sancho um selvagem atrozmente vingativo. Entre os dous principes há quatro séculos nas distâncias do tempo, e o infinito nas distâncias morais.

Numa sociedade em que as torpezas humanas assim apareciam sem véu, o julgá-las era fácil. O dificultoso era condená-las. Na extensa escala do privilégio, quando um feito ignóbil ou criminoso se praticava, a sua acção recaìa, por via de regra, sôbre aqueles que se achavam colocados nos degraus inferiores ao perpetrador do atentado. O sistema das gerarquias mal consentia os gemidos: ¿como seria portanto possível a condenação? As leis civis, na verdade, procuravam anular, ou pelo menos modificar esta situação absurda; mas era a sociedade que devorava as instituìções, que não a compreendiam a ela, nem ela compreendia. ¿Porque, de reinado para reinado, quási de ano para ano, vemos renovar essas leis, que tendiam a substituir pela igualdade da justiça a desigualdade das situações? É porque semelhante legislação era letra morta, protesto inútil dalgumas almas for-

mosas e puras, que pretendiam fôsse presente o que só podia ser futuro.

Mas no meio do silêncio tremendo de padecer incrível e de sofrimento forçado, um homem havia que, leve como a própria cabeça, livre como a própria lingua, podia descer e subir a íngreme e longa escada do privilégio, soltar em todos os degraus dela uma voz de repreensão, punir todos os crimes com uma injúria amarga e patentear desonras de poderosos, vingando assim, muitas vezes sem o saber, males e opressões de humildes. Este homem era o truão. O truão foi uma entidade misteriosa da idade-média. Hoje a sua significação social é desprezível e impalpável; mas então era um espelho que reflectia, cruelmente sincero, as feições hediondas da sociedade desordenada e incompleta. O bobo, que habitava nos paços dos reis e dos barões, desempenhava um terrivel ministério. Era ao mesmo tempo juiz e algoz; mas julgando, sem processo, no seu fôro íntimo e pregando, não o corpo, mas o espírito do criminoso no potro immaterial do vilipêndio.

¡E êle ria: ria contínuo! Era rir diabólico o do bobo; porque nunca deixava de ir pulsar dolorosamente as fibras dalgum cora-

ção. Os seus ditos satíricos, ao passo que suscitavam a hilaridade dos cortesãos, faziam sempre uma vítima. Como o ciclope da Odissea, na sala de armas ou do banquete; nos balcões da praça do tavolado ou das tauromaquias; pela noute brilhante e ardente dos saraus, e até junto dos altares, ao reboar o templo com as harmonias dos cânticos e salmos, com as vibrações dos sons do órgão, no meio da atmosfera engrossada pelos rolos do fumo alvacento do incenso; em tôda a parte e em tôdas as horas, o bufão tomava ao acaso o temor que infundia o príncipe, o barão ou o ilustre cavaleiro, e o respeito que se devia a dona veneranda ou a dama formosa, e tocando-os com a ponta da sua palheta, ou fazendo-os voltear nos tintinábulos (1) do seu adufe, convertia esse temor e respeito numa cousa truanesca e ridícula. Depois, envolvendo o carácter da nobre e grave personagem, atassalhado (2) e cuspido, num epigrama sangrento ou numa alusão insolente, atirava-o aos pés da turba dos cortesãos.

(1) Soalhas do pandeiro ou adufe.

(2) Dilacerado, desfeito.

No meio, porêm, das risadas estrepitosas ou do rir abafado, lançando de passagem um olhar brilhante e vago ao gesto confrangido e pálido da vítima, e, como o tigre, recrudescendo (1) com o cheiro da carniça, o bobo cravava de salto as garras naquele a quem ódio profundo ou inveja solapada fazia saborear com mais entranhável deleite a vergonha e abatimento do seu inimigo. Então a palidez dêste, pouco a pouco, deslizava num sorriso e ia tingir as faces do cortesão que, havia instantes, se recreava folgado na vingança satisfeita. Se era um banquete ou sarau, onde o fumo do vinho e a ebriedade que nasce do contacto de muitos homens juntos, das danças, do perpassar das mulheres voluptuáriamente adornadas, do cheiro das flores, das torrentes de luz que em milhões de raios aquece o ambiente, a loucura fictícia do truão parecia dilatar-se, agitar-se, converter-se num turbilhão infernal. Os motejos e as insolências volteavam sôbre as cabeças com incrível rapidez: as mãos que iam unir-se para aprovar estrondosamente o fel da injúria vertido

---

(1) Tornando-se mais cruel, assanhando-se.

sôbre uma fronte odiada, ficavam muitas vezes immóveis, contraídas, convulsas, porque entre elas tinha passado a seta de um epigrama azeirado, (1) e havia batido no coração ou na consciência de quem imaginava só aplaudir a alheia angústia. E por cima daquele estrépito de palmas, de gritos, de rugidos de indignação, de gargalhadas, que gelavam freqùentemente nos lábios dos que as iam soltar, ouvia-se uma voz esganiçada que bradava e ria, um tinir argentino de guizos, um som baço de adufe; viam-se brilhar dous olhos reluzentes e desvairados num rosto disforme, onde se pintavam o escárnio, o desprêzo, a cólera, o desfaçamento, confundidos e indistintos. Era o bobo, que nesse momento imperava despótico, tirânico, inexorável, convertendo por horas a frágil palheta em scetro de ferro, e erguendo-se altivo sôbre a sua miserável existência como sôbre um trono de rei — mais porventura que trono; porque nesses momentos êle podia dizer: «¡Os reis tambêm são meus servos!».

---

(1) = acerado, de *acero* (*aço* em espanhol) = duro como o aço.

Tal era o aspecto grandioso e póetico daquela entidade social exclusivamente própria da idade-média, padrão levantado à memória da liberdade e igualdade, e às tradições da civilização antiga, no meio dos séculos da gerarquia e da gradação infinita entre homens e homens. Quando, porêm, chamamos miserável à existência do truão, a esta existência que descrevêramos tão folgada e risonha, tão cheia de orgulho, de esplendor, de predomínio, era que nesse instante ela nos aparecera sob outro aspecto, contrário ao primeiro, e todavia não menos real. Passadas estas horas de convivência ou de deleite, que eram como uns óasis na vida triste, dura, trabalhosa e arriscada da meia-idade, o bobo perdia o seu valor momentâneo e voltava à obscuridade, não à obscuridade de um homem, mas à de um animal doméstico. Então os desprezos, as ignomínias, os maus tratos daqueles que em público haviam sido alvos dos ditos agudos do chocarreiro, caiam sôbre a sua cabeça humilhada cerrados como granizo, sem piedade, sem resistênçia, sem limite: era um rei desentronizado; era o tipo e o resumo das mais profundas misérias humanas. Se naqueles olhos então assomassem lágrimas,

essas lagrimas seriam ridículas, e cumpria-lhe tragá-las em silêncio: se um gemido se lhe alevantasse da alma, fôra necessário recalcá-lo; porque lhe responderia uma risada; se a vergonha lhe tingisse as faces, deveria esconder o rosto; porque essa vermelhidão seria bafejada pelo hálito de um dito de torpeza: se uma grande cólera lhe carregasse o gesto, tornar-lhe-iam como remédio um insolente escárnio. Assim, no largo tirocínio de um dificultoso mister, o seu primeiro e capital estudo era varrer da alma todos os afectos, todos os sentimentos nobres, todos os vestígios da dignidade moral; esquecer-se de que havia no mundo justiça, pudor, brio, virtude; esquecer-se de que o primeiro homem entrara no paraíso animado pelo sôpro do Senhor, para só se lembrar que saíra dêle, já precito, por uma inspiração de Satanás.

(*O Bobo*, Cap. II).

SÉCULO XIV

LISBOA NO TEMPO DE D. JOÃO I

Na época em que se passaram os factos contidos nesta história (1), quem, subindo pelo Tejo acima, contemplasse a margem direita do rio teria que ver um painel bem diferente do que ela actualmente apresenta aos olhos do navegante que, afeito às solidões do céu e do oceano, se engolfa na magnificente baía da velha Lisboa. Êsses milhares de edifícios que, semelhantes a uma longa cauda alvacenta, a cidade estira até Pedrouços, acompanhando as sinuosidades da margem, ainda não existiam. Êsse alto, onde hoje campeia o monstruoso fragmento de uma absurda e monstruosa concepção, o palácio egípcio-grego-romano-jesuítico da Ajuda, era uma brenha intratável. Belêm não existia, e pe-

(1) «O Monge de Cister.»

las altas barreiras de Alcântara, entre os barrocais, verdejavam as vinhas, que desciam em anfiteatro até o fundo do vale, por onde êle se vai deslizando preguiçoso e pobre, condições que (diga-se aqui de passagem) dão ao bom do rio um profundo carácter de nacionalidade.

Estas vinhas, misturadas com algumas hortas e olivais, espalhando-se pelas alturas de Buenos-Ayres e estendendo-se para o lado de Santos, espécie de burgo que já se chamava assim, corriam até o outeiro conhecido hoje com o nome de Bairro-alto. Era pela assomada oriental dêste monte que a cidade findava do lado do poente. El-rei D. Fernando I lhe dissera — «não passarás daqui» — e cingira-a com uma cinta de muros, tôrres e barbacãs, que por esta parte corria desde o largo de S. Roque, quási numa linha recta, pelo largo do Loureto e Tesouro-velho até o Ferregial. Foi no ano de 1373 que, vindo el-rei do Alentejo, «começou de cuidar (diz Fernão Lopes) no mal e dapno que o poboo da çidade avia reçebido por duas vezes dos castellãos e como espiçiallmente ouverom gram perda os moradores de fóra da cerca em gramdes e fremosas casas, mujtas alfayas,

e outras riquezas que levar nom poderom comsigo, quando elrei de Castella veo sobre ella; e esto porque mujtas das mais rricas gentes moravom todos fóra em huum gramde e spaçoso arravallde que avia arredor da çidade, des a porta do ferro ataa porta de Santa Catellina, e des a torre d'Alfama ataa porta da crus; e veendo elrei como esta soo çidade era a melhor e mais poderosa de sua terra, e que em ella principalmente estava a perda e defenssom de seu reino, desahi como fora dapnificada dos enimyguos per fogo, e outros malles que avia rrecebidos, de que el tinha gramde semtido; determinou em saa voomtade de a çercar toda arredor, de booa e defemssavell cerca; de guisa que nenhum rei lhe podesse empeecer, salvo com gramde multidom de gente, e fortes artifiçios de guerra».

Êste pensamento, pôsto em execução e levado a cabo em dous anos, salvou daí a pouco Portugal das garras de Castela. Mas quando os tributos da África e as riquezas do Oriente caíram como orvalho sôbre a cidade dos muitos séculos, ela, desmentindo as palavras de D. Fernando e semelhante a um velho carvalho, começou a brotar renovos pelas fendas do seu córtex de pedra.

Dir-se-ia que as armadas portuguesas, carregadas com os despojos do mundo e malsofridas de tanto pêso, iam lançando ao longo da praia, desde a cidade até Restelo, montes de ouro e especiarias, que as mãos dos senhores dos mares convertiam logo em templos e em palácios.

Foi nos fins do século XV e principalmente por todo o XVI que essa cidade maravilhadora de olhos estrangeiros começou a despontar pelo alto de Santa Catarina e a descer risonha para os outeirinhos e vales do ocidente. Até aí, escondida para alêm dos seus muros, abrigada aos pés do seu castelo mourisco, que era apenas o que se via ao longe, como que envergonhada da sua pequenez, confrangia-se e apoquentava-se a si própria na cinta de muralhas de que a cercara D. Fernando, cioso da sua formosura. Era então como a filha donzela e inocentinha do honrado e guerreiro Portugal, bom soldado da idade-média, a quem riquezas de conquistas e embriaguez de glórias fizeram dissoluto, e a dissolução fêz antes da velhice caduco. Lisboa, a sua filha, graciosa, pudica, pura na antiga pobreza, cresceu na abundância e no luxo, quebrou o cinto que lhe dera o último rei da primeira

raça e, trepando o monte ocidental que a encubria, sorriu-se e chamou, como mulher perdida, os estrangeiros que passavam. Êles, mais corrompidos que ela, saciaram-na de vícios e de abominações. Hoje aí está assentada ao pé de seu velho pai. Êle, veterano tonto, afasta os farrapos que o cobrem, mostra as cicatrizes de mil batalhas e, levando a mão à fronte calva, procura os louros de novecentas vitórias; mas as cicatrizes estão cubertas de vermes, e os louros desfolhados por mãos de nações de que há dous ou três séculos havia já tal qual notícia no mundo. Ela, vestida com andrajos de brocado, ainda formosa, mas descorada e abjecta, quer sorrir-se lascivamente aos estranhos; porêm os estranhos que passam, se honestos, seguem avante, meneando a cabeça; se corruptos, passam uma noite no seu regaço e, ao partir no outro dia, cospem-lhe nas faces, dando uma gargalhada.

Cidade, donzela e pura do século XIV, ¿porque rasgaste o teu véu de inocência? ¿Porque quebraste o cinto que te dera o rei que tanto te amou? ¿Quando hás-de tu ser quem fôste, oh terra de D. João I?

— ¿D. João I!? Ora essa! — exclamará algum dos nossos leitores. — ¡Deixai-nos com

D. João I! Pobre bruto, que não sabia nem conhecia nada; nem os falanstérios, nem os charutos da Havana; nem a mnemotécnica, nem a pirotécnica; nem o sistema eleitoral, nem as pílulas de família; nem os cupons, nem as velas de estearina; nem as inscrições, bondes e carapetões, nem os dentes postiços. ¿Que temos nós, homens do progresso, da ilustração, da espevitada e desenganada filosofia, com êsses casmuros ignorantes que morreram há quatrocentos anos?»

Tens razão, leitor. Fecha o livro, que não é para ti.

*

* *

A aldeia de Restelo, situada a uma légua de Lisboa, dentro do distrito chamado desde as épocas mais remotas da monarquia o *reguengo de Algés,* o qual compreendia tôdas as aldeolas e campos ao ocidente e noroeste da cidade, por duas léguas ou mais de distância, era no XIV século habitada em grande parte por mouros forros, que nos arredores grangeavam algumas hortas e pomares, de que ajudavam a abastecer a cidade, ou por pescadores que daí

saíam em seus batéis a pescar no Tejo. Grande parte dêstes pescadores eram também mouros, ou livres ou escravos. Restelo, como quási tôdas as aldeias das cercanias de Lisboa, ainda quási que parecia uma terra muçulmana no fim do século XIV; ainda então avultava entre a raça goda e a cristã a raça africano-árabe. Até esta época, ou antes até quási o fim do século seguinte, as Espanhas ofereciam um fenómeno único, talvez, na história: o de três povos, sectários de três religiões inimigas, vivendo juntos e cada qual adorando Deus a seu modo, sem que por isso viessem às mãos, apesar de tôdas essas crenças serem persuasões profundas e por conseqùência exclusivas. As três religiões eram o cristianismo, o islamismo e o judaismo: o primeiro dominante, o segundo tolerado e o terceiro consentido. Nobres, cavaleiros e o grosso dos burgueses pertenciam ao primeiro; os homens de trabalho, em boa parte, ao segundo; os mercadores, em grande número, ao terceiro. E acima do Evangelho, e da Toura (1) e do Alcorão, havia um livro que fa-

(1) Pentateuco, livro sagrado sôbre o qual juravam os Judeus tolerados em Portugal.

zia o que nunca souberam fazer os comentadores de cada um dêles; um livro que os conciliava. Êste livro era a lei. A lei protegia os diversos cultos nacionais, sem que, todavia, compreendesse inteiramente a tolerância como nós hoje a compreendemos. Nenhuma admiração deve, talvez, causar esta protecção relativamente ao judaismo, porque a favor desta crença falavam as riquezas dos seus sectários; mas o que em verdade espanta é a tolerância, quási diríamos o favor, que achava no ânimo dos legisladores o islamismo. A maioria dos mouros era escrava e pobre, e alêm disso êles tinham sido, havia apenas dous séculos, inimigos armados, adversários duros e senhores das terras que ora cultivavam servos. Ainda, alêm disso, um reino mourisco subsistia em Espanha — Granada — Granada, mãe de valentes soldados e donde podia partir o raio que derribasse mais de uma cruz levantada sôbre mesquita convertida em catedral; e todavia estes homens achavam amparo nas leis dos seus vencedores. Por algumas destas leis, feitas na primeira metade do século XV, chegaram a ficar sujeitos a graves penas aqueles que ousavam ofender êsses desgraçados na única heran-

ça que lhes restava, a religião de seus pais.

Todavia não se creia que os legisladores ou o povo eram tíbios na fé. Como religionário, o cristão detestava ou antes desprezava o mouro e o judeu; como cidadão, vivia e tratava com êle. Nas leis relativas a estas duas raças réprobas não há uma só palavra que revele hesitação ou indiferença religiosa; mas vê-se que à sua promulgação presidiu a sabedoria. O fanatismo cego, bruto e feroz veio-nos com as primeiras luzes de uma falsa civilização, nos fins do século XV, e progrediu com ela por todo o XVI. Dantes, a raça cristã tinha a consciência de uma grande superioridade religiosa e fazia-a valer na legislação; mas não confundia a crueldade com as distinções que nascem da diferença entre o superior e o inferior.

Desta tolerância político-religiosa era prova o que sucedia em Restelo no dia em que a igreja celebra os nomes dos apóstolos Filipe e Tiago. Até os nossos dias durou o antigo costume, que nos herdaram os pagãos, de festejar nesse dia a vinda da primavera; mas, pôsto que a tão grande distância dos séculos de paganismo, esta espé-

cie de culto idólatra estava tão enraìzado no ânimo do povo que foi para êle caso de grande escândalo quando a câmara de Lisboa, querendo pagar a Deus em moeda de boas obras a vitória de Aljubarrota, proìbiu as festas das maias e janeiras «esguardando (diz a postura ou lei municipal) alguns graves peccados que se em esta cidade de mui longos tempos acá faziam, e estremadamente peccados de Dollatria e costumes dapnados dos gentios». E por isso ordenaram os alvazis e os vereadores que daí em diante «nenhuma pessoa nom usasse nem obrasse de feitiços, nem de ligamento (1), nem de chamar os diabos, nem descantações, nem d'obra de veadeira, nem obrasse de carantulas, nem de geitos, nem de sonhos, nem d'encantamentos, nem lançasse roda, nem sortes, nem obrasse de adivinhamentos», — proìbindo igualmente o «medir cincta, e lançar água pela joeira», e rematando por substituir as janeiras e maias com procissões mui devotas, que realmente não deviam divertir tanto o povo

(1) Ligamento, obra de veadeira, etc. = várias práticas de feitiçaria.

como os seus antigos e costumados folguedos.

Todavia, nas comunas dos mouros ou mourarias e nas povoações por êles principalmente habitadas, a lei da câmara não podia por certo ter vigor; porque não estavam sujeitas às usanças cristãs, nem havia aí procissões que remissem as maias para quem não cria em procissões. Nada nos dizem os velhos documentos a êste respeito; mas pelo texto desta autêntica história verá o leitor realizadas as nossas bem fundadas conjecturas.

*

* *

Era o caso que a mourisma da povoação de Restelo festejava naquele dia a maia, tanto mais desafogadamente, quanto os cristãos, coìbidos pela recente postura da câmara de Lisboa, não ousavam vir envolver-se no tumulto, contentando-se com observar, dous aqui, três acolá, às bôcas das vielas e becos, aquele imenso folguedo, chorando lá no fundo de suas almas as bebedeiras que perdiam e as bofetadas e pontapés com que, como de ordinário acon-

tecia nestas festas populares, se desforravam da maior abastança em que mouros e judeus viviam, por serem, regularmente falando, mais sóbrios, laboriosos e económicos que êles, bons discípulos do Evangelho.

— Olha, Marta, — dizia para uma rapariga uma velha muito barriguda que estava assentada à porta da sua casinha, e cujos braços arqueados sôbre o ventre apenas podiam cruzar-se pelas pontas dos dedos — ¿vês aquele perro de Muça como saíu hoje alfanado (1) com sua aljuba (2) nova e sua aljubeta verde, porque a negregada cadela da filha vai fazer de maia...? ¡Pois a sandia! ¿Não queres rir? Gastou dez alnas (3) de ipre (4) azul em uma almexia (5) nova. Olha, sempre te digo, que pai e filha nunca os vi mais néscios.

---

(1) Enfeitado.

(2) Aljuba = vestido talar de largas mangas. *Aljubeta* = especie de colete.

(3) Alna = medida de 3 palmos.

(4) Pano para vestidos.

(5) Sinal que os mouros traziam nos vestidos, por ordem de D. Afonso IV, quando não usavam do seu próprio trajo.

— Ai, tia Domingas, néscio é quem é. Se eu fôsse como aquela descarada, que anda metida com o Rui Casco da almuinha (1), também teria quem me desse, nanja dez alnas de ipre, mas vinte de brocado. Nem me faltariam chapins broslados (2)...

Emquanto esta scena se passava por um cabo da aldeia, saía pelo outro o préstito da maia. A filha de Muça, que fazia o principal papel, vinha cavalgando uma formosa hacanéa (3) levada de rédea por dous rapazes coroados de boninas e rodeada de mancebos e donzelas, do mesmo modo enramados de flores e cantando certas cantigas ao som de adufes (4) e pandeiros, com uma toada mui de folgar. Atrás seguia-se tôda a mourisma de Restelo travada em jogos de espadas, nos quais os pacíficos descendentes dos guerreiros almorávides e almoades se divertiam em fazer a caricatura de seus ilustres avós, ou enredados em

(1) Horta.

(2) Bordados.

(3) Faca grande, cavalgadura de damas ou de personagens.

(4) Espécie de pandeiro com um cascavel entre dois pergaminhos.

coreias vívidas e variadas que só êles sabíam tecer e que por isso eram designadas pelo nome característico de *danças mouriscas.*

Digno do pincel de Hogarth era o quadro que, bem como sôbre uma tela pálida, se desenhava pelo extenso areal que corria entre a povoação e o Tejo. Cada qual tinha tirado à praça os mais ricos trajos que possuía. As diferentes fotas, ou toucas mouriscas, formavam como um xadrez de tôdas as côres, incertas, cambiantes com o agitar e tripudiar da multidão. Os mais ricos vinham vestidos com suas aljubas, vestido talar de mangas largas, sôbre o qual traziam a aljubeta, espécie de colete comprido. Viam-se outros com seus balandraus, vestuário que até hoje conserva o mesmo nome e que as irmandades modernas herdaram dêles, com a única diferença de que os mouriscos tinham uma espécie de escapulário (e essa denominação se lhe dava) cosido pelas costas abaixo, emquanto os que vestiam albornoz usavam o escapulário cosido a êste por diante. Os pobríssimos, e dêste número eram os mouros escravos, cubriam-se com tristes argaus, dos quaís se pode fazer uma idea exacta imaginando duas mantas de lã parda, unidas por uma das extremidades, tendo

apenas na costura o vão necessário para a cabeça. Nesta variedade imensa, que representava o préstito da maia, não faltaria ao debuxador a condição absoluta da arte, o pensamento que devia dar a unidade ao quadro: era êste o sentimento da alegria que ressumbrava em todos os rostos, desde o do grave alcaide ou juiz da comuna até o do mais mesquinho, esfarrapado e sujo dos verdadeiros crentes.

....

*

* *

Quem hoje se encaminhar ao longo da rua vulgarmente chamada dos Capelistas, dobrar o penúltimo quarteirão da Rua-Nova da Princesa e seguir pela rua dos Confeiteiros, caminho da Ribeira-velha, terá passado por cima da sepultura das mais nobres ruínas da antiga Lisboa. A *Rua-nova*, designada assim por antonomásia, passava pouco mais ou menos pelo sítio em que hoje está lançada a Rua-nova de El-rei: a sua origem remontava quási ao berço da monarquia e já no tempo de D. Fernando era o centro da actividade comercial da cida-

de, então freqùentada de estrangeiros de diversas nações, que vinham buscar o nosso trato e comércio. Depois da feitura da nova muralha (1373-5) prolongava-se com esta e vinha findar nas proximidades da moderna igreja de S. Julião pelo lado do ocidente, emquanto pelo tôpo oriental terminava no Pelourinho-velho. Aqui, a povoação dividia-se como em dous troncos: um que, subdividido em muitos ramos de ruas enredadas e escuras, subia para a Alcáçova; outro que seguia ao longo da muralha e ia desembocar fora das Portas-do-mar, no bairro chamado Vila-nova de Gibraltar. Entre estas duas divisões jazia a Alfama, a cuja frente se elevava a velha catedral.

A Alfama fôra no tempo do domínio sarraceno o arrabalde da Lisboa gótica; fôra o bairro casquilho, aristocrático, alindado, culto, quando a *Medina Achbuna* pousava enroscada tristemente no seu ninho de pedra, no que depois se chamou a Alcáçova e hoje o Castelo. Quando, porêm, no século XIII a população cristã, alargando-se para o ocidente, veio expulsar os judeus do seu bairro primitivo, situado na actual cidade baixa, e os encantoou para a parte do sul da catedral, a Alfama foi perdendo gradualmente

a sua importância, e converteu-se afinal num bairro de gente meúda e, sobretudo, de pescadores. A Rua-nova, a aorta de Lisboa, rica de seiva, chamara a redor de si tôda a vida da povoação. A velha judiaria era agora o coração da cidade, e a Alfama, em parte feita plebeia, e judaìzando em parte, viu pender e murchar a sua guapice, transitória e morredoura como tôdas as glórias no mundo.

Nesse bairro, no fim da rua chamada há séculos das Canastras, junto às Portas-do-mar, corria uma casa baixa, mas sólidamente edificada, a qual contrastava com as que lhe estavam próximas pela sua muita antiguidade: duas janelas, cujas vêrgas se arqueavam à feição de uma ferradura, abertas nos dous extremos da frontaria, a igual distância do largo e achatado portal que lhes ficava no meio, desdiziam das frestas ponteagudas e estreitas que davam luz às moradas vizinhas, bem como o portal, igualmente terminado em volta de ferradura, contrastava com as elegantes portadas góticas dos outros edifícios, cujos telhados angulosos e bordados de ameias também diversificavam de teto daquele edifício mourisco, que oferecia aos seus

habitadores um eirado espaçoso, onde pelas madrugadas serenas ou ao pôr do sol de um dia de estio, podiam ir respirar uma viração mais pura, que raras vezes passava pelas ruas tortuosas, estreitas e imundas da velha cidade.

Eram perto de seis horas da tarde do dia seis de Maio do ano de 1389. No pequeno terreiro que dizia, pela parte inferior do muro, para as Portas-do-mar, já mal se divisavam os objectos, porque a noite descia rápidamente do lado oriental, pôsto que ainda o clarão avermelhado do crepúsculo tingisse os altíssimos coruchéus azulejados que serviam de tôpo e remate às tôrres da catedral. Pelo arco escuro e profundo das Portas-do-mar entrava grande multidão de povo meúdo, principalmente pescadores, que se recolhiam antes que a escuridão da noite tornasse mais temerosos os encruzilhados becos e ruas torcidas que davam para o interior de Alfama. Com estes se misturavam os judeus, que, vestidos como os cristãos e divisando-se-lhes escassamente os sinais vermelhos que traziam cosidos na roupa sôbre o estômago, corriam apressados para o seu bairro, situado mais ao oriente junto à Porta de Alfama, no ângulo

da velha cêrca, para lhes não sair da bôlsa a inevitável multa que deviam pagar, sendo encontrados fora da Judiaria depois de terem soado as três fatais badaladas do *sino da oração.* Com igual ou mais rápido movimento se viam branquejar os albornozes alvacentos dos mouros no meio do encontrado perpassar de gente. Mais raros em número que os judeus e seguindo diferente rumo, estes encaminhavam-se para a banda da antiga Porta-de-ferro, donde, atravessando pelo sopé da Alcáçova, desciam para o vale da Mouraria, cujo nome provinha de ser ali situado o bairro onde habitavam e onde, ao mesmo sinal das trindades, eram obrigados a recolher-se, sob pena de castigo igual ao que se impunha aos judeus.

PROCISSÃO DE CORPUS

A PROCISSÃO começa, emfim, a transpor o escuro portal da Sé; os mesteres e magistrados municipais calaram-se, repotreando-se nos balcões dos paços do concelho, forrados de excelentes tecidos de Arrás. O povo, apinhado desde a catedral, pelas Fangas da Padaria abaixo e ao longo da Rua-nova, agita-se, remoinha e vai-se enfileirando aos lados entre as paredes e as duas linhas de postes de madeira, percursores dos frades de pedra que ainda em nosso tempo bordavam os passeios dos arruamentos. É que os trezentos bèsteiros de conto da cidade romperam em batedores para franquearem o passo às pompas variadas, ao mesmo tempo religiosas e lúdicras (1), que constituem a festivida-

---

(1) Divertidas, folionas.

de, nacional por excelência, do *corpo de Deus.*

A primeira scena do espectáculo que enlevava as atenções de tantos milhares de olhos representavam-na os almuinheiros ou hortelões de Valverde (1), de Alvalade (hoje Campo Grande), e de outros sítios ao redor de Lisboa. Doze dêles conduziam sôbre os ombros uma arrazoada máquina de paus e bragais (2) pintados, que representava uma almuinha com os seus alfobres, canteiros, nora, canaviais e hortaliça. Após êles, com insígnias figurativas dos diversos misteres que exercitavam, os vendilhões de pregão, os ganhapães (3) e albardeiros e depois os almocreves e atafoneiros (4) ocupavam um comprido trato da procissão. Seguiam-se os carniceiros em numero de vinte e dous, rodeando dous graves máscaras, que representavam um imperador e um rei, cujos ademanes de gravidade e altiveza ridícula e acanhada revelavam bem que eram rei e

---

(1) O Rossio actual, ou Praça de D. Pedro IV, fazia parte do arrabalde de Valverde.

(3) Panos grossos, lonas.

(2) Trabalhadores.

(4) Moleiros.

imperador de um dia. Igual número de tecelões se metiam de permeio entre aqueles simulacros de rialeza e os peliteiros (1), cuja insígnia era um gato montês, chamado o *gato paúl.* Em seguida dous diabos faziam momices e trejeitos no meio de vinte oleiros, fabricantes de telha e vidreiros, cujo lugar no préstito aquele era. Os merceeiros, vendedores de especiarias e boticários conduziam, logo atrás dos vidreiros, um descomunal gigante, que contrastava com um pequeno anjo que parecia dirigi-lo. Aquela espécie de Golias excedia em altura quatro tôrres de madeira, duas das quais pertenciam aos correeiros, e duas aos cortadores. A imediata representação, ordenada pelos sapateiros, mostrava mais arte e despertava, talvez mais que tôdas as outras, a atenção dos espectadores. Vinha a ser o dragão infernal, sarapintado de vivas côres, que vigiava dous diabos, os quais procuravam induzir dous frades noviços a voltarem aos deleites do mundo, ao que êles mostravam resistir heróicamente, pôsto

(1) *Peliteiro* ou *peliqueiro* = o que prepara pelicas.

que, como de reserva aos dous infernais prègadores, os tosadores (1) acompanhassem dous diabretes espertos, prontos a socorrer os seus discretos colegas. Se, porêm, como autores dramáticos os sapateiros levavam imensa vantagem aos mesteirais dos ofícios imediatos no préstito, nem por isso vinte e quatro alfaiates deixavam de pavonear-se após êles ao redor da serpe tentadora da nossa mãe Eva, a que fazia sombra uma tôrre, solidíssima na aparência. Mas se, pela excelente pintura da sua charola, os alfaiates tinham justos motivos de orgulho, mais justa era a vaidade com que os carpinteiros da Ribeira e os calafates, em número de trinta e oito, arrastavam uma nau e uma galé, armadas e empavesadas de muitas côres, cujos mastros quási que se elevavam à altura dos edifícios, e cujas vêrgas quási topavam com os balcões e frestas da Padaria e passavam a custo pela Porta-do-ferro.

Os pulverulentos pergaminhos conservaram-nos a memória da *representação da*

(1) Tosador = o que tosa ou apara a felpa do estôfo de lã.

dama em que figuravam também dous diabos, e que estava a cargo dos esparteiros. Em que consistia esta *representação* ignoramo-lo hoje; mas se a avaliarmos pelo que sabemos da antiga procissão de *Corpus* em diversas partes do reino, podemos conjecturar que não seria demasiado edificativa.

De todos os outros mesteres, cujos membros, em maior ou menor número, ajudavam a tecer aquela enfiada de scenas ridículas ou brutescas, distinguiam-se, pela singularidade das invenções que ostentavam, primeiramente os pedreiros e carpinteiros pelo seu *engenho* ou máquina de guerra, servida por dous feios demónios, e os armeiros pelo seu *sagitário,* símbolo do soldado peão; e no meio destas duas corporações os tanoeiros, por uma tôrre grandemente historiada e semelhante à dos correeiros e cortadores. Os moedeiros, corretores, tabeliães, e mercadores, como mesteres mais nobres, fechavam aquele extenso séquito. Dansas de espadas, dansas mouriscas, danças de pélas ou mulheres sustentadas sôbre os ombros de outras, bailando e volteando conjuntamente, tudo, emfim, quanto se possa imaginar de caricatura, de burlesco, de doudejante, servia de moldura a êste qua-

dro singular, em cujo tôpo figuravam alguns magistrados municipais, e sôbre o qual flutuavam dezenas de pendões, bandeiras e guiões variegados.

Como contraste a estas visualidades heteróclitas, a esta espécie de sonho de pesadêlo, seguiam-se as comunidades monásticas, mancha escura no dorso daquela imensa cobra que se estirava pelas ruas de Lisboa: frades negros, frades brancos e pretos, frades crisés, frades pardos, frades de tôdas as côres tristes; agostinhos, bentos, bernardos, domínicos, franciscanos, begúinos. Depois um sem número de cavaleiros de Cristo, do Hospital, de Avis, de Santiago, precedidos dos respectivos mestres e comendadores, e seguidos dos freires leigos e serventes de armas. Depois, os magistrados da côrte, os oficiais da coroa e o próprio monarca rodeavam a hóstia triunfante nas mãos do bispo de Lisboa e sustentavam as varas de riquíssimo pálio.

O esplêndido dos trajos cortesãos, as telas custosas das vestes sacerdotais, as renques de tochas acesas que faziam scintilar as lhamas e brocados, os arrazes que, forrando as paredes das ruas, serviam de decoração à scena, os tangeres e folias, que

se entressachavam com os diversos grupos, o sussurro do povo, semelhante ao rugido longínquo do mar, o perfume do incenso, que se espalhava em rolos de fumo transparente, a fragância das murtas e rosmaninhos de que o chão estava juncado — produziam um composto de sensações capazes ainda hoje de excitar o entusiasmo frenético das multidões, quanto mais numa época em que as crenças, tão ardentes como grosseiras e sinceras, santificavam as scenas mais burlescas e, até, mais indecentes, associando-as ao culto e fazendo delas, como diria Sterne, parte instrumental da religião.

No momento em que os quinze ou vinte aprendizes de sovela e tira-pé, encapelados até aos quadris dentro do bojo do drago, espécie classificável entre os sonhos zoológicos de Aldrovando (1) e cujas trinta ou quarenta pernas eram as da rapaziada embebida naquele cavalo de Tróia dos sapateiros ; no momento, dizemos, em que êsses comparsas imberbes forcejavam por fazer dobrar a desconforme aventesma da Padaria para a Rua-nova, uma grande falada, que

(1) Célebre naturalista bolonhês do século XVI.

soava da banda do terreiro da sé, começou a distrair a atenção dos espectadores mais próximos daquele sítio. ¿Era contenda ou arruído popular que se travara?...

(*O monge de Cister,* Cap. XVII).

NOBREZA, BURGUESIA E POVO (1)

PARA que havemos de andar daqui para acolá? — disse do lado, em tom de oráculo, mestre Esteveanes, sapateiro o mais rico de Lisboa, e portanto membro da aristocracia burguesa, homem de ordem, circunspecto, e que não se deixava arrastar pelas paixões populares. — Quem governa, governa. Deixai vós lá o chanceler, que êle bem sabe o que faz e é um grande homem e amigo do povo, e há-de dar cabo destas tiranias e opressões dos fidalgos. ¡Tendes razão, senhor Lourenço Martins: tendes razão! Deixem gritar a arraia meúda. ¿Quem lhe deu direito de

(1) Êste trecho começa por uma discussão entre populares e burgueses sôbre o êxito das reclamações apresentadas pelos procuradores do povo nas Côrtes que acabavam de reünir-se em Lisboa (1380).

andar a grunhir por essas praças e bodegas que as cousas vão mal; que se não fêz isto, que se não resolveu aquilo? Se nós os cidadãos estamos contentes, ¿que teem com a governança e regimento da república êsses ganha-pães que mantemos em nossas oficinas e que só devem cuidar em merecer o salário que lhes damos? ¿Não fazem favor de me explicar aí aos regatões do Pelourinho, aos atafoneiros das Fangas ou aos carniceiros do Matadouro, porque se tiram ou põem os regimentos, as leis e as posturas? Não sei o que diga, mestre Antão, quando vos ouço falar como a ralé mais pífia. Não sei o que diga, nem o que pense de vós.

O autorizado voto do sapateiro ricaço terminou a questão. Mestre Esteveanes era uma parcela rudimental dessa classe média que se ia organizando no meio das transformações sociais da Idade-média, classe cujos caracteres apareciam já no modo de pensar do honrado mester — a má vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna pôs acima dela e um orgulho tirânico para com as camadas inferiores do povo, de entre as quais foi surgindo; — classe egoísta e opressora como a que subs-

tituíu em influência e riqueza, e pior do ela na hipocrisia, tendo na bôca a liberdade, a moral, a justiça, e no coração o desprêzo do pobre e humilde, a cobiça insaciável, a vaidade e a corrupção; classe, enfim, àcêrca da qual a história terá no porvir de lavrar uma sentença ainda mais severa do que essoutra que já pesa sôbre a memória dos ferozes e dissolutos barões e cavaleiros dos séculos de barbaria.

Se, porêm, quanto às doutrinas, a linguagem do mester não era excessivamente ortodoxa, era, quanto aos factos, de extrema exacção.

No meio das paixões que agitavam os espíritos nos meados de 1380 estava, como a aranha no centro da sua teia, o santo homem de João das Regras, que empregava a luta de interêsses opostos em realizar os seus planos. Para converter em proveito da coroa aquela espécie de febre excitada pelas assembleas políticas da nação, era preciso que os concelhos nunca obtivessem uma vitória absoluta e que do complexo dos actos que iam ferir as classes privilegiadas resultasse o conservar-se viva e ardente a mútua malevolência de burgueses e nobres,

mas aparecendo sempre como árbitro e moderador entre uns e outros o poder do scetro.

*

* *

Durante os dias que mediaram desde as scenas descritas no capítulo antecedente até a reùnião solene do parlamento em S. Domingos, o velho doutor de Pisa (1) desenvolvera todos os recursos da sua destreza e actividade.

O triunfo, todavia, do omnipotente valido não fôra só resultado da sua astúcia. A luta da nobreza para defender a própria existência como corpo político, oferece, durante um longo decurso de anos, o espectáculo de contínuos desbaratos dessa casta que, pelas riquezas, pelo número, pelo valor e pelas memórias do passado, parecia dever assombrar perpétuamente o trono e conservar as classes inferiores na servidão. Êste fenómeno, que terminou pela ruína completa da fidalguia no reinado de D. João II, singular ao primeiro

(1) João das Regras.

aspecto, tem explicação fácil. Era uma necessidade para o progresso da civilização; resultava do modo de ser da sociedade. João das Regras não fazia mais do que ordenar melhor o combate, defini-lo mais claramente e apressar o seu desfecho. Noutra qualquer época, o discípulo de Bártolo não se distinguiria, talvez, na série dos ministros e privados que, pelo menos desde o reinado de D. Dinis, combateram a quási independência dos orgulhosos barões do Reino e que por isso favoreceram a emancipação do povo. Eram em grande parte as circunstâncias que punham agora em relêvo o génio indubitávelmente superior do chanceler e que lhe deram na história um alto lugar entre os estadistas eminentes.

Pôsto que aos nobres não faltassem chefes hábeis, nem ousadia para sustentar os seus privilégios, nem, finalmente, êsse instinto de vida que se dá nos corpos colectivos do mesmo modo que nos indivíduos, existiam dous factos que lhes invalidavam os meios de resistência contra os seus terríveis adversários: os concelhos e os juristas. Êsses dous factos eram, por um lado a falta de uma opinião precisa e uniforme

entre êles, àcêrca da questão de dinastia e de independência nacional; e por outro a persuasão comum, estribada em mil exemplos, de que a paz, a justiça e a liberdade só poderiam preponderar pelo triunfo completo do poder do rei contra as classes privilegiadas. Esta persuasão geral dera, digamos assim, uma fôrça irresistível à monarquia, que era, enfim, chamada a exercer uma influência quási exclusiva no desenvolvimento da civilização do país. O papel de uma grande parte das mais nobres famílias, na grave questão de independência que a morte de D. Fernando suscitara, não fôra por certo, como o leitor sabe, nem o do patriotismo, nem o da lialdade; e os cálculos interesseiros, as ligações de linhagem tinham tomado o passo, entre essas famílias, a tôdas as outras considerações. Muitos fidalgos seguiram a parcialidade de Castela, porque a fortuna parecia dever-se inclinar para aquele lado; muitos esperaram o desfecho da contenda, conservando-se numa situação dúbia; muitos, enfim, ainda depois das vitórias do mestre de Avis, ao primeiro capricho não satisfeito, à primeira pretensão desprezada, não hesitavam em desertar dos estandartes sa-

crossantos da Pátria para virem combater contra ela à sombra dos pendões estranjeiros, e em voltarem depois, por desgostos com o príncipe castelhano, ao serviço do rei natural, que haviam abandonado. Ao lado dêstes homens sem pudor e sem fé aparecem na história os ânimos nobres e grandiosos que, pela devoção e lialdade ao chefe da nova dinastia e à liberdade nacional, constrastam profundamente com êsses outros caracteres repugnantes e torpes. A conseqüência dêste proceder contraditório, desta flutuação de opiniões, era o enfraquecimento da fôrça moral, e ainda material, da casta privilegiada. Por outra parte, a revolução que colocara no trono o filho bastardo de Pedro I fôra essencialmente popular, e os homens dos concelhos, que, sitiando os orgulhosos alcaides dos castelos, acometendo os solares senhoriais, opondo a partazana (1) e o machado peão à lança e à espada do cavaleiro, tinham reduzido castelos, enlameado com os pés ludrosos (2) aposentos de paços, varrido as lanças e mon-

(1) Espécie de alabarda.
(2) = sujos.

tantes com as chuças e almarcovas (1), haviam ganhado a fôrça que resulta sempre da unidade de pensamento, do entusiasmo ardente e da confiança gerada pelo hábito do triunfo.

A aliança do rei com os concelhos era antiga: começara no berço da monarquia. O povo interessava em que o poder desta vigorasse dilatando-se, porque era êsse o meio de se libertar das tiranias locais; o rei interessava em que os concelhos fôssem poderosos e livres, porque eram a alavanca mais bem temperada para aluir a independência da aristocracia e fazê-la cair despedaçada em volta do seu trono. A revolução de 1384 tornava mais íntima esta aliança, ao passo que dividia os adversários e alêm disso os enfraquecia, escrevendo na frente de muitos o ferrete de desliais.

Para acabar de destruir a preponderância e até o equilíbrio dos elementos políticos, a pena do jurista (mais pesada que o montante do soldado, porque representava

---

(1) *Chuça* ou *chuço* — vara armada de aguilhão ou choupa. *Almarcova* — varapau, tranca ou fueiro (Fr. Domingos Vieira); espécie de cutelo (C. de Figueiredo).

a inteligência) achava-se na balança do lado do scetro. Educados na admiração da sociedade romana na época do Império, deslumbrados pela indubitável superioridade das suas instituìções civis sôbre as rudes e incompletas usanças tradicionais da Idade-média, os *letrados* acolhiam com o mesmo culto supersticioso as máximas da política despótica dos césares. A sciência do direito romano, à qual a sociedade civil moderna deve muito—deve talvez tudo—foi quem, para desconto, trouxe o absolutismo às nações cuja índole política era de origem germânica e liberal. No regaço da ordem, da equidade, da harmonia nas relações da vida comum, passou aninhada a tirania simples e culta, a tirania respeitadora *do meu e do teu,* vingadora dos crimes, grandiosa, ilustrada, mas implacável contra aquele que dissesse «*o pensamento e a língua do homem são livres*», e que se atrevesse a suspeitar que a rialeza fôsse uma delegação humana e não um símbolo da omnipotência de Deus.

Dêste modo, a aliança tríplice da unidade monárquica, da sciência e do princípio de associação, cuja forma mais bela, mais enérgica, mais vivaz, tem sido e será sem-

pre o município, era uma coalisão que se tornava em tôda a Europa cada vez mais ameaçadora para a casta privilegiada, mas que em Portugal actuava com dobrada violência na época de D. João I, pelas circunstâncias a que já aludimos. É por isso que, apesar de tantos caracteres elevados e de tantos homens valentes e cheios de amor da pátria que então surgiram das fileiras aristocráticas; apesar da índole cavaleirosa do príncipe, das riquezas da fidalguia e das instituìções e costumes que, recordando a todo o momento o poder dos antigos ricos-homens e infanções, deviam dar imensa fôrça moral e material aos seus descendentes—a decadência da nobreza como elemento político era rápida e decisiva, e será perceptível para qualquer que leia a história dos fins da Idade-média. A ideia contrária a ela era a ideia progressiva. O ciclo da monarquia absoluta mandava já do oriente os seus primeiros clarões. A Providência assim o ordenara, e o combater e o estrebuxar do privilégio, que queria viver de vida própria, eram vãos, porque não podiam chegar a uma causa final e faltava-lhes apenas um século para se tornarem impossíveis.

João das Regras era o nó da tríplice aliança; era o homem da ideia juvenil. Nunálvares, chefe da nobreza, o homem da ideia gasta e decadente. O legista, alma rasteira, prosaica, astuta, positiva e talvez negra, levava de vencida o mais ilustre homem de armas de Portugal, alma grande, generosa, lial e poética. Transportada a questão do complexo social para o indivíduo, a verdade é que o mau triunfava do bom, a velhacaria da franqueza...

(*O Monge de Cister,* Cap. XVII).

UM SARAU NOS PAÇOS DE S. MARTINHO

O SARAU que naquela noute se dava nos paços de S. Martinho fôra ordenado por el-rei semanas antes, para servir como de complemento à procissão de Corpus. Era uma galantaria feita à rainha, à bela filha de João de Ghaunt, habituada aos festejos que em Londres costumavam seguir-se àquela célebre solenidade. O mestre de Avis, se não adoptara o sistema faceto de seu pai—o grande rei, grande algoz e grande jogral D. Pedro I—que usava folgar com os vilãos, correndo as ruas de Lisboa no meio das guinolas (1) e folias com que era costume receber os reis, quando, depois de mais dilatada ausência, voltavam

(1) Guinola parece ser mascarada de vários vestidos e côres. (Morais, *Dic.*)

à sua boa cidade, herdara, todavia, dêle bastante humor jovial para não perder um ensejo de lisonjear sua mulher e de esquecer no meio das festas — conforme dizia ao chanceler — o pesado encargo da coroa, adoçando ao mesmo tempo, pela espécie de mútua benevolência que inspira a comunidade de sensações, quer de prazer, quer de dor, os ódios que ardiam solapados na côrte pelos ressentimentos nascidos das contendas políticas.

Ao cair do dia, as janelas do paço estavam iluminadas interior e exteriormente. Centenares de tochas, que, prolongando-se ao correr das paredes, se prendiam nelas por braços de metal pulido, e grandes lampadários, que desciam por cadeias de ferro dourado das abóbadas artesoadas, (1) convertiam em dia claro as trevas da noute pelos átrios, escadas, galerias e aposentos, cubertos de alto a baixo de arrases, onde se viam trasladados pela agulha e pela lançadeira os mais célebres personagens da antiguidade, cuja existência e aventuras a pobre

(1) = ornadas de *artesões*. O artesão era o lavor que se fazia nos tetos dos templos, imitando os vasos de amassar pão (teto em forma de masseira).

erudição dos artífices extravagantemente baralhara. Príamo, Alexandre, Aristóteles, Moisés, Arão e muitos outros, amarrados a essas extensas telas, se nos letreiros que lhes faziam sair das bôcas proferiam os maiores absurdos históricos, protestavam também mudamente contra a anacrónica violência com que os passeavam através dos séculos, e contra as aleives que lhes assacavam. Não era dificultoso, ao subir uma escada ou ao transpor uma galeria, encontrar o grão mágico Aristóteles, armado de cervilheira, cota e braçais, com sua besta nas mãos, prestes a disparar o virote ao peito dalgum centauro; o guerreiro macedónio, de cruz vermelha nos peitos e ombros, e cavalgando em cavalo acubertado, no acto de brandir o montante contra um aduar de mourisma às portas de Jerusalêm; Príamo atarefado com seus filhos Ajax e Aquiles em construir as muralhas de Constantinopola; ou finalmente Arão, paramentado e de mitra e bago (1) à porta de catedral gótica. Tudo isto e muito mais representavam aquelas variadas colgaduras,

(1) = báculo.

sem falar dos monstros e arabescos, que a fértil e enfêrma imaginação dos artífices daquelas eras estampava por tôda a parte, desde a portada do templo até as pinturas das telas e dos códices, ou até os bestiães (1) e lavores das taças e agomias de prata.

Se, porêm, os disparates de invenção e as incorrecções de desenho dos historiados arrases arrancariam hoje apenas um sorriso de lástima insultuosa ao artista mais humilde, a palheta moderna teria talvez de envergonhar-se das suas mais vivas côres, comparadas às dêsses quadros imensos, que se dilatavam por tôdas as paredes e que harmonizavam com as abóbadas artesoadas, cubertas de ouro nos pendurόis e bocetes (2) sôbre o chão pálido ou escuro do mármore ou do lenho, e com as laçarias das almofadas, epopeias de escultura escritas a cinzel e a buril nas lájeas e nos madeiros rendilhados dos tetos esguios. De lá, os grifos (3) os dragões, as alimárias com face

(1) = relevos.

(2) = enfeites ao modo de cabeças de prego convexas.

(3) = animais fabulosos, de corpo misto de águia e leão.

humana, os répteis mais extravagantes, os rostos mais doudos, transfigurados e impossíveis, pareciam mirar o que se passava cá em baixo. Era um mundo estranho, misterioso, brilhante, que se pendurava para enxergar o homem, para se rir dêle, para o apupar, para lhe fazer visagens e negaças, como essas figuras gravadas nas impostas (1) do portal da sé de Lisboa que tem podido escapar ao dente voraz dos séculos, ao boião canonical e aos acantos, repolhos e caramujos da arte greco-pateta (2).

E debaixo dêstes tetos, e no meio dêstes panos, por entre as catadupas de luz directa e reflexa, que em ondas se entornava de centenares de tochas e lampadários, ou se refrangia nas vívidas colgaduras e nos relevos dourados, passavam bandos de cavaleiros, acotovelavam-se os momos (3) ruíam as dansas mouriscas e judaicas e as

---

(1) = cornijas.

(2) *Boião canonical, acantos, repolhos e caramujos da arte greco-pateta* = expressões irónicas com que Herculano fulmina a arquitectura da Renascença, mostrando preferir a gótica ou ogival.

(3) = actores mímicos. Adiante aparece a mesma palavra *momo* tomada no sentido de *representação mímica.*

coreias de ninfas, porque até a existência das ninfas chegava a erudição vulgar dêsses tempos. Aqui, dous gordos anões de el-rei, trajando roupas fantásticas, rolavam-se por entre as pernas de um cavaleiro velho, que parara em passagem estreita para explicar a alguns escudeiros menos letrados um D. Absalão, pendurado de árvore ramosa pelos cabelos e traspassado por três ascumas despedidas pelo marechal do santo rei David, D. Joab, cavaleiro de bom corpo, que na tela escriturística (1) representava ter duas alturas da árvore fatal. Acolá, vários pagens travessos riam às gargalhadas, impedindo o passo a três fadas que forcejavam por entrar no principal aposento, onde tinham de representar um papel importante nos momos que iam começar. No meio do tumulto ouvia-se o tinir argentino dos cascavéis de três ou quatro maninelos, que rompiam apressados por entre a turba e que eram um refôrço procurado, com permissão de el-rei, por Alé, (2) cuja voz em fal-

---

(1) = cujo assunto era tirado da Escritura Sagrada.

(2) *Ale* era o nome de um truão, maninelo ou bobo árabe, personagem importante da novela a que pertence êste excerto.

sete restrugia lá dentro por cima dos sons dos instrumentos que buscavam afinar-se. Ás vezes a voz do truão sumia-se no estrondo das risadas.

A sala principal, ou da côrte, era um vasto paralelogramo, que duas séries de pilares polistilos (1) dividiam em três naves. Sôbre os listetos (2) das cornijas dos pedestais, amplamente ressaltados ou, antes, dos estilobates (3) comuns dos colunelos enfeixados que constituíam os pilares, pousavam armaduras completas, que simulavam dezenas de homens de armas observando o tropel ondeante que lhes remoinhava em volta. Nos topos das colunas e das mísulas que nas paredes laterais lhes correspondiam, colocadas em cima dos ábacos (4) e presas aos saiméis (5) das voltas ponteagudas, viam-se, nuns cabeças mirradas de cervos com galhos desconformes, ou trombas de javalis cujos colmilhos pulidos e alvejando faziam singular efeito; noutros, múmias de

(1) = de onde sobem muitas colunas.

(2) = ressaltos, saliências.

(3) = socos, pedestais.

(4) = pedras superiores dos capitéis das colunas.

(5) O *saimel* era a primeira pedra da cimalha, donde nascia a volta do arco.

gerifaltes e de nebris, com as pernas metidas nos piozes (1) e tão naturais que pareciam vivos, bem como figuras de galgos e lebréus no acto de remeter. Em baixo as imagens da guerra, e em cima as da caça, simbolizavam a bem dizer a existência inteira de um príncipe, barão ou rico-homem daquele e dos antecedentes séculos, sobretudo a do mestre de Avis, de cuja índole militar e de cuja paixão pela montaria e altanaria nos restam não equívocos documentos. Os lampadários e tochas, ainda mais profusamente espalhados pela imensa quadra do que pelos aposentos contíguos e pelas escadas e galerias que para ali conduziam, tornavam perfeitamente distintas as belas linhas perpendiculares dos feixes de colunelos, as estrias dos ribetes (2) as subtis laçarias e bestiães do teto de castanho almofadado, as tintas mais vivas aqui, se era possível, e os desenhos mais correctos, das tapeçarias que, descendo de entre as mísulas, forravam as quatro faces daquela magnífica sala.

---

(1) = peias; correias que se prendem aos pés dos falcões e outras aves de volataria.

(2) = fitas de acairelar, guarnições, faxas.

Mas o que, mais que tudo, deslumbraria olhos só afeitos à monótona e mesquinha singeleza dos trajos modernos seriam as roupas variegadas dos cavaleiros que nessa noite circulavam pelos paços de apar S. Martinho. Era mais que todos os matizes do prado na primavera; era um íris imenso, retalhado em pequenos fragmentos, que remoinhasse sôbre chão de estrêlas. As capas de desvairadas côres, orladas de lhama de ouro ou de prata; as jorneias (1) decotadas, deixando entrever as golas e peitilhos bordados dos gibanetes (2) divididas em duas côres, que o rigor da moda exigia contrastassem as das capas; as calças ou meias justas, que, repetindo as côres da jórnea, mas trocadas, desenhavam como estas, que se apertavam com cintos de ouropel ou de argempel (3) as formas atléticas e elegantes dos moços escudeiros e cavaleiros, formavam um todo cambiante e fantástico, de que di-

(1) = espécie de corpete ou gibão, em geral de veludo, ás escamas ou meias canas.

(2) = gibões de ferro. Aqui parece significar as vestes interiores de pano, sôbre que assentavam as jorneias.

(3) *Ouropel ou argempel* — casquinha de ouro ou de prata.

ficultosamente alcançam dar uma semelhança incompleta e pálida as faculdades inventivas, às vezes bem pouco históricas, dos adereçadores do teatro ou as máscaras mais delicadas do carnaval — única espécie não absolutamente sem-saborona e triste das nossas festas actuais.

O sarau antigo reùnia em si essas duas formas de espectáculo. Então, o segundo era mais variado e grandioso, pôsto que o primeiro fôsse desengenhoso e bárbaro. Os momos, todavia, continham o embrião do moderno drama: eram quási o carro de Téspis. De ordinário, consistiam em alegorias que, próxima ou remotamente, se ligavam com sucessos recentes e notáveis. As visualidades constituíam a parte essencial dessas scenas informes, onde apenas algum monólogo extemporâneo se misturava com os trejeitos e visagens de uma pantomima extravagante e exagerada, a qual fizera atribuir aos actores de semelhantes representações o epíteto de *trejeitadores*. As bufonarias dos chocarreiros que aí figuravam eram as delícias dos príncipes e senhores, e os ditérios (1) e alusões, muitas

(1) = piques, remoques.

vezes grosseiros, ofensivos e indecentes, parece que não se estranhavam, nem sequer na presença das damas, e corriam como boa moeda. Assim, o truão, bobo ou bufão era uma casta de animal indispensável nos alcáceres régios e senhoriais; um contraveneno do tédio, pronto sempre para encher o vácuo das horas de enfadamento; e é por isso que nos documentos, nas leis e nas crónicas dos diversos reinos das Espanhas, se encontram não raras memórias dêsses domésticos representadores dos *momos*, *arremedilhos e escárnios.*

Acima do bobo ou maninelo, mas confundido às vezes com êle, estava o jogral. O jogral era conjuntamente instrumentista, bailarino, cantor e, até, improvisador. Em velhos manuscritos de trovas e cantigas, muitas das quais eram composições de ilustres cavaleiros, de ricos-homens e até de monarcas, encontram-se ainda sinais que indicavam o tonilho (1) que devia acompanhar os ritmos dos trovadores repetidos pelo jogral. Dos intrumentos de que usavam êsses cantores professos, ora sérios ora jocosos, restam-nos ainda desenhadas as formas, mais

(1) = ária.

ou menos confusamente, nas iluminuras contemporâneas. Ali se vêem os adufes (1) pouco diferentes dos modernos, e as castanhetas, cuja forma de pequenos paralelogramos as distingue das hoje usadas. O som dêstes instrumentos semi-bárbaros, segundo o que se pode coligir daquelas iluminuras, marcava o compasso às danças dos jograis e das pelas ou jogralezas, de que tambêm há memória. Outros, como o laúde, a guitarra, a harpa, a aiabeba (2) a rebéca, o anafil, (3) as charamelas, o órgão, compunham as orquestras, aproximando-se mais ou menos no feitio aos que ainda subsistem e contribuindo com as suas vozes melodiosas ou estrugidoras para os desenfados e folgares dos festins e saraus.

Com estes elementos, a imaginação do leitor reduzirá fácilmente a um quadro que não se afastará demasiado da verdade a agitação e o estrépito que iria nos paços de S. Martinho depois do anoutecer. Havia, porêm, uma circunstância que precedera isso tudo

(1) = pandeiros.

(2) = arrabil; espécie de rabeca, de braço mais comprido e côrpo mais largo que os da hoje usada.

(3) = trombeta direita.

e que êle não pode adivinhar, porque nascera de certa usança hoje esquecida. O comerem em público os príncipes era uma espécie, ora de prólogo, ora de entremeio, nas festas riais; e a D. João I ocorrera naturalmente a ideia de tomar na sala do sarau a leve colação chamada *merenda*, costumeira gastronómica essencialmente portuguesa e que remonta sem dúvida àquela época e com probabilidade às anteriores. Dous estrados, distintos pela diversa elevação, ocupavam um dos topos do espaçoso aposento. A mesa de el-rei e de sua mulher estava no plano mais alto; no inferior a dos oficiais da coroa, dos barões e alcaides-mores, que acidentalmente se achavam na côrte e que, colocados de um lado pela ordem das categorias, ficavam fronteiros às damas de D. Filipa, as quais na mesma ordem ocupavam o outro lado. A hora para começar a merenda pública, intróito ao sarau, fôra designada para antes do sol-pôsto, e por isso D. João I partira um tanto ex-abrupto do gabinete particular.

Era noute fechada. A colação acabara justamente no instante em que o sino de completas principiava a despedir da tôrre da catedral as suas badaladas lentas e uni-

formes. A um sinal do mestre-sala Luís Álvares Pires, que em pé atrás da cadeira de el-rei recebia as ordens do monarca, os cavaleiros e damas ergueram-se. Alevantando-se após êles, D. João I deu a mão à rainha e dirigiu-se para uma tribuna rasa, donde melhor se podia gozar o espectáculo dos momos, para os quais fôra reservada a nave central, onde os menestréis, charameleiros e jograis instrumentistas preludiavam já com vários tonilhos e retornelos de guerra e de caça.

No tôpo fronteiro ao dos estrados era o ádito principal do aposento, que se abrira de par em par. Em frente dilatava-se galeria magnífica, terminada numa espécie de pórtico ou átrio circular, donde partiam vários corredores que ligavam os diversos lanços do palácio. Alguns cavaleiros que ainda conversavam em grupos nesta galeria e neste pórtico, logo que el-rei se ergueu e se fêz sinal de que os momos iam começar, entraram precipitadamente na sala...

(*O Monge de Cistér*, Cap. XXV).

FIM

ÍNDICE

Século XII

Século XIV

ERRATA

Na página 109, *Huáli* leia-se *uáli*

» » 130, *hajebe* leia-se *hágebe*

» » 137, *Nuirate-edia* leia-se *Nuiratadia*

» » » *Aiecha* leia-se *Aíxa*

ANTOLOGIA PORTUGUESA

PLANO GERAL

Salvo poucas excepções, de que beneficiam três ou quatro das suas melhores jóias, o tesouro da literatura nacional mantêm-se ainda hoje quási inacessível ao maior número, pois continua enterrado profundamente, ou na própria massa volumosa da obra de vários autores, ou na antiguidade e raridade das edições de muitos outros, ou ainda no aspecto material rebarbativo de certas exumações realizadas modernamente.

Pareceu, pois, oportuno aos iniciadores desta *Antologia Portuguesa* oferecer ao público uma colecção ou biblioteca onde fique arquivada e concentrada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas.

O que se pretende é pôr a alcance dos olhos da

gente moça que começa a escrever, e das famílias cuidadosas da boa educação portuguesa dos seus filhos, e ainda dos mestres e estudantes da língua e literatura maternas, um copioso panorama de *lugares selectos* que possam entrar em tôda a parte, convir do ponto de vista moral a tôdas as idades e atrair, pela leveza e modernidade da apresentação material, todos aqueles espíritos que logo fogem apavorados à menor aragem do antigo, do sério e do pesado.

Banidos ficam assim desta emprêsa, liminarmente, quaisquer intuitos ou ademanes de erudição, que não vestiriam bem à nossa áurea mediocridade, nem quadram à essência do nosso propósito. Se o que queremos é chamar muita gente, para que admire connosco, ¿como iríamos afugentá-la, espantando-a e aterrando-a com ares misteriosos de beneditinos e de sábios? Convidamos o leitor para um sarau, e não para uma aula, sabendo bem, aliás, que há saraus onde se aprende e aulas onde se goza; mas sabendo, outrossim, que o mestre desejoso de ter alunos, quando a freqüência é livre, evita fazer o ensino maçador, ou desiste de ensinar tudo de uma vez.

Não queremos que os nossos volumes tenham o aspecto de velhos compêndios, mas que vistam à moda, como as mais recentes novelas ou livros de versos. Por isso fugiremos com empenho

às copiosas anotações e às longas dissertações críticas; e esperamos nunca perder de vista, ao organizar a nossa escolha, a vantagem de dourar a pílula, antes de oferecê-la ao paladar biqueiro da gente moça ou leviana. Poremos assim muitas vezes, sem cerimónia, títulos nossos e novos aos trechos que apresentarmos; não duvidaremos, quando tal convenha ao nosso objecto, condensar e abreviar o texto autêntico por supressão de períodos e de passos mais ou menos longos, e mais ou menos indigestos ou impróprios; e, com risco de que os eruditos nos alcunhem de sacrílegos, havemos de eliminar, na nossa reprodução, a maior parte, ou a quási totalidade, das transcrições latinas e das citações de fontes, umas e outras não só inúteis, mas até nocivas, ao plano que traçamos, de atrair os irreflectidos, os fúteis e os apressados ao aprêço e convívio dos melhores modelos da nossa literatura.

Convêm dizer, visto terem carácter espiritual ou religioso tantas obras dos nossos melhores prosadores, sobretudo de Quinhentos e Seiscentos, que os livros ou trechos puramente místicos serão excluídos da *Antologia*, quando os não recomende algum altíssimo interêsse de beleza formal. Ficarão mais bem situados e serão mais justa e sériamente apreciados, quando alguêm se lembre de os arquivar e seleccionar, como merecem tan-

tos, em antologias própriamente religiosas, destinadas a leigos.

A *Antologia Portuguesa* adoptará naturalmente, salvo casos especiais, a nova ortografia oficial, não só por ser aquela em que estão sendo industriadas as gerações que despontam, mas ainda porque, sejam quais forem os inconvenientes da norma vigente, cumpre segui-la, ou (se preferem) suportá-la, sob pena de continuarmos e agravarmos a anarquia que ela pretendeu remediar.

Além da ortografia será também modernizada a pontuação. O que se considera primordial ou essencial na lição dos clássicos antigos e modernos, é o vocabulário, a sintaxe e o estilo; e para tornar acessíveis ao grande público estas riquezas intrínsecas, convêm que discretamente se arrede tudo quanto, sendo acessório ou secundário do ponto de vista artístico e literário, que é o nosso, repugne ao gôsto e costumes da época e assim amedronte sem vantagem aqueles que desejamos atrair.

Para auxiliar a leitura virão explicadas em glossários ou notas curtas, consoante os casos, as particularidades de vocabulário ou sintaxe que, para o leitor de cultura mediana, possam assumir carácter de dificuldades. Cada escritor será biografado e explicado literáriamente, numa sucinta *introdução* sem pretensões de crítica sábia;

e uma nota bibliográfica das obras e edições respectivas guiará às bibliotecas eruditas ou livrarias comerciais qualquer leitor que consigamos converter ao culto assíduo dos bons autores.

Em regra irá cada mocho a seu soito: a cada escritor caberá seu volume; o que naturalmente não impede a concessão de mais de um tômo a certos que o mereçam por vastidão e valor da sua obra, ou, ao contrário, o alojamento de dois ou mais em sociedade, quando sejam menores o homem, a produção, ou a importância de uma e outro.

A *Antologia Portuguesa* não se encerrará nos limites do campo, aliás vasto, dos velhos escritores clássicos e de todos aqueles bons poetas e prosadores portugueses cuja obra caíu já, segundo o nosso direito civil, no domínio público. Na respectiva colecção hão-de ser incluídas também antologias de escritores contemporâneos, e até vivos, cuja produção seja bastante extensa, bastante nacional e bastante apreciada do público, para tornar recomendável a sua inclusão nesta biblioteca literária de bons modelos. Para tal efeito a casa editora a quem incumbe a parte material e financeira do empreendimento tem no seu fundo de livraria a propriedade literária, integral ou limitada, dos livros de muito bons autores nossos, entre os quais bastará citar as obras

de Alexandre Herculano; e promete empregar os seus melhores esforços em conseguir de outros autores e editores a indispensável autorização legal para que as suas produções sejam largamente extractadas na *Antologia.* Assim o fêz já para as obras de Camilo e de Eça de Queiroz: assim está disposta a proceder com as de outros ilustres escritores contemporâneos, mortos ou vivos, cujos autores ou editores se disponham a auxiliá-la nesta emprêsa de patriotismo, de educação, e de amor da língua e da literatura nacionais.

Fica assim explicada, em todos os seus intuitos e aspectos, a tarefa a que se abalança, com elevada compreensão do que deve às suas velhas tradições e aos seus justíssimos créditos, a Livraria Aillaud. Resta agora que o público estime pelo seu exacto valor, e auxilie com a merecida aceitação, o patriótico empreendimento. Resta, emfim, que Deus nos dê a nós, que temeráriamente aceitámos o encargo de organizar e dirigir a *Antologia Portuguesa,* a inteligência, o critério e o bom gôsto necessários ao desempenho de tão honrosa comissão.

Lisboa, 29 de Maio de 1919.

A. de C.